

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFOS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: DIBOA

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

MÉTODOS E INSTITUIÇÕES

O quotidiano madrilenho «Ya», que reflecte de algum modo a opinião católica da Espanha, escrevia num dos seus ultimos numeros, referindo-se a uma possível, e desejável, renovação dos princípios governativos que informam o regime,

que «a autoridade não é o unico principio configurador da vida pública». E acrescentava: «As liberdades civicas têm o seu lugar próprio insubstituível no dinamismo político e social. Se em ocasiões de emergência podem sofrer restrições drásticas motivadas por circunstancias excepcionais, a elasticidade própria das liberdades civicas pede que, passada a hora de excepção, voltem aquelas a adquirir o seu volume e forma normais».

«Como a representação popular — prossegue o articulista — constitui o fundamento e a garantia do quadro de liberdades, é indispensável que recaia também sobre aquela esse processo de recuperação e ampliação de faculdades... O problema da representação, mais do que uma questão de estruturas, que são muito importantes, é um problema de eficácia e de autenticidade. São estas, em definitivo, as que actuam como critério definidor da bondade dos sistemas. Se a seiva popular que a representação contém sobe com impulso próprio até

(Continua na página seguinte)

Começou esta madrugada a operação do realojamento das populações sinistradas de São Jorge nas zonas de menor perigo

(Do nosso enviado especial Edgar de Carvalho)

CALHETA, 27 — Um dia magnifico, com sol pálido e cinzento, teve o condão de dar um pouco mais de ânimo à gente de S. Jorge. Por outro lado, os rancos subterrâneos estão mais calados e das 12 horas de ontem às 10 de hoje (hora de Lisboa), apenas se registaram quatro pequenos sismos. Ontem às 15 e 55 e às 16, hora local, a terra estremeceu, precisamente quando estávamos em Velas. O Observatório da Horta informou-

nos de que esses dois abalos telúricos foram do grau 2 em S. Jorge e do grau 1 no Faial. A meia noite houve um novo microsismo do grau 2, aqui em S. Jorge, o qual foi sentido, também, no Faial e na Terceira, mas com o grau 1. As 4 e 39 da madrugada, hora local, verificou-se outro pequeno sismo sem significado imediato.

O primeiro daqueles deu-se meia hora depois de ter pousado em Velas o helicóptero norte-americano em que viajavam o comandante da zona

cado da sua presença, com as implicações da promessa das providências necessárias.

Os bons e sacrificados jorgenses não ficarão desamparados. Assim, já hoje de madrugada, os engs. José Maria Melo, vice-presidente da Câmara Municipal de Velas, e Aníbal Valente, director dos Serviços de Urbanização dos Açores, iniciaram os trabalhos pormenorizados da avaliação dos estragos, a fim de se elaborar uma estimativa de carac-

Santo Amaro, local onde continua, porém, a existir uma barragem militar de «controle» de passagens. Também se construíram e vão construir mais tendas de tábuas onde possam ser instalados os pastores e donos de pastos, a fim de se evitar perdas de leite, de crias e do próprio gado. Este começa o período da cria e já alguns vitelinhos recém-nascidos morreram por falta de assistência permanente. Apareceram, ao mesmo tempo, alguns casos de vacas com a febre do leite, devido ao descontrolo da ordenha. Por outro lado, os gados que andam ao deus-dará estão a prejudicar grandemente as culturas de erva de casta, destinadas à sementeira do milho. Apesar de tudo, as perdas de gado não serão grandes nem significativa.

Estes problemas, no entanto, começam hoje a ser solucionados com a construção dos abarracamentos

(Continua na 16.ª página)

UM DESASTRE AÉREO

CAUSOU 20 MORTOS

TÓQUIO, 27. — (R.). — Um avião de transporte japonês, com 42 pessoas a bordo, despenhou-se, hoje, no aeroporto de Oita, em Kyushu, a ilha mais ao sul do Japão e, segundo a Radiodifusão japonesa, teriam perecido 20 pessoas.

O avião, um «Convair 240» incendiou-se.

Está em preparação

um encontro

Nehru-Chu En Lai?

COLOMBO, 27. — (F. P.). — Começaram esta manhã as conversações do primeiro-ministro de Ceilão, sr. Sirimavo Bandaranaike, com o chefe do Governo da China Popular.

Antes das conversações, os automóveis que levaram Chu En Lai e os seus colaboradores a uns 40 quilómetros da capital, onde o primeiro-ministro chinês devia colocar um ramo de flores no túmulo do esposo da sr. Bandaranaike, por pouco não foram colhidos por um comboio, numa passagem de nível.

Com efeito, um «rápido», que devia ter parado antes da passagem de nível, não o fez, e os agentes que precediam o carro de Chu En Lai travaram a menos de um metro das cancelas, quando o comboio passava a toda a velocidade.

Entretanto, o general Ne Win, presidente da República da Birmânia, dirigiu-se pessoalmente ao primeiro-ministro de Ceilão, pedindo-lhe para ter a iniciativa de um encontro entre Chu En Lai e Nehru. O portador da mensagem foi o ministro dos Negócios Estrangeiros cingaleses, que esteve em Rangoon nos primeiros dias desta semana.



Entre dois edifícios que abriram fendas, um prédio de Velas ruíu completamente

Os credores do Brasil reunir-se-ão em breve a pedido de Goulart

PARIS, 27. — (R.). — A Organização de Cooperação e Desenvolvimento (O. C. D. E.) anunciou hoje, nesta capital, que os principais credores do Brasil se avistarão, dentro em breve, a pedido do presidente João Goulart, para discutirem o problema dos débitos estrangeiros daquele país, que atingem 3000 milhões de dólares (cerca de 87 milhões de contos).

Fontes desta capital disseram que os principais credores do Brasil são o «Clube de Haia» — Grã-Bretanha, França, Alemanha Ocidental, Holanda, Suécia, Bélgica e Itália —, os Estados Unidos e o Japão.

Espera-se que a conferência se efectue em Paris, mas a data não foi ainda definitivamente fixada.

SER E PARECER

por LOBO VILELA

O dualismo do ser e do parecer, que surge na base da reflexão filosófica e subsiste através de uma longa cadeia especulativa, de variadas tendências, parece irredutível. No *Filebo* distingue Platão duas espécies de coisas: «uma, nobre por

natureza, outra inferior em dignidade, uma absoluta, a outra relativa, o Ser e o Fenómeno». O Ser apresenta-se-lhe como a verdadeira realidade, porque é o unico objecto

(Continua na 18.ª página)

ter de construção civil. Será completada com outros elementos, de forma a estabelecer-se um relatório definitivo que será apresentado o mais rapidamente possível ao Governo e nomeadamente ao ministro das Obras Publicas. Também hoje de manhã se começou a pôr em prática um esquema de reocupação das zonas menos afectadas e que têm estado abandonadas — Timada e Urzelina, até à Fajã de

Diário de Lisboa

HOJE 28

PÁGINAS

nas quais se inclui
«VIDA LITERÁRIA
E ARTÍSTICA»

VISADO PELA CENSURA

«Deuses e Demónios da medicina»

— de Fernando Namora

Concluimos hoje, com o final do estudo da personalidade e obra de Oswaldo Cruz, a publicação de algumas biografias de grandes figuras da história da medicina que o ilustre escritor Fernando Namora apresentou, em primeira divulgação, nas nossas páginas. As quatro biografias que reproduzimos — de Laennec, Virchow, Lister e Oswaldo Cruz — fazem parte do vasto conjunto de vinte e uma que Fernando Namora incluiu no 2.º volume da obra «Deuses e Demónios da Medicina», a distribuir nas livrarias depois de amanhã, 29 de Fevereiro.

A colectânea breve, mas representativa que publicamos, teve para os nossos leitores o mérito maior de assinalar o profundo interesse desse novo livro de Fernando Namora — uma obra de divulgação que é também uma criação literária relevante e um testemunho expressivo de humanismo em acção.

Franco tornou-se membro da Sociedade de Autores

MADRID, 27. — (F. P.). — O general Franco é membro, desde ontem, da Sociedade dos Autores de Espanha, sob o pseudónimo de «Jaime de Andrade». Assinou o seu boletim de adesão, na audiência civil que o chefe do Estado costuma conceder à quarta-feira. A Imprensa madrilenha publica hoje uma fotocópia do documento.

O caudilho é o primeiro inscrito da nova secção «publicações» da Sociedade dos Autores. Escreveu, nomeadamente, «Diário de uma Bandeira» e «Raça».

De ontem para hoje

AVICULTURA

Na sala de Zootecnia da Escola Superior de Medicina Veterinária, efectuou-se ontem a inauguração do I Seminário de Avicultura. Foi ele promovido pela Associação dos Estudantes daquele estabelecimento universitário. Presentes as autoridades respectivas. O director da escola, prof. Joaquim Fiadeiro, falou depois sobre «O Desenvolvimento da avicultura no Mundo e a intervenção do médico-veterinário; importância na economia e na saúde pública». Salientou a importância da avicultura como capaz de proporcionar, em curto prazo, uma fonte de produtos animais destinados à alimentação do homem, destacando, a propósito, o papel desempenhado por estes produtos quer sob o seu aspecto fisiológico e higienitário, quer pelos seus reflexos económicos. Recorrendo a elementos estatísticos oficiais, e baseado em estudos elaborados por individualidades consagradas, entre elas os colaboradores da F. A. O., o prof. Fiadeiro passou em revista o panorama demográfico mundial, chamando especialmente a atenção para o aumento e taxa de crescimento da população do Globo, que faz prever a possibilidade de, no ano 2000, haver cerca de seis mil milhões de seres humanos a sustentar e para os quais é necessário assegurar a cobertura das suas exigências em proteína animal. Referiu que o problema dessa cobertura é também um problema actual, porquanto, quer sob o aspecto energético, quer em riqueza proteica, a situação mundial é afilítica, todos reconhecendo o facto de mais de metade da população mundial não receber a quantidade suficiente de calorias e de proteínas e de mais de um terço sofrer as consequências da fome. «O papel desempenhado pela produção animal sob este aspecto — afirmou o orador — é de uma grande transcendência reconhecida universalmente, o que leva a desenvolver e intensificar todos os sectores da produção animal. A avicultura, e em especial a modalidade da criação de frangos de carne, é um dos meios mais poderosos, rápidos e económicos de que a animalicultura dispõe para assegurar essa cobertura, contribuindo em proporção crescente para o conjunto de outras fontes de proteína animal».

O velho eucalipto

Vai intensa a invernia, e por esse País fora muitos há que não sabem se ainda verão o raiar da Primavera. A invernia vai dura e a terra está ensofada. Naquela baixa da Palhavã, em que as árvores crescem sem licença de Deus, no Parque de Santa Gertrudes, estava há anos arrepiado um velho eucalipto. Já fora formoso e desempenhado e ouvira muitos segredos de amor e muitosinhos tinham sido ar-

mados nas suas ramagens. Mas os anos não perdoam, e as folhas tinham ido mirrando, os braços secaram, o próprio tronco, direito como um fuso, tomara a cor do cobre. Secara. Não deitou este Inverno fora. Ontem os bombeiros foram lá, serraram os braços, depois o tronco, e levaram a velha árvore, que irá ainda desfazer-se em luz ou dar madeira para um berço de criança.

AUTOMÓVEL CLUBE

Houve, ontem, á noite, a assembleia geral do Automóvel Clube de Portugal. Na presidência, o dr. Manuel Colares Pereira, na ausência, por doença grave, do eng. A. Canela de Abreu. Sobre o relatório vários sócios usaram da palavra, e foi aprovado por unanimidade. Por

fim, houve eleições, com o seguinte resultado: *Assembleia geral:* eng. Augusto Canela de Abreu, presidente; dr. Manuel Colares Pereira, Filipe José de Vilhena e João Belo Ortigão Ramos. *Direcção:* dr. Mário Gusmão Madeira, presidente; engs. Abel Pego Fiuza e Fran-

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da República recebeu, ontem, em audiência, no Palácio Nacional de Belém, os srs. ministro da Educação Nacional, Luis C. Lupi, vice-almirante Manuel Ortins de Betten-court, brigadeiro Carlos de Chaby, eng. Luis Quartin Graça, Virgílio Pereira da Silva e eng. Duarte do Amaral.

ELECTROCUTADO

No matadouro de Vila Nova de Ourém entrara ontem o pequeno José Henriques Gonçalves, de 13 anos, filho do sr. José Gonçalves e de D. Rosa Gonçalves de Jesus, moradores no lugar da Milheira. Em dada altura, o pequeno agarrou-se a uma lâmpada. Houve uma descarga eléctrica violenta, e o José morreu electrocutado.

ONDA QUE REBENTA É DESASTRE

Naquela troço da marginal, em Caxias, logo a seguir à rampa da Gibalta, o mar galga os contrafortes e inunda a estrada. Por vezes, é um véu de espuma e água que cai sobre os carros e cobre por completo a visibilidade dos condutores. Ora, ontem, assim aconteceu, e um carro guiado pelo sr. António Maria Miguel, de 33 anos, morador na Abuxarda, guiou para a esquerda. Foi contra uma camioneta guiada pelo sr. Manuel Correia Soares. Resultado: feridos, embora sem consequências graves, todos os passageiros do automóvel e da camioneta. Receberam tratamento em S. José, recolhendo depois a casa.

MÉTODOS E INSTITUIÇÕES

(Continuação da página anterior)

aos mais altos níveis da vida pública, o sistema representativo que possui esta capacidade merece o qualificativo de excelente. Se carece de tal capacidade, os ditirambos não poderão ocultar a sua insuficiência radical».

Ocupando-se da representação dos interesses legítimos no sistema governativo, o articulista escreve em síntese: «Se a representação dos interesses legítimos é indispensável... deve ser completada pela representação, dinâmica, das diferentes correntes de opinião, que são a própria expressão do país. A pluralidade é exigência necessária do espírito democrático... e a única limitação a essa pluralidade deve consistir na aceitação leal, por parte de todos os grupos políticos, de uma base comum inatacável de um certo número de princípios e dogmas nacionais, fora dos quais não é lícito conceber grupos ou correntes de opinião».

E mais adiante: «O sistema de integração básica das forças políticas deve fugir tanto do receio excessivo como da ingenuidade confiada. Há que ter em conta as exigências inevitáveis do momento, mas há que atender, também, aos perigos graves da hora que passa».

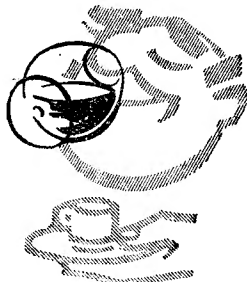
Estes pontos de vista defendidos por um órgão insuspeito da imprensa espanhola autorizam-nos a estabelecer um confronto com o que se passa noutros países que afinam pelo diapasão político da Espanha e em que se verifica o mesmo respeito pela ordem e pelos poderes constituídos e o mesmo repúdio de doutrinas que se reputam atentatórias da dignidade humana. Quando se considera o caso português e se fazem conjecturas mais ou menos problemáticas sobre o futuro, o que não pode deixar de se considerar legítimo, não se deve atender apenas ao aspecto circunscrito de uma sucessão política ou de uma substituição de homens, mas sobretudo à necessidade de uma transformação de métodos e de uma adaptação de instituições às realidades do nosso tempo, que reputamos indispensáveis. Também nós entendemos que «mais do que substituir homens — a solução para a crise estava em encontrar os sistemas próprios para a nossa maneira de ser, para as necessidades do progresso, para as exigências constantes da nossa história». Ter-se-iam encontrado? Terá a nossa estrutura política dado provas suficientes de maturidade e de adaptação ao meio ou carece de ser revista e actualizada de modo que os seus princípios basilares possam corresponder inteiramente às necessidades do progresso e às exigências constantes da nossa história?

tória? Não está em causa apenas um problema de sucessão, embora esse seja fundamental para assegurar a estabilidade política e administrativa que se pretende. Há, a par desse, um problema de evolução a que não podemos deixar de atender, se quisermos evitar um desfasamento entre as realidades que nos comandam e as ilusões que podem contribuir para nos inferiorizar.

Ninguém pode pensar hoje num regresso ao passado. Esse papão, que com frequência se agita, já não assusta as crianças grandes que nós somos. Os tempos mudaram. As ideias evoluíram. E, se não acertarmos connosco os relógios de sol construídos para outras terras, a verdade é que, em muitos casos, teremos de acertar o nosso relógio pela hora do meridiano europeu, de que, por vezes, nos afastamos. Sem essa indispensável actualização e sem uma conjugação de esforços que contribua para nos unir na diversidade em vez de nos separar numa pretendida unidade, não poderemos fazer face às dificuldades de toda a ordem que se nos deparam e aos problemas de maior grandeza que temos de resolver. A simples leitura dos debates que, ultimamente, se têm produzido no seio da representação nacional dá-nos a medida das necessidades que urge satisfazer e dos obstáculos que é indispensável transpor para conquistar o lugar ao sol a que temos direito. Criar uma mentalidade nova, que se liberte de determinados preconceitos, e desentorpecer os

movimentos que paralisam o regular funcionamento da máquina administrativa é a primeira condição para alcançar o progresso a que aspiramos e pelo qual continuaremos a ter lançados sem um desfalecimento. Lutar contra os particularismos e os interesses criados que contribuem para entrar esse progresso, é uma tarefa que se impõe, se não quisermos continuar a viver uma vida medíocre, em que muitos esforços honestos se perdem e muitas intenções meritórias não chegam a produzir os seus efeitos. Seria necessário averiguar até que ponto as estruturas económicas adoptadas têm defendido o interesse colectivo e em que medida esses organismos têm correspondido aos objectivos para que foram criados. Seria injustiça afirmar que não se tem feito nada, que não se têm verificado progressos em muitos aspectos da vida nacional. Há, evidentemente, muita coisa feita que convém defender de quaisquer propósitos iconoclastas que pretendessem destruí-la. Mas é lícito perguntar se não teríamos alcançado os mesmos ou melhores resultados, se tivéssemos seguido outros rumos ou adoptado outros métodos. Não podemos, por isso, deixar de considerar legítimas as apreensões que se apoderam de alguns espíritos quando encaram o futuro sem obedecer a facciosismos de qualquer espécie ou ao receio alarmante de ataques, sempre possíveis, a interesses criados que vissem ameaçados os privilégios e as prerrogativas de que disfrutam.

depois
do café



beba antes
uma aguardente
moscatel
CAMILLO
ALVES



CASA FUNDADA EM 1881

COLOMBO

Pastelaria e restaurante
salões para banquetes

Salões privativos para a realização de Casamentos, Baptizados, Banquetes, Aniversários, «Cocktails», etc. (sem aumento de preço)

Serviço de 1.ª qualidade
NO RESTAURANTE:
PRATOS ESPECIAIS: Linguado ao meunier, Lulas recheadas, Bife à Colombo

COXINHAS DE FRANGO
Grande sortido de especialidades próprias para Piqueniques
Av. da República, 10-H, 10-J
(Ao Saldanha)
Telef. 49225-555228

FLAT

aluga-se mobilado com luxo e todo o conforto.
Ótimo local. Tel. 684543

OPERADOR MECANOGRÁFICO

PARA MECANIZAÇÃO DE STOCKES, NECESSITA EMPRESA DURANTE O MÊS DE MARÇO. RESPOSTA AO N.º 692.

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se à venda em PEDRAS RUBRAS a partir das 19 horas, na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto e a partir das 20 horas nas Tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marques de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonifaz e Antas.

estúdio

sentir-se bem
é tão simples!

sem dores de cabeça
sem resfriamentos
sem dores reumáticas
com ASPIRINA!

porque ASPIRINA?
por causa da acção
do seu triplo efeito

- * acalma as dores
- * baixa a febre
- * restabelece o bem-estar

lembre-se
ASPIRINA®

HÁ SÓ UMA, A VERDADEIRA, A LEGÍTIMA, A DA

BAYER

ACTUALIDADES MUNDIAIS

★ As novas produções de Samuel Bronston

MADRID, 27. — (F. P.). — «O melhor dos mundos», extraído da obra de Aldous Huxley, e «Paris 1900» vão ser rodados em Cinerama, ainda este ano, segundo anunciou o produtor Samuel Bronston. O primeiro será filmado em Cinerama.

NO COLISEU

Estreia-se amanhã a Companhia Espanhola de Operetas e Zarzuelas

O Coliseu vai registar no seu livro de ouro, a partir de amanhã, mais um acontecimento artístico de enorme projecção, com a estreia em Portugal da Grande Companhia Lirica Espanhola de Operetas e Zarzuelas, uma das maiores realizações plásticas e teatrais do conhecido teatrólogo José Tamayo, um artista de renome internacional que tem posto toda a sua experiência e saber ao serviço da renovação e ressurgimento do Teatro Espanhol.



Pedro La Virgen (Tenor)

Pois é este excepcional «supervisor» que, à frente da direcção de um escol dos melhores artistas líricos do País vizinho nos apresenta um repertório das mais belas obras das grandes músicas, num espectáculo verdadeiramente notável e inesquecível. A peça de estreia é essa jóia musical de rara beleza «Doña Francisquita», com música do grande maestro Amadeo Vives.

do nesta cidade, dirigido pelo realizador Jack Cardiff e o segundo, do qual Vittorio de Sica continua a preparação, será rodado nos meados do Verão, em Paris, Roma e Madrid.

★ Os melhores pretendentes aos «Oscars»

HOLLYWOOD, 27. — (A. N. I. e F. P.). — «Tom Jones», filme extraído do livro de Henry Fielding sobre os costumes da Inglaterra no século XVIII, vai à frente da lista, selecção prévia dos representantes da indústria cinematográfica, com vista à atribuição dos «Oscars» pela Academia de Artes Cinematográficas, em 19 de Abril. «Cleopatra» estava em segundo lugar; em terceiro, «A conquista do Oeste»; e em quarto, outro Western, «Hud, o mais selvagem entre mil».

Na categoria do melhor actor, principal e secundário, os primeiros lugares cabem a três ingleses e dois americanos: Albert Finney («Tom Jones»), Richard Harris («This sporting life») e Rex Harrison («Cleopatra»), Paul Newman («Hud») e Sidney Poitier («Lilies of the field»). Uma só actriz foi apurada até agora para a melhor interpretação feminina, Rachel Robert («This sporting life»), casada com Rex Harrison.

«Oito e meio», de Federico Fellini, aparece, também, em óptimo lugar para o galardão que distinguirá o melhor filme.

★ Estreia principesca em Londres

LONDRES, 27. — (A. N. I.). — A estreia do filme norte-americano «Move over darling» que se efectuou no Cinema Odeon, assistiu o príncipe Filipe, duque de Edimburgo.

Antes da exibição, alguns intérpretes da película foram apresentados ao príncipe.

★ «O fim do nosso Mundo» no Museu do Homem

PARIS, 27. — (F. P.). — Em ante-estreia mundial, foi apresentado no

Museu do Homem o filme «O fim do nosso Mundo», da realizadora polaca Wanda Jakubowska. A sessão, promovida por ocasião da reunião em Paris do «Comité Internacional de Auschwitz», assistiram unicamente antigos deportados.

Realizado sobre um romance de Tadeusz Holuj, «O fim do nosso mundo», descreve a vida dos deportados no campo de Auschwitz, onde foram exterminadas mais de 4 milhões de pessoas. O filme, de um grande realismo, foi rodado no próprio campo, reconstituindo até aos mais angustiantes pormenores o martírio dos deportados, as brutalidades dos S. S., os extermínios em massa nas câmaras de gás.

★ Aumentou a importação de filmes em Itália

ROMA, 27. — (A. N. I.). — A importação de filmes estrangeiros na Itália somou 339 unidades em 1963, contra 291 em 1962.

O maior numero — segundo revelou o Ministério do Turismo e do Espectáculo — proveio dos Estados Unidos (188, contra 150 em 1962). Seguem-se a Grã-Bretanha, com 46 (35) e a França, com 46 (33).

Nos três anos anteriores o total de filmes importados foi o seguinte: 1961, 340 — 1960, 408 — 1959, 412.

★ «O Desprezo», de Brigitte Bardot ofende a moral pública

CANTAZARO (Itália), 27. — (A. N. I.). — As autoridades ordenaram o confisco de folhetos publicitários do filme «O Desprezo», de Brigitte Bardot, por conterem matéria considerada ofensiva da moral pública.

«Nazaré», no Maria Vitória

O tema apaixonante do mar e dos pescadores tem sido, através dos tempos, motivo de larga produção teatral, cinematográfica ou simplesmente literária. É assunto da predilecção do público, mais acentuadamente do público latino, entre o qual a beleza e o dramatismo das duras fainas e o aliciente sortilégio da vida marinheira — das suas glórias, das suas tragédias, da sua fé e das suas crenças — conquistaram sempre ambiente propício de carinho e de admiração.

Desde esse impressionante «Pêcheur d'Islande», que ajudou a imortalizar o nome de Pierre Loti (que surpreendente película ainda hoje nos daria o «Pêcheur d'Islande» transplantado para o cinema!) até aos nossos dias, peça, filme ou livro que saiba pôr-nos em contacto com essa gente do Portugal ribeirinho, retratando com fidelidade e sem recursos artificiosos, a vida ingenuamente bela do nosso pescador, tem audiência assegurada no grande público e carreira feliz na sua frente.

Raul Brandão, Alfredo Cortês ou Leitão de Barros são nomes que nos recordam o livro delicioso, a peça emotiva ou o filme intensamente dramático que o público sobre premiar com a sua simpatia.

«Para os portugueses — como escreveu um dia Joaquim Manso — o mar tem sido e é a escola da Nação». Dessa escola saiu a massa anónima que vibra com o mar, que estremece aqueles heróis anónimos que todos os dias o afrontam sem temor. Isso nos diz o agrado que despertou a reposição de «Nazaré» — opereta que tem por tema a epopeia obscura e humilde, mas profundamente humana, dos pescadores portugueses — e que ontem voltou à cena no Maria Vitória, por feliz iniciativa de Hermes Portela.

Original de Fernando Santos, Almeida Amaral e Fernando Avila, a opereta «Nazaré» transporta-nos do cimento, entre episódios simples e canções agradáveis, a um género de teatro que tem raízes remotas na sua concepção, na sua montagem, na sua própria essência. Em vinte e cinco anos a técnica do teatro evoluiu muito, «Nazaré» apresenta-se hoje como uma revivência do passado, a recordar grandes noites do Apolo ou do Trindade. Só não envelheceu, porém, porque é a mesma de sempre a vida dessa gente da borda de água, a intriguinha do meio piscatório, as questões, os ciúmes, os arremedos de rixas e de contendas, os sonhos alegres e as pequenas ambições — castelos de cartas ilusórias, que o mar desfaz quando uma outra vez os homens bons em solidariedade magnífica ante o perigo fatal.

«Nazaré» tem de tudo isso um pouco, em pinceladas de bom «folclore» nacional e termina, como é da tradição, na capelinha da vila, entre repiques de sinos e descantes de raparigas. Vestida a rigor, bem encenada e com música escolhida de Raul Portela, Raul Ferrão e Fernando de Carvalho (os dois primeiros, já não puderam ouvir ontem, infelizmente, os aplausos merecidos do público) a opereta do Maria Vitória reúne um conjunto de nomes prestigiosos: o consagrado tenor Alberto Ribeiro, para quem o belo canto é muito mais familiar do que a arte de pisar o palco; Mimi Gaspar, como sempre, muito bem, sentindo e vivendo o seu coração apaixonado; Deolinda Rodrigues, cantadeira apreciada, que alia a uma figura gentil uma garganta agradável; Natalina José, uma presença insinuante e uma voz quente e bem timbrada, como por mais de uma vez temos acentuado, sem favor, nestas colunas; Maria Cristina, que nos deu, com uma caracterização modelar, a figura peçonhenta de uma «Ti Mila», enredadeira e intriguista; Camilo de Oliveira, no seu peculiar estilo cómico, nesta peça mais moderado como convinha; Barroso Lopes, que sabe manter os seus créditos firmados ao longo de uma brilhante carreira; Emilio Correia, compondo muito bem a figura de um veterano das lides do mar; e, não destoando dos outros, Irene Cruz, Lucinda Amaral, Maria Leonor, Lurdes Lopes, Helena Amorety, Fernando Frias, Octávio de Matos (filho), Rodolfo Neves, Oscar Acúrcio, Carlos Fernando e Daniel Garcia.

Um corpo coral, excelentemente ensaiado, dá a duas ou três canções que caem bem no ouvido um fundo musical harmonioso.

Peça de acentuado sabor popular, «Nazaré», apesar de ressurgir das brumas distantes de um teatro de outros tempos, é uma opereta de motivo sempre actual, senão na técnica, pelo menos no tema que não morre, como não morrem usanças, cediças e costumes velhos, arraigados por séculos em fora na mentalidade primária, mas também na alma e tantas vezes nobre da nossa boa gente do mar.

Os costumes são os mesmos e o gosto do público não variou muito. Nos finais de acto, chamadas de autores e artista, palmas vibrantes e o palco juncado de flores.

M. DE O.

Assistiram ao espectáculo, cujo produto revertia para a Obra Social da Fragata «D. Fernando», os ministros da Marinha e das Corporações, alguns membros do Corpo Diplomático, numerosos oficiais da Armada e dirigentes das pescas.

Assistiram ao espectáculo, cujo produto revertia para a Obra Social da Fragata «D. Fernando», os ministros da Marinha e das Corporações, alguns membros do Corpo Diplomático, numerosos oficiais da Armada e dirigentes das pescas.

Assistiram ao espectáculo, cujo produto revertia para a Obra Social da Fragata «D. Fernando», os ministros da Marinha e das Corporações, alguns membros do Corpo Diplomático, numerosos oficiais da Armada e dirigentes das pescas.

Assistiram ao espectáculo, cujo produto revertia para a Obra Social da Fragata «D. Fernando», os ministros da Marinha e das Corporações, alguns membros do Corpo Diplomático, numerosos oficiais da Armada e dirigentes das pescas.

Assistiram ao espectáculo, cujo produto revertia para a Obra Social da Fragata «D. Fernando», os ministros da Marinha e das Corporações, alguns membros do Corpo Diplomático, numerosos oficiais da Armada e dirigentes das pescas.

Assistiram ao espectáculo, cujo produto revertia para a Obra Social da Fragata «D. Fernando», os ministros da Marinha e das Corporações, alguns membros do Corpo Diplomático, numerosos oficiais da Armada e dirigentes das pescas.

Assistiram ao espectáculo, cujo produto revertia para a Obra Social da Fragata «D. Fernando», os ministros da Marinha e das Corporações, alguns membros do Corpo Diplomático, numerosos oficiais da Armada e dirigentes das pescas.

Assistiram ao espectáculo, cujo produto revertia para a Obra Social da Fragata «D. Fernando», os ministros da Marinha e das Corporações, alguns membros do Corpo Diplomático, numerosos oficiais da Armada e dirigentes das pescas.

Assistiram ao espectáculo, cujo produto revertia para a Obra Social da Fragata «D. Fernando», os ministros da Marinha e das Corporações, alguns membros do Corpo Diplomático, numerosos oficiais da Armada e dirigentes das pescas.

Assistiram ao espectáculo, cujo produto revertia para a Obra Social da Fragata «D. Fernando», os ministros da Marinha e das Corporações, alguns membros do Corpo Diplomático, numerosos oficiais da Armada e dirigentes das pescas.

Assistiram ao espectáculo, cujo produto revertia para a Obra Social da Fragata «D. Fernando», os ministros da Marinha e das Corporações, alguns membros do Corpo Diplomático, numerosos oficiais da Armada e dirigentes das pescas.

Assistiram ao espectáculo, cujo produto revertia para a Obra Social da Fragata «D. Fernando», os ministros da Marinha e das Corporações, alguns membros do Corpo Diplomático, numerosos oficiais da Armada e dirigentes das pescas.

Assistiram ao espectáculo, cujo produto revertia para a Obra Social da Fragata «D. Fernando», os ministros da Marinha e das Corporações, alguns membros do Corpo Diplomático, numerosos oficiais da Armada e dirigentes das pescas.

Assistiram ao espectáculo, cujo produto revertia para a Obra Social da Fragata «D. Fernando», os ministros da Marinha e das Corporações, alguns membros do Corpo Diplomático, numerosos oficiais da Armada e dirigentes das pescas.

Assistiram ao espectáculo, cujo produto revertia para a Obra Social da Fragata «D. Fernando», os ministros da Marinha e das Corporações, alguns membros do Corpo Diplomático, numerosos oficiais da Armada e dirigentes das pescas.

Assistiram ao espectáculo, cujo produto revertia para a Obra Social da Fragata «D. Fernando», os ministros da Marinha e das Corporações, alguns membros do Corpo Diplomático, numerosos oficiais da Armada e dirigentes das pescas.

Assistiram ao espectáculo, cujo produto revertia para a Obra Social da Fragata «D. Fernando», os ministros da Marinha e das Corporações, alguns membros do Corpo Diplomático, numerosos oficiais da Armada e dirigentes das pescas.

CASINO ESTORIL

APRESENTA TODAS AS NOITES NO «WONDER-BAR»



MILITZA CARTAZ CINTILANTE DA VIDA NOCTURNA NORTE-AMERICANA

GIL et MARC

IMPRESSIONANTE DEMONSTRAÇÃO DE FORÇA E EQUILÍBRIO

GINA MARIA

PRÉMIO DE INTERPRETAÇÃO DO FESTIVAL DE ARANDA DEL DUERO

BAILADOS PORTUGUESES

EM COLORIDOS APONTAMENTOS COREOGRAFICOS DO FOLCLORE NACIONAL

PREÇOS: Sábados consumo mínimo, 60\$00. Nos outros dias, consumo mínimo, 40\$00. Todos os dias, jantar 65\$00. (Estes preços não compreendem taxas nem impostos)

No CINEMA, às 21.30: «FUGA SEM RUMO»

TÓDOS OS DOMINGOS «MATINÉE», AS 17 HORAS
Chá completo—25\$00 (Taxas e impostos não incluídos)

Os mesmos artistas actuam também todas as noites no
Terraço das Estrelas do Hotel Embaixador

(MAIORES DE 17 ANOS)

PETER SELLERS

NA VIDA

CASOU-SE EM POUCO MAIS DE 24 HORAS...

NA TELA

DECLAROU GUERRA A TODAS AS MULHERES!

Uma mulher
"tranquila"

THE BATTLE OF THE SEXES

UMA COMÉDIA NO MELHOR ESTILO INGLÊS!

AVIS

PETER SELLERS
ROBERT MORLEY
CONSTANCE CUMMINGS



ESTREIA
DE GARGALHADA!
HOJE, AS 21.45

CAPITÓLIO

As 20.45 e 23 H. Ad. M/17 anos



GIUSEPPE BASTOS apresenta em **ULTIMOS DIAS!** **SÓ ATÉ DOMINGO** A REVISTA **POPULAR**

O QUE É BOM É P'RA SE VER!

com um grande elenco e a atracção internacional

BALLET «THE CARAVELLES»

O MAIS MODERNO BALLET DA EUROPA!

Domingo «Tie-Tac Show N.º 3»

2.ª e 3.ª-Feira: SETUBAL; 4.ª-Feira: MONTIJO; 5.ª-Feira: TORRES NOVAS

TRINDADE

Todas as noites, às 21.45 e sábados às 17.00 horas (Maiores de 12 anos)

Um êxito de gargalhada com a peça de **NICOLAU GOGOL**

O CASAMENTO

com Brunilde Jódice, Assis Pacheco, Alves da Costa, Alvaro Benamor, Virgílio Macieira, Mário Pereira, Maria Albergaria, Fernanda Montemor, Lúcia Mariani e Manuel de Oliveira

Espectáculo subsidiado pelo FUNDO DE TEATRO e dedicado aos Beneficiários da F. N. A. T. e sócios dos C. A. T., C. R. P. Sindicatos Nacionais



As 21.45 (Adultos)

DONA MARIA II

DELÍRIO

(«FRENÉSIE»)

UM ÊXITO TRIUNFAL, NAS SUAS ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES

LADO A LADO

BOITE

TONY DE MATOS

Conjunto **CARLOS VILARET** com **TIBURCIO** e **EDUARDO**
Av. Oscar Monteiro Torres, 60-C
T. 771432 (Junto à Av. de Roma)
(Maiores de 17 anos)

FOLHA DE FLANDRES
SEMPRE A PREÇOS MUITO ACESSÍVEIS
CICC, LDA - RUA D. JOÃO V, 7-1.
LISBOA - TELES. 68 41 41/2/3

TONY YUL CURTIS BRUNNER



UMA HISTÓRIA DE AMOR E SANGUE QUE ASSOMBROU O MUNDO!

INSPIRADO NO ROMANCE IMORTAL DE **NICOLAU GOGOL**

TARAS BULBA



APRESENTA

EM

2ª SEMANA

O FATALISMO DA ALMA ESLAVA E A INDOMÁVEL IMPETUOSIDADE DOS COSSACOS, DÃO A ESTE ESPECTÁCULO, DE MONUMENTAL GRANDEZA, UM VIGOR BÁRBARO E DIFERENTE!

(ADULTOS)

SAM WANAMAKER **BRAD DEXTER** **GUY ROLFE** **PERRY LOPEZ** **George Macready** **Ika Windish** **Vladimir Sokoloff** **Daniel Ocko** **Vladimir Irman** **CHRISTINE KAUFMANN**
Argumento de **WALDO SALT** e **KARL TUNBERG** Prod. associada **Alexander Whitelaw** Música de **Franz Waxman** Realização de **J. LEE THOMPSON** Produção de **HAROLD HECHT** Filmado em **PANAVISION** **EASTMANCOLOR** Um filme da **UNITED ARTISTS**

O êxito actual de «Taras Bulba» reflecte-se no meio Livreiro Português. Duas editoras — Publicações Europa-América e Portugal Editora — têm á venda traduções actualizadas da grande epopeia cossaca, escrita por Nicolau Gogol

LAMPREIA

A MODA DO MINHO
HOJE E TODOS OS DIAS
AO JANTAR

SÓ NA

MÁRCIA CONDESSA

P. DA ALEGRIA — TEL. 367093
ADULTOS



MELODIA

LISBOA - R. DO CARMO, 23
PORTO - R. DE S. CATARINA, 360
R. DE S.º ANTONIO, 35

Televisores — Rádios — Aparelhos electrodomesticos

2ª

SEMANA DE ÊXITO TOTAL!

MAIORES DE 12 ANOS

DUELO NO RIO GRANDE

COM O NOVO E SIMPATICO AVENTUREIRO

POLITEAMA

SEAN FLYNN

«NUM «WESTERN» DE GRANDE CLASSE!» (D.º NOTÍCIAS)

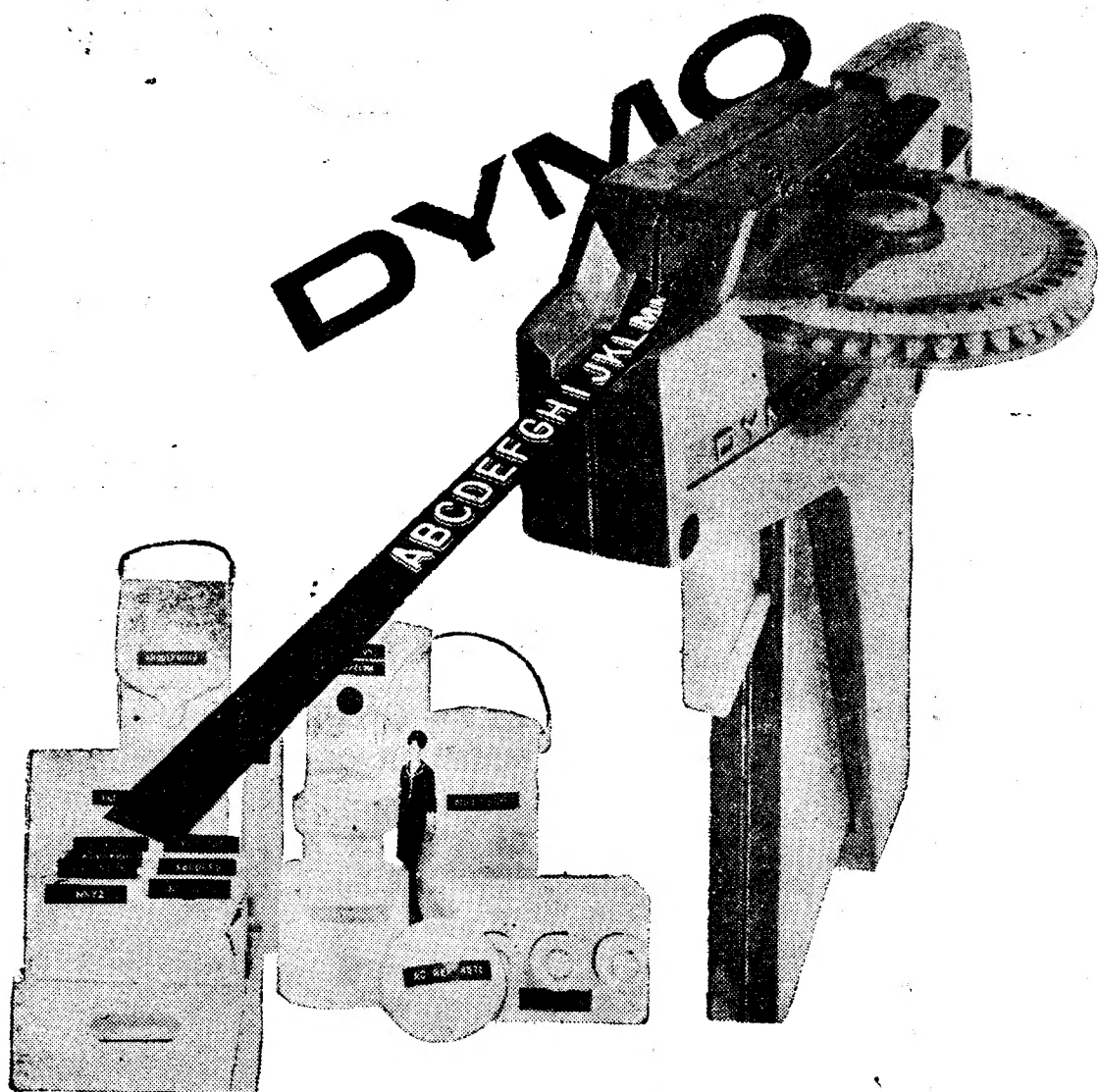
«UM FILME VIBRANTE... COMO A ESPADA TEMERÁRIA DO SEU HEROI...» (SÉCULO)

«DUAS HORAS DE ENDIABRADO RITMO...» (D.º POPULAR)

«...ÁGIL, ARROJADO E SIMPATÍQUSSIMO AOS OLHOS FEMININOS.» (M.º DESP.)

— É UM FILME «LUSOMUNDO» —





FINALMENTE

e sensacional **DYMO M-4!**

O mais recente, o mais económico, o mais surpreendente processo de realizar etiquetas **PERMANENTES** «in loco» e por somente alguns centavos. A mesma superior qualidade, e mesma impecável apresentação que sempre distinguiram todas as realizações **DYMO**, AGORA reunidas num modelo de baixo preço.

Recentemente introduzida no mercado a **NOVA DYMO M-4** encontra-se já à venda em todo o País.



AGENTES IMPORTADORES **JEFIPLAS S.A.R.L.**

R. MANUEL PINTO DE AZEVEDO 159E - AVIA RAPIDA - PORTO - TEL 64154

DISTRIBUIDORES AUTORIZADOS

PORTO

A. J. Alves
Rua Gonçalo Cristóvão, 314
Araújo & Sobrinho, Sucrs.
Largo de S. Domingos, 50
Prometaliz
Leça do Balio - S. Mamede de Infesta
SETA, LDA.
Rua Sá da Bandeira, 726, 2.º, Esq.

COIMBRA

J. Trindade & C.
Avenida Fernão de Magalhães, 146

A VEIRO

Agência Comercial Ria, Lda.
Rua Conselheiro Luís de Magalhães, 1

LISBOA

António de Sousa Tavares
Rua Ivens, 50, 1.º
Araújo & Sobrinho, Sucrs.
Rua da Madalena, 80-D
INTEC
Rua Passos Manuel, 69-C
J. F. Azevedo e Silva & C., Lda.
Rua S. Francisco Sales, 2, 1.º
Representações Alcotá, S. A. R. L.
Rua do Corpo Santo, 6, 2.º
Ruf Organizações e Contabilidade
Avenida Duque de Loulé, 75, 3.º, Esq.
TELEMEC, LDA.
Rua D. Estefânia, 92-A

COLISEU AMANHÃ

EMP. RICARDO COVÕES, HERDS. (Maiores de 12 anos)

APRESENTAÇÃO DA

**GRANDE COMPANHIA
LÍRICA ESPANHOLA**

DE

OPERETAS E ZARZUELAS

SOB A DIRECÇÃO DO INSIGNE TEATROLOGO

JOSÉ TAMAYO

OS MAIORES ARTISTAS LÍRICOS
DA ESPANHA

Marisol Lacalle
meio-soprano

NAS MAIS BELAS OBRAS MUSICAIS DE TODOS OS TEMPOS

ESTREIA

A lindíssima opereta de **FREDERICO ROMERO** e **FERNANDEZ SHAW**
com musica de **AMEDEO VIVES**

DOÑA FRANCISQUITA

Um espectáculo de grande nível cultural e artístico

BILHETES A VENDA

Em CANTANHEDE o «Diário de Lisboa» vende-se no CAFE CENTRAL.

MONUMENTAL

Telef. 55 51 33 As 21.45 h.

«A IDIOTA»

de MARCEL ACHARD, encenação de António Lopes Ribeiro
O ESPECTÁCULO DO ANO
com

LAURA ALVES

PAULO RENATO

ISABEL DE CASTRO • CARLOS JOSÉ TEIXEIRA • MARIA LAURENT • CARLOS DUARTE • NICOLAU BREYNER, e o actor cómico

HUMBERTO MADEIRA

ADULTOS

Sábado, 2 sessões
às 20.45 e 23 h.

Sábado, às 16 e 18.15 h.
FESTIVAL DE RITMOS MODERNOS — 12 ANOS

Domingo, às 18.45 h. — 6 anos
ESTREIAS EM LISBOA
(Bilhetes à venda)



GREGORY PECK

CONDES E ROMA

ESTREIA - AMANHÃ

A MAIS VINGATIVA
E BRUTAL PERSEGUIÇÃO!

ADULTOS

**BARREIRA
DO MEDO**



«SUSPENSE»

NUMA VERDADEIRA GUERRA
DE NERVOS!

ROBERT MITCHUM

LORI MARTIN • MARTIN BALSAM

JACK KRUSCHEN • TELLY SAVALLAS

POLLY BERGEN



RIR!

E GIRO!

RIR!

BADARÓ

ESTA SEMANA

ESTREIA DO AVENIDA

O RISO FEITO ESPECTÁCULO

RI MELHOR QUEM RI com **BADARÓ**



e os populares cançonetistas **Maria Candal**
e **ARTUR GARCIA**

UM NOTÁVEL
ELENCO

ORQ. IZIO GROSS

(ADULTOS)

RITMO

MUSIC-HALL

LUXO

ÓPERA PARA TRABALHADORES

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

F. N. A. T.

Levam a efeito no Coliseu dos Recreios, nesta temporada, as seguintes óperas:

«CARMEN», de Bizet	dia 3 de Março
«BUTTERFLY», de Puccini	» 24 de Março
«TRAVIATA», de Verdi	» 31 de Março
«D. CARLOS», de Verdi	» 7 de Abril
«ELIXIR DE AMOR», de Donizetti	» 14 de Abril

Os bilhetes para as 1.ª óperas podem ser adquiridos pelos beneficiários da F. N. A. T., sócios dos C. A. T., dos C. R. P. e dos Sindicatos Nacionais na Calçada de Santana, 180 a partir de 6.ª-feira, dia 28, às 10 horas, aos seguintes preços:

GERAL	10\$00
Geral reservada	15\$00
3.ª Plateia	42\$50
2.ª Plateia	52\$50

Os bilhetes para as restantes óperas podem ser levantados a partir das 10 horas do dia 3 de Abril.

(Para maiores de 12 anos)

Em MOSCAVIDE o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se à venda na TABACARIA AUGUSTO DA SILVA CARVALHO. Av. de Moscavide, 23

CARTAZ * DOS * CINEMAS

ESTREIA — **Uma mulher tranquila** — A V I S

TIVOLI
A's 3 da tarde (p. red.) e 9 30 da noite (M. 17 anos)
O filme que revolucionou o mundo do cinema
Telefone 50595

FELLINI 8 1/2

com Marcello Mastroianni e Claudia Cardinale

A's 18.30 — CONCERTO

SÃO LUIZ
A's 15.15, 18.15 (p. red.) e 21.30 (M. 17 anos)

Uma história de amor dos nossos dias, interpretada pelos dois actores mais falados dos últimos tempos em 2.ª SEMANA

Elizabeth Taylor e Richard Burton
HOTEL INTERNACIONAL

SÃO JORGE
A's 15.15, 18.15 e 21.30 (M. 17 anos)

Uma história de amor e sangue que assombrou o Mundo inspirada na obra imortal de NICOLAU GOGOL em 2.ª SEMANA

TARAS BULBA

com Tony Curtis, Yul Brynner e Christine Kaufmann

EDEN
A's 15.30, 18.30 e 21.45 (M. 17 anos)

ULTIMOS ESPECTÁCULOS
QUE TERIA ACONTECIDO A BABY-JANE?

Amanhã — Estreia — (M. 17 anos)
ADEUS INOCÊNCIA

com Suzanne Pleshette e Ty Hardin

ROMA
A's 21.45 (M. 12 anos)

2.ª SEMANA
Plateia 727778 de encheites com o filme mais premiado e mais aplaudido da temporada!

A ILHA NUA

Uma obra-prima da cinematografia japonesa que toda a Lisboa discute com entusiasmo!

AVIS
A's 21.45 (M. 12 anos)

NOITE DE ESTREIA
Peter Sellers e Robert Morley

na mais ouvida das guerras dos sexos...
UMA MULHER TRANQUILA

Uma comédia tipicamente inglesa!

TERRASSE
A's 21 horas (M. 17 anos)

FLOR DE LOTUS
DUELO AO PÓR DO SOL

CINEMA IDEAL
A's 21 horas (M. 17 anos)

O SOL TAMBÉM BRILHA
OS NOIVOS DA MINHA NOIVA

LIZ
A's 21 horas (M. 17 anos)

QUANDO NASCE O CIUME
CASAMENTO POR ENGANO

CASINO ESTORIL
A's 17 e 21.30 (M. 17 anos)

FUGA SEM RUMO

com Kirk Douglas — Gena Rowlands — Walter Mattau e Michel Kane

IMPERIO
A's 15.15 e 21.30 (Adultos)

Successo decisivo de Julien Duvivier em

FEBRE DE DINHEIRO

com Robert Hossein

CONDES
A's 15.15 (p. red.) e 21.30 (M. 17 anos)

O impetuoso e espectacular drama histórico em Totalscope e Eastmancolor em 2.ª SEMANA

O IMPÉRIO DE ROMA

Rossana Podestá e Jeffries Lang

A's 18.15 — (M/ 17 anos)
CORAÇÕES NA PENUMBRA

MONUMENTAL
A's 15.15 e 21.30 (M. 12 anos)

Homens de coragem defrontam a mesma ameaça de morte!

UM TAXI PARA TOBROUK

com Lino Ventura — Charles Aznavour — Hardy Kruger

POLITEAMA
A's 15.15, 18.15 (p. red.) e às 21.30

EM 2.ª SEMANA o grandioso filme de heróicas aventuras

DUELO NO RIO GRANDE

com Sean Flynn e Daniel Metz
A odisséia de um vingador a quem a morte espreita a cada passo

CINEMASCOPE (col.) — (M. 12 anos)

ODEON
A's 15.15 e 18.15 (p. red.) e às 21.30

A tarde (6 anos) A noite (12 anos)
EM 5.ª SEMANA

9 RAPAZES E 1 CÃO

com Alves da Costa, Leônia Mendes, Pereira Neto, um grupo de garotos enfiados e o cão «Farrusco»

Uma história tão humana e simples como as suas personagens humildes.

ALVALADE
A's 15.15 (p. red.) e 21.45 (M. 17 anos)

Elizabeth Taylor e Richard Burton

numa bela história de amor

HOTEL INTERNACIONAL

com Louis Jourdan — Elsa Martinelli e Orson Welles

RESTELO
A's 21.15 (M. 17 anos)

Uma produção dramática de superior categoria

O HOMEM DO ALCATRAZ

com Burt Lancaster — Karl Walden

ROYAL
A's 21 horas (M. 12 anos)

SANSÃO E DALILA

VIVA O CASAMENTO

VOZ DO OPERÁRIO
A's 21 h. (M. 17 anos)

OS ASSASSINOS DO BAIRRO

UM HOMEM SÓ

Domingo, 1 — (M. 17 anos)

O MAIS SELVAGEM ENTRE MIL

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- É possível que da companhia de comédia que o actor José Gamba está a constituir para actuar no Teatro Variedades, venha a fazer parte o actor Rogério Paulo que, a ser assim, regressaria ao palco após longa ausência.
- O actor Armando Cortez desempenha actualmente, no Teatro Avenida, as funções de director artístico do espectáculo que tem como primeira figura o cómico brasileiro Badaró.
- Os conjuntos de ritmos modernos «Les Fanatiques», Daniel Bacelar e os seus «Gentleman» e ainda «Os Teistar», também participam nos espectáculos que o empresário Vasco Morgado está a promover na provincia, especialmente dedicados á juventude.
- O cançonetista sul-americano Alberto Cortez anunciou o propósito de voltar a Portugal (onde já actuou três vezes com grande êxito). Prevê-se que a vinda do artista se verifique em Abril.

NO CAPITÓLIO

Vai sair de cena

«O que é bom é p'ra se ver!»

Entrou em ultimas representações a revista popular «O que é bom é para se ver!», magnifico espectáculo que proporcionou um belo triunfo á companhia de Giuseppe Bastos, na qual se distinguem os nomes de Salvador, Carlos Coelho e Spina, Maria Dulce, Helena Tavares e Helena Vieira, e a grande atracção internacional «The Caravelles», agrupamento coreográfico de excepção classe. A montagem é de grande categoria com um final de acto em luz negra. «O México em Lisboa», que deslumbrou o publico. Por compromissos há muito assumidos esta revista só estará em cena até ao próximo domingo.

SÃO LUIZ E ALVALADE

«Hotel Internacional»
um grande filme de amor

Consagrado pelo publico como um dos melhores espectáculos de todos os tempos, entrou em 2.ª semana de exibição o filme «Hotel Internacional», que o São Luiz e o Alvalade exibem em rigoroso exclusivo de temporada.
«Filme de amor, filme para o publico, filme de vedetas» — como o definiu um crítico — a esplendorosa produção que Lisboa está a consagrar com sucessivas encheites.

FESTA DE HOMENAGEM

ao cantor Manuel Mestre

A favor do fundo de assistência da Casa do Alentejo, efectua-se, no próximo sábado, nesta instituição, ás 22 horas uma festa de homenagem ao cantor alentejano Manuel Mestre, que regressou recentemente das Américas, onde efectuou uma digressão artística e divulgou a musica portuguesa.

Tomam parte no festival, além do homenageado, os artistas Ada de Castro, António Alvarinho, José António, Luís Pizarra, Mariete Pessanha, João Maria Tudela, a acordeonista Belinha Costa, o violinista José Maria Nóbrega e o guitarrista Carlos Gonçalves. Haverá, também, baile, abrilhantado pela orquestra «Santa Cruz». Os serviços de restaurante e «bar» funcionarão até final da festa.

tes, conta-nos algumas histórias que se encadeiam de forma apaixonante — e que decorrem durante as horas em que um avião, retido no aeroporto, por causa do nevoeiro, é obrigado a adiar a partida, no começo de uma noite para a madrugada seguinte.

Essa demora torna-se cruciante para alguns viajantes, pois os seus problemas ganham novos e empolgantes aspectos, com as inesperadas horas de demora em Londres, e que se verificam quando todos supunham estar já bem longe da cidade onde deixaram tantos e tão palpitantes casos em aberto.

AS ESTREIAS DE HOJE

No Avis

Título em português — «Uma mulher tranquila».
Título original — «The Battle of the Sexes».

Produção — Inglesa.
Realização — Charles Crichton.
Interpretes — Peter Sellers, Robert Morley e Constance Cummings.
Género — Alta comédia.
Distribuição — Imperial Filmes.
Processo — Normal, a preto e branco.

Classificação — 12 anos.

NORBERTO ÁVILA ESTÁ EM PARIS A ESTUDAR TEATRO

O jovem Norberto Ávila, que se estreou como dramaturgo, o ano passado, no Teatro da Estufa Fria, sob o patrocínio da C.M.L., está em Paris a frequentar, no segundo ano, a Universidade do Teatro das Nações. Aquele autor está ainda a tirar, na Sorbone, o curso do Instituto de Estudos Teatrais.

**NEM COMÉDIA
NEM DRAMA...
NEM FRÍVOLO
NEM PROFUNDO...**

COM UMA RAPARIGA,
BONITA, DELICIOSA
E UM POUCO LEVIANA
TUDO PODIA ACONTECER...

E ACONTECEU!!

**AMANHÃ
ESTREIA no
EDEN**

UMA PREVENÇÃO AS RAPARIGAS...
UM AVISO AOS HOMENS...

**ELA — a encantadora
SUZANNE PLESHETTE**

**ELE — o descarado
TY HARDIN**

— PARA ADULTOS —

UM FILME MALICIOSO
REALIZADO POR RICHARD WILSON

**ADEUS
INOCÊNCIA**

ASTÓRIA FILMES

NINA

BOITE DE NUIT

Adultos
Maiores de 21 anos

SENSACIONAL ÊXITO

DO FAMOSO BAILARINO

HURTADO DE CORDOBA

COM O SEU BALLET

UM GRANDE FESTIVAL DO FOLCLORE ESPANHOL

UMA ATRACÇÃO DE RENOME MUNDIAL

ABC

TEL. 366745



AMANHÃ

AS 20,45 E 23 HORAS

DEPOIS DA TRIUNFAL CARREIRA NO PORTO E PROVÍNCIA
DA REVISTA

DE BIKINI e CHAPÉU ALTO

AGORA A PREÇOS POPULARES (17 ANOS)

com IVONE SILVA, NICHOLSON, HENRIQUETA MAYA, ANTONIO ANJOS, MANUELA MARIA, BRAGA SANTOS, as atracções MARIA DO ESPIRITO SANTO e ANTONIO CALVÁRIO, 3.º Rei da Rádio e Grande Prémio TV — 1964

**SENSACIONAL
REAPARIÇÃO**

HERMES PORTELA
apresenta

HOJE-ESTREIA

em 2 SESSÕES ÀS 20,45 e 23 H.

MAIORES DE 12 ANOS



UM ESPECTÁCULO MUSICADO
E CARACTERISTICAMENTE POPULAR

NAZARÉ

Original de FERNANDO SANTOS, ALMEIDA AMARAL e FERNANDO ÁVILA

Música de RAUL PORTELA, RAUL FERRÃO e FERNANDO CARVALHO

O MELHOR ELENCO DA ÉPOCA

CAMILO OLIVEIRA

DEOLINDA RODRIGUES

EMÍLIO CORREIA * RODOLFO NEVES

IRENE CRUZ

FERNANDO FRIAS * ÓSCAR ACÚRCIO

o actor cómico

BARROSO LOPES

Natalina José * Lucinda Amaral

colaboração da actriz

MARIA CRISTINA

OCTAVIO MATOS, FILHO * DANIEL GARCIA

Lourdes Lopes — Helena Amorety

Sensacional Reaparição de

MIMI GASPARE

E

ALBERTO RIBEIRO

GRANDE CORPO CORAL • BAILARINAS • GIRLS

Encenação e direcção de
ROSA MATEUS
Direcção musical do Maestro
JOÃO DE VASCONCELOS
Coreografia de Mestre CHARLES
Direcção de montagem de
RUI e HERNANI MARTINS
Maquetas de HERNANI LOPES
Cenografia de HERNANI, RUI MAR-
TINS e RAUL DUARTE
Figurinos de MARIO ALBERTO
Guarda-roupa dos ATELIERS PAIVA
executado sob direcção da Mestra
JOSEFINA SOARES

DOMINGO
ESPECTÁCULO
AS 16 H.

Almoço a bordo do barco francês

«Commandant
Bordais»

A bordo do escautador francês, «Commandant Bordais», que se encontra atracado à muralha da Doca de Marinha e que amanhã se faz ao mar, efectuou-se hoje um almoço oferecido pelo respectivo comandante, capitão-de-fragata Guillon, a individualidades portuguesas e francesas.

Estiveram presentes, além do comandante do navio e outros oficiais da tripulação, os srs. capitão-de-mar-e-guerra Tavares de Almeida, sub-director dos Serviços das Pescas; capitão-de-fragata Fernando Limpo Torcado, delegado do Ministério da Marinha a bordo do «Gil Eanes»; 2.º tenente Carlos Ferreira-Gonçalves, oficial de ligação; Maurice Merli, conselheiro da embaixada de França; coronel André Wattier, adido militar, naval e aeronáutico daquele país e Louis Pretti, consuleiro da França.

O navio esteve hoje patente ao público, das 14 às 16 horas.

Um jantar

na Liga dos Combatentes

Efectua-se esta noite, na cantina da sede social da Liga dos Combatentes, o 107.º jantar mensal de confraternização, entre combatentes belgas, britânicos e franceses e sócios da instituição, o qual reunirá cerca de setenta convivas e terá a comparencia, como convidado de honra, do embaixador da França, sr. barão Edmond de Beauverger.

Nesta reunião de camaradagem participarão, também, o comandante Louis Guillon, do aviso «Commandant Bourdais», que presentemente se encontra no Tejo, e altas patentes e outras entidades portuguesas e estrangeiras.

O PORTO PELO TELEFONE

Montra partida

PORTO, 27. — Esta madrugada, cerca das 6 horas, apareceu partida a montra lateral do estabelecimento da firma Gomes & Pimentel, na Praça da Batalha, 20.

A proeza foi praticada por larás.

VIDA POLÍTICA

Presidente da República

O sr. almirante Américo Thomaz assiste amanhã, no Coliseu dos Recreios, à estreia da opereta «Dona Francisquita», com que se inaugura a série de operetas e zarzuelas espanholas.

Ministro do Ultramar

O titular da pasta do Ultramar trabalhou com os srs. prof. André Navarro, reitor dos Estudos Gerais de Angola, e inspector Hortêncio de Sousa, governador do distrito de Benguela.

O sr. comandante Peixoto Correia recebeu o sr. dr. Silva Ribeiro, deputado estadual de S. Paulo, que acaba de visitar Angola e Moçambique, e a comissão organizadora do Grupo de Amigos da Guiné, acompanhada do deputado sr. dr. Pinto Bull.

Ministro das Corporações

O sr. prof. dr. Gonçalves de Proença recebeu hoje os dirigentes da Federação dos Sindicatos dos Empregados de Escritório, com os quais apreciou assuntos de interesse para aquela classe.

O novo governador civil de Vila Real, sr. dr. Torquato de Magalhães, esteve ali, a apresentar cumprimentos ao ministro.

Subsecretário de Estado do Tesouro

Por motivo do 2.º aniversário da sua posse, o sr. dr. Faria Blanc, subsecretário de Estado do Tesouro, foi hoje cumprimentado pelos directores-gerais e outros funcionários superiores do Ministério das Finanças, tendo recebido também felicitações do titular daquela pasta, do subsecretário de Estado do Orçamento e de várias entidades ligadas à vida financeira.

Ministro da Marinha

O sr. ministro da Marinha recebeu hoje o sr. António da Fonseca, secretário-geral do Movimento Pela Libertação de Goa.

TRIBUNAIS

Julgamento no Plenário

Sob a presidência do sr. desembargador António de Almeida Moura, que tem como ajudante do procurador da República o sr. dr. Lopes de Melo, reuniu-se hoje o Plenário Criminal da Boa Hora para julgar catorze estudantes da Universidade de Coimbra. São os srs. José Joaquim Botelho Guedes, de 24 anos, de Vila Seca (Armamar); Antero Silveira da Rosa Dias, de 23, de Feiteira (Horta); João Guilherme Fernandes de Freitas, de 30, de São Gonçalo (Funchal); Artur Ernesto Guerreiro Pires, de 24, de Lisboa; Joaquim Cantante Garcia, de 32, de Coimbra; Virgílio Fernandes Lopes Nunes, de 30, de Avelar (Ancião); Oscar Jordão Pires, de 25, de Oliveira (Guimarães); Aleu de Matos Baptista, de 25, de Mouriscas (Abrantes); Mário Fernando Pombal Costa, de 37, de Tortosendo (Covilhã); Arlindo dos Santos Parracho, de 24, de Vagueira (Vagos); António das Neves de Freitas Tavares, de 37, da Curia (Anadia); Manuel Bernardo Amarello, de 31, de Marmeleiro (Guarda); António Abel Bernardes, de 36, de São João da Pesqueira, e Alvar Manuel Cunha Jones Cardoso, de 26, de Santa Maria Maior (Funchal). Foram incriminados em Janeiro de 1962, e posteriormente, alguns concluíram as formaturas e contraíram matrimónio.

Segundo o Ministério Público, estão pronunciados por «terem introduzido num «Decreto», afixado na montra da delegação de «O Primeiro de Janeiro», em Coimbra, em 24 de Novembro de 1961, em vez das habituais alusões à vida académica, desenhos e expressões de carácter político.

A redacção do texto do «Decreto» é da autoria dos 1.º e 2.º incriminados, os desenhos são do 3.º, o 4.º recolheu a assinatura dos restantes

e o 5.º actuou como «dux veterano-rum», os quais assinaram e mandaram afixar.

São patronos dos arguidos os srs. drs. A. C. Marques Abranches, F. Maia de Carvalho e Roque Paim, todos de Coimbra. Há duas testemunhas de acusação, e entre as muitas de defesa incluem-se os srs. profs. Afonso Queirós, Eduardo Correia, Herménio C. Inácio, Armando A. M. Simões de Carvalho, Ferrer Correia, A. J. de A. Robalo Cordeiro, Augusto Vaz Serra, Gouveia Monteiro, Serra de Oliveira, Maximino Correia, J. M. L. do Espírito Santo, Andrade Gouveia, Henrique de Oliveira, Cotelho Neiva, J. M. Correia Neves e Mendonça de Albuquerque.

Admite-se que a sentença seja proferida esta noite.

Diário da Outra Banda

Cinemas

ALMADA — *Incrível* — Às 21.15: «O apaixonado» e «O grande capitão» (17 anos); *Académia* — Às 21.15: «A cidade prisioneira» (17 anos).

BARREIRO — *Ginásio* — Às 21: «O crime da 10.ª Avenida» e «Os quatro monges» (17 anos).

A MORA — *Cine-Teatro* — Às 20.45: «O espadachim» e «Cantinflias deputado» (12 anos).

COVA DA PIEDADE — *Clube Recreativo* — Às 21.15: «As noivas do papá» (12 anos); *União Artística* — Às 21.15: «Bravos até ao fim» e «Mães abandonadas» (12 anos).

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — Nunes — Largo Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137).

ALMADA — *Magalhães* — Praça Luís de Camões, 10 (Tel. 270242).

BARREIRO — *Moderna* — Rua D. Maria H. Gomes de Araújo, 12 (Tel. 2273443).

COVA DA PIEDADE — *Império* — Rua do Cabo da Boa Esperança (Tel. 274356).

MOITA — *União Moitense* — Av. Dr. Teófilo Braga, 1 (Tel. 239025).

MONTIJO — *Giraldes* — Rua Almirante Reis, 45 (Tel. 230008).

SESIMBRA — *Lopes* — R. Candido dos Reis, 67 (Tel. 229028).

SETÚBAL — *Marques* — Rua Arronches Junqueiro (Tel. 22783); *Bonfim* — Av. Rodrigues Manito, 12 (Tel. 24558).

ALHOS VEDROS — *Portugal* — Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250).

SEIXAL — *Soromenho* — Rua Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560).

BAIXA DA BANHEIRA — *Nova Fátima* — Estrada Nacional, 221-B (Tel. 224141).

VAI INSTALAR-SE EM ÉVORA

uma estação

emissora de rádio

ÉVORA, 27. — Fomos informados de que um grupo de individualidades evorenses está firmemente disposto a dotar Évora com uma estação rádio-emissora, com características regionais.

A iniciativa não terá associação com qualquer estação emissora oficial ou particular já em funcionamento, mas avaliando-se o número e as possibilidades materiais das individualidades interessadas na iniciativa, tudo parece indicar que, finalmente, a cidade de Évora, num futuro mais ou menos próximo, disporá de um posto privado de rádio-emissão, desejo de há longos anos acalentado, mas sempre contrariado, por carência de meios técnicos e financeiros, dificuldades que parece terem agora sido vencidas.

OS ESTUDANTES BRASILEIROS

visitaram as zonas

de Sintra e do Estoril

Os estudantes brasileiros do grupo de extensão cultural da Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil, acompanhados pelo sr. prof. eng. Oscar de Oliveira, catedrático de Matérias-Primas Orgânicas, iniciaram esta manhã uma visita a Queluz, Sintra, Guincho, Cascais e Estoril, incluindo os respectivos palácios nacionais.

DUAS LETRAS, DOIS CARRIS
AO SERVIÇO DO PAÍS



Um aspecto da visita

No Convento de Mafra o Museu de Escultura Comparada foi esta manhã visitado por quatro membros do Governo

O Convento de Mafra é o mundo português do mármore, na estatua, como na arquitectura.

Desde a sua fundação, no reinado de D. João V, que o magnífico monumento constituiu um centro de cultura de poderosa incidência em todo o País.

Em 1753, no reinado de D. José I, foi ali criada uma Escola Nacional de Escultura, para dirigir a qual foi convidado Alexandre Giusti. Daí em diante a Escola de Mafra, poderosamente influenciada pela arte estrangeira, especialmente italiana, passou a ser o fulcro do movimento escultórico português. De lá saíram, entre outros, Machado de Castro, mais tarde chamado a Lisboa, onde criaria obra de vulto.

Os tempos passaram, as gerações também, e as vicissitudes da História acabaram por diluir a existência desse esplendor artístico. As obras dispersaram-se por várias partes do País, e, com elas, os artistas que consigo levavam os ensinamentos ali recebidos.

As disponibilidades financeiras nem sempre têm sido o nosso forte. Por isso há já muitos anos que os intelectuais e os artistas anseiam por ver melhor tratado o nosso património artístico, desbaratado, às vezes bárbaramente, por essas terras de Deus, onde as condições climáticas e a falta de condições e tratamento devido às pinturas, às esculturas, às obras de talha, de tapeçaria, de ourivesaria, mobiliário e tantas outras das chamadas artes menores, fazem delas objectos sem valor, quase sempre inaproveitáveis ao fim de certo tempo de arcação, como demonstrações de uma actividade artística ou mental que assim se vai perdendo na poeira dos séculos.

Um Museu de Escultura Comparada

Em plano um pouco diferente do atrás enunciado se situa a ambição há muito manifestada de ver criar-se em Portugal um Museu de Escultura Comparada, no qual fosse possível reunir peças originais ou cópias das esculturas que, integradas em monumentos ou soltas, documentem a evolução dessa arte no nosso País.

Em 1919 foi publicado um decreto que se propunha dar execução a esse desejo.

Foi preciso, contudo, esperar quase meio século para ver concretizado esse projecto, que há um ano deu origem ao aparecimento, no Palácio Nacional de Mafra, do tão desejado Museu de Escultura Comparada.

Esse passo tão importante foi possível graças a uma primeira iniciativa, tomada em 1940 pela Sociedade Nacional de Belas-Artes, que conseguiu mandar moldar, reunir e expor mais de cinquenta das mais importantes peças existentes em monumentos portugueses.

Com o dispêndio de uma pequena quantia, cerca de 130 contos, uma comissão constituída pelos pintores Abel de Moura, em representação da Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes, Ayres de Carvalho, pela Direcção-Geral da Fazenda Publica, e arquitecto Elísio Sanfamiel, pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, criou o pequeno museu, que ficou instalado no Convento de Mafra, ocupando nove das suas salas.

Classificadas e reunidas as peças dispersas ou arrumadas no Mosteiro dos Jerónimos e noutros locais o museu foi aberto ao público há um ano. Ali figuram algumas espécies moldadas em Coimbra, nos fins do século passado, quase todas as moldagens de Escultura Medieval Portuguesa, numa vasta representação da escultura francesa, do século XI até à Renascença, e um valioso núcleo de moldagens de esculturas da Renascença Italiana.

Uma visita ministerial

A fim de se inteirarem das condições em que ficou aquele museu deslocaram-se hoje ao Convento de Mafra três membros do Governo,

(Continua na 16.ª página)

Toda a terra ribatejana está submersa pela grande cheia que causa avultados prejuízos

A instabilidade do tempo, com períodos de acalmia e outros de copiosas chuvas, acompanhadas de vento desabrido e trovoadas, como sucedeu, durante a noite, principalmente em Lisboa, faz oscilar o nível das cheias, que alastram em especial pelo Ribatejo, onde, nalguns pontos (Santarém, por exemplo) se verificam ligeiras descidas, assinalando-se, porém, a subida na maior parte da extensão alagada. Assim, temos, segundo a escala hidrométrica, as seguintes diferenças observadas entre meia-noite e as 9 horas da manhã: em Santarém, respectivamente, 7 m e 26 e 7 m e 24 (descida de 2 cm); Barquinha, 7 m e 72 e 7 m e 80 (subida de 8 cm; Ródão 12 m e 60 e 12 m e 80 (subida de 20 cm).

De um modo geral, na zona inundada, houve apenas chuviscos durante a noite; e o dia rompeu com tempo razoável, mas ameaçador. No entanto e, apesar do ligeiro abaixamento do nível da cheia na região de Santarém, há a tendência para o aumento do caudal do Tejo, pois se avolumam as águas que descem das serras para o rio e seus afluentes.

Em toda a vasta campina ribatejana, praticamente submersa, acentuam-se os graves prejuízos para a economia dessa região ciclicamente invadida pela torrente devastadora. Resultam principalmente da perda de sementeiras e dos atrasos ou paralisação dos trabalhos agrícolas, criando uma situação aflição para os trabalhadores rurais e mais angustiosas perspectivas para os lavradores, bem como da desorganização das comunicações, pois o bloqueio de estradas e caminhos, que deixa alguns lugares completamente isolados, causa perturbações consi-

deráveis no trânsito e consequentes danos no conjunto das actividades produtivas. Cortada, por exemplo, como dissemos ontem, a estrada nacional de ligação entre Santarém e Lisboa, ali continua interrompido o movimento no seu ritmo normal, e na ponte da Asseca apenas conseguem passar dificilmente alguns veículos grandes. E o panorama de toda a campina ribatejana, sob as águas turbilhonantes, é cheio de desolação, embora umas réstas de sol em aberturas do céu azul abram na perspectiva de opressivas apreensões esperanças promissoras.

Panorama desolador das terras inundadas

SANTARÉM, 27.—Em todas as terras do Ribatejo praticamente submersas pelas águas da grande cheia, verifica-se que piora a situação da lavoura, agravando-se as dificuldades condições de vida dos trabalhadores rurais. E, a manterem-se as oscilações na escala da inundação com efeitos devastadores nas searas e outras culturas, temos a angustiada perspectiva de milhares desses trabalhadores inactivos, sofrendo as famílias consequências cada vez mais dolorosas.

Todas as estradas que servem as povoações ribeirinhas e os campos férteis estão completamente inundadas, oferecendo um panorama angustioso, a suscitar grandes preocupações.

Desde Abrantes até às fecundas terras da Azambuja, tudo está sob um lençol de água a perder de vista. A mesma silenciosa desolação se estende desde o Rossio ao Sul do Tejo até Benavente. As águas do Tejo, engrossadas pelas dos afluentes, avassalam tudo, galgam diques e ultrapassam as obras de defesa.

Das estradas obstruídas, apenas a que liga Santarém a Lisboa, permite, agora, o trânsito, mas com perigo. Em muitas povoações a população tem de se utilizar de barcos nas exigências quotidianas e muitos dos habitantes só utilizando-se de escadas pode entrar nos primeiros andares das habitações.

A reportagem do «Diário de Lisboa» percorreu hoje, os locais onde é possível chegar e onde eloquentemente se ostentam os efeitos da tremenda cheia, a maior deste atormentado período invernal. Em contacto com os rurais, proprietários e comerciantes, ouvindo palavras de desânimo e de incerteza, quanto aos resultados do ano agrícola, o que muito agrava a situação, já verdadeiramente inquietante, em que já antes se vivia.

Casas inundadas no Rossio ao Sul do Tejo

ROSSIO AO SUL DO TEJO, 27.—Não tem chovido, pelo que se espera uma melhoria na situação causada pela cheia, a qual, no entanto, tem vindo a subir.

Na parte baixa a água entrou nas casas, cujos habitantes se refugiaram nos pavimentos superiores. Algumas famílias instalaram-se nas sociedades recreativas.

Os lavradores estão muito desanimados e a paralisação das faixas agrícolas atinge gravemente os trabalhadores rurais.

Continua impraticável a estrada para Lisboa, pelo Tramagal, e no resto da rede rodoviária continua a fazer-se o trânsito, embora com algumas dificuldades em alguns pontos.

Criança salva por um ex-soldado de Angola

SALVATERRA DE MAGOS, 27.—Covertos os campos totalmente pelas águas, esta região oferece um aspecto desolador. As colheitas consideram-se perdidas e os prejuízos são avultados. A situação é muito difícil para os trabalhadores, forçadamente inactivos, com reflexos graves na economia da região.

A cheia invadiu a parte baixa da vila, correndo as águas em turbilhão junto do cais de embarque onde, a certa altura, um pequeno de 13 anos, Luís Manuel Rodrigues, que ali andava de bicicleta, caiu à torrente e foi envolvido, com o velocípede, pelo caudal redemoinhante. Outra criança que assistia à cena angustiante gritou por socorro, e acorreu um jovem trabalhador rural, António João Travessa, há pouco regressado do serviço militar em Angola, o qual, lançando-se à água resolutamente, conseguiu agarrar o pequenito, inanimado, mas enleado na bicicleta. Foram-lhe

prestados todos os socorros, e o pequeno já se recuperou.

Benavente não tem ligações com Santarém e Abrantes

BENAVENTE, 27.—Com o aumento de volume do caudal do Tejo subiu o nível das águas do Sorraia, para o que também contribuíram as chuvas abundantes durante a noite.

A cheia tem causado grandes prejuízos à lavoura, o que cria situação difícil para os trabalhadores rurais, reflectindo-se, também, no comércio. Estão cortadas as comunicações com Santarém e Abrantes.

Na várzea de Samora, banhada pelo Almoncor, embora a água atinja a estrada, nalguns pontos, mantém-se contudo a ligação à rede rodoviária praticável.

Está isolada a vila da Chamusca

CHAMUSCA, 27.—Não choveu durante a noite, e hoje o dia surgiu com tempo bom, o que contribui para se manter estacionária a situação relativamente à cheia, cujo nível, depois da pequena descida de ontem, não se alterou.

Os campos continuam, porém, submersos, sofrendo a agricultura as consequências, que se reflectem na vida das populações rurais, da paralisação dos trabalhos e do alargamento das sementeiras.

O REGISTO DAS ESCALAS HIDROMÉTRICAS

Indicações fornecidas pelas escalas hidrométricas sobre o nível da cheia no Ribatejo, nas oscilações entre as 3 e as 12 horas de hoje: RÓDÃO — A's 3 horas da madrugada, 12 m e 75; 6 h., 12 m e 85; 9 h., 12 m e 80; 12 h., 12 m e 60.

BARQUINHA — As 3 horas, 7 m e 74; 6 h., 7 m e 78; 9 h., 7 m e 80; 12 h., 7 m e 82.

SANTARÉM — A's 3, 6 e 9 h., 7 m e 24; 12 h., 7 m e 26.

Segundo indicações provenientes das zonas mais afectadas, é de supor que as águas subam durante a tarde, para se manterem, à noite, num nível estacionário.

Em consequência da inundação, das maiores dos últimos anos, esta vila está completamente bloqueada. Não é possível passar no Dique dos

(Continua na 10.ª página)

NÃO CHOVE NO PORTO

MAS SUBIU O NÍVEL DO DOURO NA RÉGUA

PORTO, 27.—Há já algumas horas que não chove. A acalmia do tempo proporcionara apreciável descida do nível do Douro, que, entretanto, tornou a subir na Régua.

Esta manhã a escala hidrométrica marcava 10 m e 20.

Entretanto, e devido talvez à circunstância de o mar, ainda que muito agitado, permitir o desagendamento do rio, os terrenos e as ruas, que ainda ontem estavam inundados, estão, hoje, absolutamente secos. É o que se verifica, também, na Praça da Ribeira, na Avenida Diogo Leite, em Gaia e no Bairro de Miragaia.

SABADO, dia 29 de Fevereiro, de 1964

NA LIVRARIA SOUSA & ALMEIDA

Rua Fábrica, 42 — PORTO

ARMANDO CASAS

autografa o 1.º volume da sua

A EVOLUÇÃO ECONÓMICA DE PORTUGAL

UM MONUMENTO SEM PARALELO NA HISTÓRIA GUESA QUE VEM ABRIR NOVOS CAMINHOS

Uma edição da

PORTUGAL

PENHORES

JUROS DA LEI

Largo Conde Barão, 4-1.º Esq.

ASSEDIAO, ADORADO, VÍTIMA DE MILHÕES DE ADMIRADORAS...

DEAN MARTIN

ENFRENTA O MAIS "BICUDO" PROBLEMA DO ANO!

Os Rendez-vous do Senhor Doutor

(WHO'S BEEN SLEEPING IN MY BED?)

ELA FARIA TUDO PARA O CONQUISTAR ATÉ CASAR COM ELE!

A AMIGA, DOS MAUS CONSELHOS...



QUERIA CONVENCÊ-LO COM OS SEUS "CRÊPES SUSETTES"...

ESTA DANÇAVA, DANÇAVA...

UMA PRODUÇÃO JACK ROSE

com ELIZABETH MONTGOMERY · MARTIN BALSAM · JILL ST. JOHN

RICHARD LOUIS JACK MACHA YOKO DIANNE ELLIOTT CONTE · NYE · SOO · MERIL · TANI · FOSTER · REID

CAROL BURNETT · TECHNOLOR · PANAVISION

Realiz. de DANIEL MANN · Argum. de JACK ROSE Um filme PARAMOUNT

ADULTOS AMANHÃ BRILHANTE ESTREIA NO IMPÉRIO

ANDO CASTRO

ra o 1.º volume da sua obra

ECONÓMICA DE PORTUGAL

M PARALELO NA HISTORIOGRAFIA PORTU-

IR NOVOS CAMINHOS NA NOSSA CULTURA

RTUGÁLIA

PAGINA CENTRAL



O mar vai «comendo» o edifício que há dois dias começou a ruir

UMA INTERVENÇÃO DE EMERGÊNCIA PARA DEFENDER A PRAIA DO SOL

Na sua furia avassaladora, aumentada com a força das últimas marés vivas e do vento, que tem soprado de sudoeste, o mar, na Costa da Caparica, prossegue na sua obra de destruição. Praticamente inutilizado o edifício da pensão-restaurante, «Carolina do Aires», propriedade do sr. José Aires Ferreira e da sr. D. Carolina de Aires, cujo valor se computa nalgumas centenas de contos, as águas continuam a desbatar a praia, numa extensão apreciável, e a pôr em perigo outras instalações ali erguidas.

Entre os imóveis que podem ser atingidos, dada a sua proximidade da linha de água, situam-se o Restaurante Bento e os estabelecimentos de banhos «Evandro» e «Tarquinio». Apesar do vento ter abrandado, esta manhã, e de só faltarem duas marés (15 e 26 de hoje e 3 e 4 da próxima madrugada) para se atingir o cumulo máximo da preia-mar (4,31 metros), mesmo assim o referido restaurante encontra-se na iminência de ser apanhado pelas vagas. Trata-se de uma boa construção, pertencente ao sr. Joaquim Castro de Almeida, avaliado em cerca de seiscentos contos.

Entretanto, principiou a retirada de todos os haveres existentes nas instalações do «Evandro» e verificam-se algumas disposições cautelares noutras casas. Pode, pois, dizer-se, que o momento é difícil, mas todos estão convencidos de que o pior está passado e que, a concretizarem-se as obras de defesa da erosão anunciadas, o futuro pode ser encarado com optimismo.

Como se sabe, os temporais das últimas semanas têm batido com violência toda a costa ocidental do Continente, provocando uma ablação quase generalizada das praias, facto que vem suscitando naturais preocupações. No troço de costa da Cova do Vapor á Fonte da Telha, conforme noticiámos, a acção das vagas foi particularmente agressiva, destruindo os troços que ainda restavam da antiga duna longitudinal, junto á praia da Costa da Caparica.

Segundo informação que nos foi fornecida, os problemas levantados pela erosão das praias da Cova do Vapor á Caparica, que há anos vem processando-se e que agora os temporais aceleraram, em algumas zonas, têm sido objecto de observação sistemática, pelos departamentos oficiais, em ordem á recolha de dados para o estudo das providências a tomar, com vista a sustar o seu progresso e acautelar a segurança da área urbanizada e aglomerado populacional — sem prejuízo da manutenção da exploração balnear das praias.

De acordo com os estudos feitos já encontra-se esquematizado o conjunto de obras á promover para

se atingirem aqueles objectivos, do qual estão executados dois elementos fundamentais: o núcleo da Cova do Vapor, destinado a limitar a regressão desta zona e que constituirá o nó de arranque do conjunto de obras principais para escorar o assoreamento das praias; e o dique longitudinal, que visa, predominantemente, proteger os terrenos baixos interiores contra o espraio das vagas e consequente inundação.

As citadas obras têm respondido bem á missão para que foram concebidas e concretizadas, podendo considerar-se comprovada, segundo o parecer dos técnicos responsáveis, a sua eficiência como órgãos de apoio para o arranque dos dispositivos previstos no esquema geral de intervenção — que aliás terá de ser executado por fases sucessivas.

A execução do mencionado esquema de obras de protecção, que cobrirá um troço de costa com cerca de milha e meia, envolverá um dispêndio da ordem de quatro a cinco mil contos. No entanto, vão ser executadas algumas obras imediatas, em consequência de a duna que protegia o enraizamento sul do dique longitudinal ter sido atacada, diminuindo a sua robustez, a ponto de aconselhar uma intervenção de emergência.

Tudo o dispositivo de defesa vai ser concretizado por intermédio da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos, e já esta manhã appareceu na Praia do Sol a primeira camioneta carregada de pedra. A fim de permitir o começo imediato dos trabalhos, tiveram de ser recuadas duas grandes barracas do estabelecimento de banhos «Primoroso», que se encontravam quase em cima do paredão onde vai decorrer todo esse labor.

Impõe-se dar novo sentido à política do turismo português colocando-a entre as grandes preocupações

—afirmou hoje na Assembleia o deputado dr. Nunes Barata

Na sessão de hoje da Assembleia Nacional, a que presidiu o sr. prof. dr. Mário de Figueiredo, secretariado pelos srs. drs. Cid Proença e F. lhadeira de Oliveira, o deputado sr. dr. José Fernando Nunes Barata efectivou o seu anunciado aviso-prévio sobre o Turismo em Portugal.

O sr. dr. Nunes Barata começou por prestar homenagem a quantos se têm preocupado com os problemas do turismo e por chamar a atenção para a actualidade dos mesmos, de forma a colocar este aspecto da vida portuguesa na primeira linha das nossas grandes preocupações, sublinhando:

— O turismo serve interesses humanos mesmo para lá e acima da sua expressão monetária; com ele abrem-se os povos a um melhor conhecimento recíproco, cujos frutos se traduzem num enriquecimento do património cultural da Humanidade, num fortalecimento da solidariedade e da paz. Mas, restrito ao plano económico, o turismo abonase não só com o caudal de divisas que nos pode proporcionar, como, ainda, por constituir apoio às mais variadas actividades, desde a indústria hoteleira aos transportes.

Na sua extensa e pormenorizada exposição, cuja leitura ocupou quase três horas, o orador fez largas e oportunas considerações sobre a importância do turismo no desenvolvimento dos povos e na balança de pagamentos das nações, lembrando que ele se sobrepõe a outras indústrias, pela possibilidade de mais fáceis sucessos. Frisou que o afluente de turistas se repercute no processo do desenvolvimento interno e disse que o turismo não tem que vencer os complexos problemas técnicos de produção, nem exige mão-de-obra extremamente qualificada. Acontece que á sombra do turismo — acrescentou — se constroem infra-estruturas ou se realiza uma valorização social que, em última análise, beneficia o bem-estar das populações rurais.

Continuando, declarou que a localização de centros de actividade turística transforma-se em pólos de desenvolvimento económico e que os fluxos turísticos fortalecerão a agricultura, o comércio e o próprio artesanato local, atenuando-se os desequilíbrios regionais.

Embora, disse, as receitas do turismo tenham aumentado de 63 % em 1962, em relação ao ano anterior, Portugal encontra-se infelizmente a grande distância dos outros países europeus. Aludiu á posição que a Espanha e outros países ocupam no sector, fazendo particulares referências ao desenvolvimento do país vizinho e á propaganda por ele montada para fomentar o seu turismo.

O caso português

Depois de largamente se ter ocupado do esforço feito pela Espa-

nha, o sr. dr. Nunes Barata debruçou-se sobre o caso português, começando por apontar as possibilidades de atracção do nosso País, dizendo:

— Portugal dispõe de uma série de factores de atracção, fundados no clima, na topografia variada do País, no património histórico e cultural, no folclore e na mesa. A atitude simpática e prestável da população ajuda a manter uma atmosfera favorável. O desenvolvimento prodigioso do turismo internacional nos últimos tempos exige novas zonas de expansão, o que permite considerar o nosso território como

(Continua na 24.ª página)

Soluções necessárias para o problema dos técnicos contabilistas

As disposições legais recentemente promulgadas sobre a qualificação profissional dos técnicos de contabilidade responsáveis pelos balanços das mais importantes empresas desencadearam uma tempestade de opiniões divergentes. O assunto tem sido debatido sob as mais diversas perspectivas, não só na imprensa como em altas esferas de representação nacional. E de tudo isso tem ficado um ambiente azedo, de insatisfações e preocupações, que não afecta apenas a classe a que diz respeito mais directamente mas outros sectores mais amplos da opinião publica.

Infelizmente, não parece que as opiniões manifestadas, na sua grande maioria, tenham tocado os pontos cruciais do problema em questão nem as suas raízes determinantes. E para estas porém que vale a pena chamar as atenções gerais e, sobretudo, a dos responsáveis pelas determinações legislativas que hão-de reger no futuro as funções dos técnicos de contas. Sem interesses de posições pessoais, sem facciosismos estreitos nem intuitos de diminuir profissional e socialmente os práticos ou os diplomados na especialidade, um facto avulta acima de todos na ori-

gem deste problema agrestemente discutido: a lamentável carência de regulamentação para o exercício das funções de quadros contabilísticos superiores.

Desde há largos anos que a imensa maioria, senão a totalidade, dos profissionais deste sector estão de acordo na necessidade de se regulamentar a profissão, não apenas no que respeita aos técnicos de contabilidade de qualquer grau, como aos peritos contabilistas e aos guarda-livros. Em contraste com as responsabilidades económicas-sociais dessas funções, a liberdade com que tem sido tradicionalmente autorizado o seu exercício é surpreendente. Não existe qualquer condicionalismo, nem provas de competência, nem «controle» legal de prática. Para se exercer tais cargos, sejam quais forem as empresas e o seu grau de importância na vida do País, basta que os interessados se inscrevam para pagamento do imposto profissional respectivo, sendo tal colecta requerida por qualquer pessoa sem limitações. Por muito estranho que pareça, o cargo de contabilista ou guarda-livros pode ser exercido, á face da lei ou da ausência de lei, por um indivíduo que não saiba sequer ler e escrever.

Ora a regulamentação profissional dos técnicos de contas tem sido repetidamente solicitada. Chegaram a ser nomeadas officiosamente comissões para esse efeito, que apresentaram trabalhos instrutivos das preconizadas disposições legais. Por iniciativa do antigo Subsecretariado de Estado das Corporações foram publicadas, há anos, as bases de regulamentação profissional dos empregados de escritório, incluindo disposições relativas aos técnicos de contabilidade. E, recentemente, em Setembro de 1963, por despacho do ministro das Corporações e Previdência Social, foram legalmente fixadas as «Condições

(Continua na 24.ª página)

MAJOR JOÃO MARIA BENTO

Foi hoje publicada no «Diário do Governo» a concessão da medalha de prata de Serviços Distintos ao major João Maria Bento «pelos extraordinários e importantes serviços prestados, nos últimos anos, como chefe de gabinete do Governo-Geral de Moçambique e como presidente da Junta do Comércio Externo da mesma província, nos quais evidenciou perfeita lealdade e isenção, dedicação pelo serviço, profundo conhecimento dos problemas económicos da província e invulgar capacidade para lhes encontrar solução, de tudo resultando reconhecidas vantagens para o ultramar».

NOIVOS

As alianças e prendas da
OURIVESARIA DA MODA
dão felicidade
RUA DA PRATA, 257



que interessa em negócios?

A AMIZADE

a linha de conduta de
A CONFIDENTE
é impecável

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS EM PROPRIEDADES

LISBOA - ROSSIO, 3 - TEL. 369384 PORTO - R. PASSOS MANUEL, 14, 1.º - TEL. 20344

QUINTA-FEIRA, 27 DE FEVEREIRO DE 1964

A aldeia de Rosais tem de ser totalmente reconstruída

—declarou à Imprensa o governador de Angra ao regressar da ilha de S. Jorge

ANGRA DO HEROISMO, 27 — (Do enviado especial da «A. N. I.» Luis Fraga) — «Mais do que sinistrada, pode comunicar à Imprensa que considero os Rosais uma zona devastada. Tem que se ir para a reconstrução total» — declarou a «A. N. I.» o governador do distrito autónomo de Angra do Heroísmo, dr. Teotónio Machado Pires, ontem, na viagem de regresso à sede do seu distrito, a bordo da fragata «Corte Real», depois de ter percorrido a região ocidental da ilha de S. Jorge.

Acrescentou o governador:
— Quanto à vila das Velas, são muito os edifícios que é necessário apelar. No hospital, um dos grandes imóveis mais afectados, o interior é um verdadeiro pandemónio. A Câmara Municipal ficou desasturada em dois cunhais e abriu fendas enormes. Mesmo casas que por fora parecem habitáveis por dentro estão destruídas.

Prejuízos muito elevados

«Esta visita a S. Jorge — salientou depois o dr. Machado Pires — permitiu-me verificar total e exactamente o que ali se passou e, embora não tenha ainda possibilidades de fazer uma estimativa aproximada, considero, na verdade, muito elevados os prejuízos provocados pelos sismos».

Falando em seguida acerca da reunião que teve ontem na Calheta com os seus mais directos colaboradores e com os presidentes dos dois municípios da ilha, acentuou que o seu objectivo principal tinha sido a solução urgente de todos os problemas que se lhe depararam.

Só depois de estar, porém, de posse das conclusões a que chegou o sismologista eng. Frederico Machado, que ficou naquela ilha com uma equipa de trabalho, conclusões que devem ser recebidas den-

tro do prazo máximo de oito dias, é que o governador do distrito informará o ministro das Obras Públicas.

Entretanto, será pelo governador enviado imediatamente ao eng. Arantes e Oliveira o seu relatório sobre a visita à ilha de S. Jorge e sobre a reunião ontem ali realizada.

A assistência social

Acentuou ainda o governador que as medidas mais urgentes a tomar agora são as de carácter social, para debelar as dificuldades no capítulo da higiene e proporcionar adequada assistência moral.

De Lisboa, no mesmo avião militar que me trouxe, vieram na segunda-feira, com destino a S. Jorge, duas assistentes sociais. A verdade, porém, é que ainda ninguém viu naquela ilha e também não as vimos ontem na fragata «Corte Real», que nos levou à Calheta com o governador.

— O que é, no entanto, certo — disse a concluir as suas declarações, o dr. Teotónio Machado Pires — é que as mulheres jorgenses necessitam de apoio e de direcção para se poder aproveitar integralmente o contributo dessas válidas e corajosas colaboradoras do homem». — (A. N. I.).

Um conjunto de problemas que se apresentam mais instantes para a população de S. Jorge

ANGRA DO HEROISMO, 27. — Uma falta que se tem sentido, esta na Calheta, é a de água: numa ilha onde há mais de uma semana chove torrencialmente há pessoas que nos últimos dias, por falta de água nas torneiras, não têm podido lavar-se...

O grande problema de S. Jorge na hora presente, o problema de maior urgência, ainda é, todavia, o do amparo moral às populações deslocadas, que precisam de se sentir acompanhadas, encorajadas, compreendidas, acarinhadas. Sofreram, repetimos, um intenso choque psicológico. E caíram depois como que numa espécie de letargia.

Do pesadelo em que, de subito, se viram mergulhadas, ainda não acordaram por completo. E, como todos os infelizes em qualquer ponto do Globo, tornaram-se, entretanto, de uma extrema, de uma doentia susceptibilidade. Há, assim, um enorme trabalho de recuperação a fazer — e quanto antes. Um trabalho de guerra à apatia e ao desespero.

Sabe-se, porém, que na reunião que teve ontem na Câmara Municipal da Calheta com os presidentes dos dois municípios jorgenses e com outras autoridades, o governador do distrito examinou atentamente todos estes problemas e prometeu transmiti-los sem demora, em circunstanciado relatório, ao Governo central.

Também suscitou preocupações o problema alimentar. Em consequência do temporal, que interrompeu por mais de um dia as comu-

nicações de S. Jorge, por mar, com a Terceira e com o Faial, o pão chegou a faltar. Ora o pão — de milho ou de trigo — é a base da alimentação dos jorgenses e não pode ser substituído pela carne de algum gado que se abata.

Por outro lado, sobretudo para os deslocados que têm de viver em barracas e tendas de campanha, praticamente sob os efeitos do mau tempo, as refeições distribuídas, na base de pão e de uma sopa quente, de feijão, arroz e hortaliças, carecem das necessárias calorias: tem de ser sacrificado mais algum gado para se melhorarem essas refeições, por mais que isso custe aos jorgenses, muitos dos quais têm nas suas vacas os únicos haveres que não se perderam com os sismos.

Também já chegou a haver falta de leite numa ilha cuja economia sempre assentou na produção de leite; entretanto, por falta de vasilhame e de transportes, em alguns pontos da zona devastada da ilha

A CHEIA DO TEJO

(Continuação da página central)

Vinte (na estrada Chamusca-Golegã) e, além da obstrução das outras vias, está, também, submersa a rodovia que liga Alpiarça a Santarém.

Grande dificuldade nas comunicações com Almeirim

ALMEIRIM, 27. — Durante a noite choveu abundantemente e a cheia continua a subir, agravando a situação da agricultura. O trabalho nas vinhas está a atrasar-se. Há sementeiras destruídas, principalmente de cereais, e os trabalhadores atravessam um período difícil.

A vila tem estado praticamente bloqueada, pois foram cortadas pela invasão das águas as estradas para Alpiarça e outras terras. Atravessa-se, também, dificilmente a ponte de Asseca, em alguns sítios, onde a camada líquida atinge uns vinte centímetros de altura. A estrada de Almeirim está vedada por correntes que a Junta Autónoma ali mandou colocar.

O ministro do Interior para auxiliar os sinistrados expõe as disposições em curso

O sr. dr. Santos Junior, titular da pasta do Interior, que desde o primeiro momento tem acompanhado, com o maior interesse, os acontecimentos registados em São Jorge, em consequência da actividade sísmica, esteve, novamente, esta manhã, em contacto telefónico com o governador do distrito autónomo de Angra do Heroísmo, sr. dr. Teotónio Machado Pires, que lhe transmitiu as primeiras impressões da sua visita àquela ilha.

O governador, que regressou já de madrugada a Angra do Heroísmo, informou o ministro que melhoraram consideravelmente as condições meteorológicas e que ficaram em São Jorge o director dos Serviços de Urbanização dos Açores, o director de Obras Públicas da Junta-Geral do Distrito e o simolo-

gista eng. Frederico Machado, que estão a fazer um estudo, com vista a ser apresentado, dentro de dias, um relatório preliminar dos estragos, a fim de se tomarem medidas imediatas e definitivas no que diz respeito às obras a executar.

Aquele membro do Governo declarou-nos, ao princípio da tarde, que está a fazer-se, pouco a pouco, o regresso das populações sinistradas à sua vida normal, e que está resolvido (e não oferece qualquer dificuldade) a subsistência das 4 mil pessoas deslocadas na vila de Calheta. Como o tempo melhorou bastante e como não se tem registado actividade sísmica que perturbe a relativa tranquilidade, tudo indica que se caminha para uma normalização da vida em São Jorge.

O ministro do Interior disse-nos, também, que o governador de Angra pôde ontem verificar que 70 % das casas da povoação de Rosais se encontram inabitáveis. Lembra-se que essa localidade tem cerca de 1300 habitantes. Quanto à vila de Velas, reparadas as habitações que sofreram danos, pode começar a pensar-se, dentro de pouco tempo, no regresso da respectiva população. Por outro lado, os estragos na região de Urzelina não têm a importância que a princípio se supunha.

O sr. dr. Santos Junior afirmou-nos, igualmente, que não se registaram perdas sensíveis no capítulo da pecuária, pois o gado manteve-se tratado neste período. No entanto, há grandes prejuízos nas culturas, por terem sido abandonadas ou por o próprio gado, à solta, as ter invadido e estragado, nas regiões evacuadas.

O ministro do Interior disse-nos, ainda que se vão fazendo já as reparações que a melhoria do tempo permite e com os meios próprios de que dispõe em Angra. Elaborado o relatório dos estudos a que se procede, far-se-ão, então, as grandes reparações que se impõem.

Aquele membro do Governo informou-nos também de que vão seguir de Angra para a Calheta, a bordo do «Ponta Delgada», duas assistentes sociais enviadas aos Açores pelo Ministério da Saúde e Assistência, as quais serão acompanhadas pela sr.ª D. Maria Luísa Jersão, chefe dos Serviços de Assistência naquele distrito autónomo.

O problema do alojamento das populações deslocadas

ANGRA DO HEROISMO, 27 — (Do enviado especial da «A. N. I.» Luis Fraga) — Em toda a vila das Velas, onde reinam ainda um silêncio e uma solidão que chegam a ser tenebrosos, encontrei um único ser vivo: um cachorro nascido, há pouco, em plena rua.

A impressão com que regressei a Angra é a mesma de todos os que andaram naquela visita: está-se, de facto, perante uma situação grave, que reclama soluções rápidas — para que não se agrave ainda mais — e perante cuja gravidade não vale a pena mastigar as palavras.

Os abalos, afinal, continuam. De intensidade cada vez mais fraca, cada vez mais espaçados, mas continuam ainda: ontem, ao princípio da tarde, registaram-se naquela ilha dois micro-sismos, o que vem demonstrar que, por enquanto, não é possível tomar disposições de carácter definitivo, relativamente à população.

Se bem que, vista do ar, a zona das Velas à Urzelina parece pouco ter sofrido — e esta foi a primeira impressão dos que sobrevoaram a ilha — a verdade é que, de perto, ao passar pela estrada, as casas ainda de pé mostram que ficaram inabitáveis, com as paredes rasgadas de fendas e de buracos ou perigosamente abauladas.

As próprias estradas ficaram tão danificadas que a maior parte dos percursos tem de fazer-se a pé.

Nas Velas não há casas em condições de serem habitadas sem perigo e não se vê, portanto, como apressar o regresso dos deslocados às suas localidades, mesmo que os sismos cessem por completo.

Dormitórios improvisados

Por outro lado, não é possível manter os refugiados, por longo

tempo, na parte leste de S. Jorge sem se correr o risco de desorganizar toda a vida social e económica da ilha: na Calheta, por exemplo, até o salão nobre da Câmara Municipal foi transformado em camarata.

Grandes dificuldades sofrem, entretanto, os que estão instalados em barracas e tendas de campanha armadas à margem das estradas, sobre terra batida. Com a chuva, que tem caído quase incessantemente, a terra transformou-se em lama — e na lama se vive agora. A própria população deslocada poderia dar início, porém, à construção, com pedra solta, de plataformas de emergência — «paredões», como se chama nos Açores — sobre os quais se montassem barracas e tendas, mas, ainda sob os efeitos do choque psicológico sofrido — de que é preciso despertar — não o faz. — (A. N. I.).

Evacuação de doentes da ilha de S. Jorge

ANGRA DO HEROISMO, 27 — A bordo da fragata «Corte-Real» vieram de S. Jorge para Angra do Heroísmo doze doentes. Os serviços de saúde da Calheta salientam que o estado sanitário dos refugiados naquela vila não oferece qualquer perigo, registando-se apenas alguns casos de sarampo e de tosse convulsa entre as crianças, no prosseguimento do surto que já se verificava na ilha antes dos sismos.

Ontem, apenas dois navios entraram no porto da Calheta: a fragata «Corte-Real» e o patrulha «Maio», vindo da Horta, ambos com alimentos e roupas.

No «Maio» viajou o director dos serviços de urbanização dos Açores, eng.ª Costa Valente, que se encontrava na Horta. — (A. N. I.).

As assistentes sociais tiveram medo do mar...

ANGRA DO HEROISMO, 27 — No avião militar que chegou na segunda-feira à base das Lajes, vieram de Lisboa duas assistentes sociais, que desembarcaram e logo se dirigiram à delegação, em Angra, do Instituto de Assistência à Família. Destinavam-se ambas à ilha-mártil de S. Jorge, onde lhes cabe larga acção a desenvolver junto das populações deslocadas.

Ontem, porém, assustadas com o aspecto do mar, recusaram-se a seguir para S. Jorge na fragata «Corte-Real». — (A. N. I.).

Ruídos submarinos precediam os abalos e aterravam as populações

URZELINA (ilha de S. Jorge), 27 — «O que mais impressionava o povo era o pavoroso ruído que vinha do mar, segundos antes de cada sismo. Era esse ruído que apavorava as gentes: quando o sismo se dava, fosse fraco ou forte, já o povo estava com os nervos desfeitos» — conta o rev. padre Manuel Brasil, pároco da freguesia da Urzelina.

Afirma ele ainda:
— Foram bem amargas as horas que se viveram na Urzelina a partir daquele trágico sábado, dia 15. As destruições dos edifícios só não foram totais porque os sismos se deram na vertical. Se se tivessem propagado na horizontal, não haveria agora pedra sobre pedra.

Foi o padre Manuel Brasil quem dirigiu todos os trabalhos de evacuação da freguesia da Urzelina e de assistência à sua população. Trata-se de uma freguesia muito vasta, com as casas dispersas por extensa região. Foi também este abnegado sacerdote a primeira pes-

soa a regressar da Calheta à Urzelina, onde viveu sozinho alguns dias, a fim de verificar «in loco» as condições de habitabilidade da povoação. — (A. N. I.).

Caixa de Previdência dos Empregados de Escritório e dos Organismos Corporativos

Rua Luz Soriano, 53-2.
LISBOA

CONTAS DO EXERCÍCIO DE 1963

Comunica-se que, nos termos da Lei, se encontram patentes na Sede desta Caixa, de 1 a 15 de Março próximo, as contas referentes ao exercício de 1963.

Lisboa, 26 de Fevereiro de 1964.

A DIRECÇÃO

O programa de U Thant

Após inaugurar os trabalhos deste ano da comissão de descolonização das Nações Unidas, U Thant declarou haver ainda «uns sessenta países não independentes».

Há algum tempo, o secretário-geral da O. N. U. afirmou que os territórios naquela situação deviam primeiro aceder à independência e só depois interessaria resolver os problemas com que se debatem.

Ora, a característica principal das nações em causa é o subdesenvolvimento — o atraso económico, social e político, com as suas misérias e injustiças. A concessão da independência, para ser total, implica a independência económica e condições sociais e políticas que facilitem o progresso e não o entrem. Sem independência económica, a independência política é fictícia.

A prova está nos países que, depois de se terem tornado independentes, continuam ligados à nação colonizadora por laços económicos e mesmo de defesa comum. Assim, temos assistido à intervenção militar dos ex-colonizadores nos novos países, em apoio das entidades que ajudam a perpetuar o sistema ao qual a independência devia ter posto termo.

Outro factor indispensável a uma bem sucedida independência é a estrutura interna — social e política. Um sistema social obsoleto beneficiará apenas a classe dominante. Quanto à estrutura política, só uma democratização a partir da base permitirá o desenvolvimento harmonioso da nação. E a democratização pressupõe uma profunda tomada de consciência por parte de cada indivíduo.

Apesar de todos estes condicionamentos, U Thant disse claramente que a O. N. U. põe acima deles o princípio da independência política. A resolução dos problemas da crise de crescimento e de transformação virá depois.

O Vietcong aumentou desde 1961 os seus efectivos de combate

● Eleva-se a cem mil o número de guerrilheiros

WASHINGTON, 27 — (A. N. I.) — Os efectivos dos guerrilheiros comunistas no Vietnã do Sul não sofreram qualquer redução nos últimos dois anos e parece mesmo terem aumentado, apesar do importante auxílio militar dado pelos Estados Unidos às Forças Armadas governamentais.

Informadores da Secretaria da Defesa revelaram, ontem, que os guerrilheiros, quer provenientes do Vietnã do Norte quer recrutados entre a própria população do Viet-

nam do Sul, somam cerca de 100 mil homens, segundo cálculos feitos pelo baixo.

De acordo com essas informações recebidas pelo Pentágono, as forças dos guerrilheiros seriam constituídas por um núcleo de 25 mil «profissionais», ajudado por cerca de 80 mil «irregulares» armados, que durante o dia exercem as suas actividades normais de camponeses.

MÉDIA DE BAIXAS

Há um ano o secretário da Defesa, Robert McNamara calculou em 95 mil o número de guerrilheiros, incluindo 25 mil «profissionais», pelo que não se verificou qualquer diminuição mas sim um aumento considerável em relação ao número que se calculava existir em 1961, quando foi decidido enviar 16 500 soldados e aviadores norte-americanos para a frente de combate.

Os informadores do Pentágono salientam que este aumento de efectivos dos guerrilheiros se verificou apesar de sofrerem, em média, 1500 baixas por mês, entre mortos e prisioneiros.

Alguns conselheiros militares norte-americanos estão convencidos de que o Vietcong não tem falta de homens mas apenas de armas. Uma vez que os guerrilheiros conseguem sempre capturar mais armas do que aquelas que perdem em combate, as suas forças têm tendência para aumentar, apesar das baixas.

CAPTURA DE ARMAS

Durante os últimos três meses do ano passado, as estatísticas do Pentágono revelam que os guerrilheiros capturaram, em média, 234 armas por semana e perderam 97. De um modo geral as armas que capturam aos soldados governamentais são mais modernas do que as que perdem.

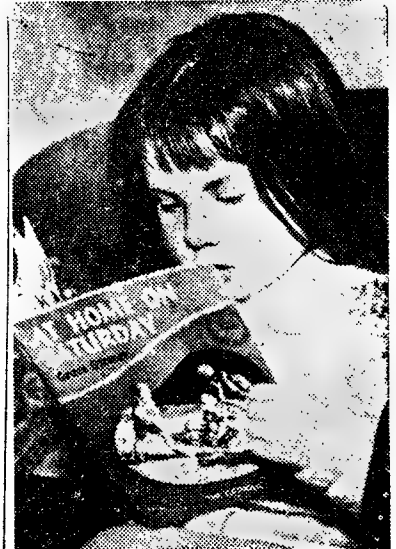
Os peritos do Pentágono não conseguem explicar satisfatoriamente o motivo por que os guerrilheiros do Vietcong ficam sempre com um saldo a seu favor nesta troca de armas, mas salientam que na luta de guerrilhas este fenómeno se verifica quase invariavelmente.

HÁ DEZ MILHÕES DE LEPROSOS EM TODO O MUNDO

GENEVA, 27 — (A. N. I.) — A Organização Mundial da Saúde declarou, no seu relatório de 1963, que se registaram epidemias de varíola no Paquistão Oriental, na Suécia e na Polónia, de cólera na União Indiana e de peste na Bolívia, na Niasalândia, no Peru e no Vietnã.

O relatório acrescenta que há ainda no Mundo dez milhões de leproso, quatro milhões e meio de pessoas que sofrem de erupções cutâneas contagiosas e 400 milhões que sofrem de tracoma.

A paralisia infantil diminuiu nos países mais desenvolvidos, mas aumenta consideravelmente nas áreas menos desenvolvidas, por falta de vacinação apropriada.



MENINA PRODIGIO — Maybelle Thompson, a pequenina inglesa que, com 2 anos de idade, já é capaz de ler livros de histórias e até jornais. Também escreve correctamente, dispondo de um vocabulário calculado em 400 palavras. Maybelle não pode frequentar a escola oficial devido à sua pouca idade

Em poucas linhas

● **E. U. A.: MORREU ARCHIPENKO** — (R.) — O escultor cubista Alexandre Archipenko faleceu, na noite de anteontem, na sua residência em Nova York. Tinha 76 anos de idade. Russo de nascimento, estudou na Escola de Belas-Artes de Paris e viveu em Berlim antes de ir para os Estados Unidos, em 1923.

● **GRÁ-BRETANHA: TAXA DE DESCONTO** — (R.) — A taxa de desconto do Banco de Inglaterra aumentou hoje de 4 para 5 por cento. Segundo um informador do Banco, o principal objectivo do aumento é apoiar o ritmo da expansão económica.

● **LAOS: SITUAÇÃO «GRAVE»** — (R.) — O general Bounthieng, das forças realistas, anunciou que a ponte estratégica de Phouke caiu ontem em poder dos comunistas. O general acrescentou que a tomada da ponte poderá levar à perda da Planície dos Jarros. Concluiu dizendo que a situação é «muito grave».

● **VENEZUELA: ATAQUE DA P. A. L. N.** — (F. P.) — As instalações da empresa norte-americana Mene Grande oil Company sofreram mais um atentado — o sexto. Elementos das Forças Armadas de Libertação Nacional colocaram, ontem à noite, potentes cargas explosivas nos reservatórios de petróleo em bruto que a empresa instalou num dos seus centros de extracção, perto de El Tigre, no Estado de Anzoategui. Cinco reservatórios incendiaram-se e, segundo os responsáveis da empresa, os prejuízos atingem 200 000 dólares.

CONFERÊNCIA DA PESCA

LONDRES, 27 — (A. N. I.) — Volta a reunir-se hoje a conferência da pesca da Europa Ocidental, esperando-se que os 16 países presentes cheguem a acordo acerca do problema dos limites, sobretudo dado que, na reunião de ontem, em ambiente secreto, parece ter surgido uma solução conciliatória — anunciou um informador.

Assistirá à conferência, que reúne em sessão plenária, os seis países do Euromercado, os sete da E. F. T. A. e ainda a Espanha, a Irlanda e a Islândia.

Se a Turquia intervier a Grécia irá em socorro do presidente Makários

ATENAS, 27 — (F. P.) — A Grécia responderá a qualquer apelo do arcebispo Makários no caso da República de Chipre ser alvo de uma intervenção por parte da Turquia — teria sido reafirmado ontem pelo primeiro-ministro Papandreu e pelo ministro dos Negócios Estrangeiros Stavros Costopoulos, durante conversações que estes travaram com os embaixadores da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos.

Todos os matutinos salientam a determinação da Grécia, se tal eventualidade ocorrer.

Mas o objectivo principal dos encontros entre dirigentes gregos e representantes diplomáticos ingleses e norte-americanos é tentar encontrar solução para os problemas mais urgentes, isto é, a manutenção da ordem em Chipre e a ameaça sempre iminente de uma intervenção turca.

Diversos jornais salientam esta manhã o apelo lançado por Makários, por intermédio do jornal pari-

siense «Le Monde», à mediação do general de Gaulle e exprimem o desejo de que esse apelo seja ouvido.

GARANTIA DE ISMET INONU

ANKARA, 27 — (R.) — O primeiro-ministro turco declarou, a noite passada, que a Turquia tentará tudo o que se possa imaginar a fim de evitar «o último recurso» da intervenção armada em Chipre.

O ministro comunicou à Reuter que qualquer que fosse o resultado das discussões que se estão a efectuar nas Nações Unidas, continuaria a actividade diplomática para restabelecer a paz em Chipre e remover a «ameaça constante de violência contra a comunidade turca».

Falando acerca da decisão do arcebispo Makários de aumentar os efectivos da Polícia e confiscar «armas ilegais», o primeiro-ministro turco declarou, com um gesto enfático: «Penso que essa tentativa não tem qualquer outro significado que não seja uma nova série de violências».

AS IGREJAS RUSSAS MANIFESTAM-SE A FAVOR DE MAKÁRIOS

NICÓSIA, 27 (F. P.) — Um informador da presidência de Chipre anunciou que Makários recebeu uma mensagem de Alexei, patriarca de Todas as Rússias, que afirma, em resumo, o seguinte: as Igrejas Russas manifestam a sua simpatia e o seu apoio a Chipre no seu justo combate pela liberdade, pela integridade territorial e pelos seus direitos soberanos. Acrescenta Alexei que está ao lado de Makários nos esforços deste «para proteger a ilha de qualquer ocupação».

Makários respondeu a Alexei, agradecendo-lhe o apoio das Igrejas Russas, que, afirma, reforça a defesa da causa de Chipre.

Marrocos e Cuba intensificam as suas relações comerciais

HAVANA, 27 — (A. N. I.) — O encaixado de Negócios marroquino, Abdel-Kader Ismael, anunciou que o tratado de comércio de 1964 entre Marrocos e Cuba, assinado recentemente em Rabat, estipula a compra de 250 mil toneladas de açúcar cubano, que vai ser transportado para Marrocos em barcos deste país.

Cuba, pela sua parte, está a comprar grandes quantidades de produtos marroquinos, incluindo conservas de sardinha, cereais e fosfatos.

AVISO VENEZUELANO

CARACAS, 27 — (R.) — O presidente Rómulo Betancourt convocou ontem os embaixadores espanhol, inglês e francês para, segundo consta, discutir o comércio desses países com Cuba. Constatou que teria avisado os diplomatas de que navios e aviões de países que mantinham o comércio com Cuba deixariam de gozar de facilidades nos portos venezuelanos.

Criada nova comissão destinada a reforçar a unidade africana

LAGOS (Nigéria), 27 — (F. P.) — A conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros da Organização da Unidade Africana criou, ontem, por proposta do Gambia, uma comissão constituída por 11 membros (Nigéria, Gambia, Libéria, Guiné, Uganda, R. A. U., Madagascar, Camarões, Congo (Leopoldville), Sudão e Tunísia) para estudar as disposições convenientes para reforçar a unidade e a solidariedade africanas. Indicam de boa fonte que a principal missão deste organismo, presidido pelo representante da Nigéria, será elaborar propostas para estabilizar a situação política em África, mediante o reforço das relações diplomáticas e políticas e a reconstrução do continente africano, na base de uma instituição político-económica.

O COMBATE AO CANCRO

PARIS, 27 — (R.) — O general de Gaulle decidiu consagrar um milhão de francos do orçamento militar deste ano para o estabelecimento de um instituto mundial contra o cancro — revelou o ministro da Saúde.

As despesas com o projecto de constituição do instituto são calculadas, para 1964, em 3,5 milhões de francos.

A luta no Bornéu

BJAKARTA, 27. — (F. P.) — Segundo o «Suluh Indonesia», os combatentes da liberdade do Norte do Bornéu abateram 286 soldados britânicos entre Novembro e Janeiro finidos.

DESPORTOS

PORTUGAL, 7
LUXEMBURGO, 1

Baterias assestadas...

Daqui também aplaudimos o labor da nossa selecção acrescentando: muito bem

Convincente... Juventude, companheirismo, imaginação, alegria, força, optimismo, resistência, mobilidade, virtuosismo e FUTEBOL foram os ingredientes que, misturados no cadinho da selecção militar de Portugal, formaram um «onze» que daqui aplaudimos sem reservas, acrescentando, nem que desrespeitemos a solenidade que deve ornar a tribuna da crítica, a vibrante como sincera saudação: muito bem.

Nada mais justo. A selecção do Luxemburgo, de boa talha atlética e dotada de várias unidades habilidosas, «virou» adversário fácil por manifesta influência do labor dos rapazes da camisola «grenat» — irresistíveis no ritmo utilizado e na movimentação, tipo bôldo, especialmente até ao 3-0, altura em que uma batida de água transformou o relvado num charco, afectando naturalmente a qualidade do jogo que, no entanto, mais tarde, após período de adaptação, já sem chuva, regressou a plano brilhante para terminar em jeito de apoteose.

O gráfico da memorável exibição dos pupilos de Fernando Caiado — um atilado seleccionador-treinador que merece também incondicionais e calorosos parabéns — apresenta uma curva curiosa: no topo, duran-

nível fugazmente, sobretudo quando Eusébio — bravo, valente e honesto moçambicano! — realizou portentoso «slalom» culminado com «tiro à meia volta» que levou a bola a rasar o poste.

Este foi, aliás, o sinal do ressurgimento sublinhado com o 5-1 e, depois, com o inesquecível «raid» de Eusébio pelo flanco direito que provocou longa ovação. Um desfile sensacional de dribles. Autêntica jogada de raiva que só não deu gol por manifesta infelicidade. Um golpe de classe. De futebol erudito.

Refira-se ainda nesta «fase delirante» os dois golos de Carlos Manuel, o 6.º de cabeça, em mergulho

POR
FERNANDO SOROMENHO

espectacular, e o 7.º, de lavra setubalense, a aproveitar um serviço modelar de Jaime Graça.

E' evidente que diante deste notável acervo de qualidades a selecção militar de Luxemburgo, pela força lógica das circunstâncias, se limitou a... marcar passo. Em formatura anárquica.

Numa equipa sem problemas defensivos só há que falar do ataque quando este realiza sete golos e se exhibe em estilo convincente. Mas a preferência não invalida o apreço que suscita a segurança de Rui; a sobriedade de Mitó e Rodrigues, ambos, porém, a acusar dificuldades perante a rapidez e imaginação dos seus contrários; a autoridade de Ribeiro e o esforço inteligente de Jaime Graça e a colaboração eficaz de Jacinto.

E, agora, dediquemo-nos aos «atiradores especiais» dizendo que Pinto foi o impulsor da exibição, a comprovar (o que, aliás, sempre afirmamos) que é um interior de largo futuro, participou em cinco golos; que Simões deslumbrou o publico com as suas fintas e, desta vez, sentido prático; que Carlos Manuel se firmou, com autoridade, no lugar de avançado-centro; que Eusébio incendiou o Restelo com os seus golpes «chors-série», e que Nóbrega figurou abaixamento de forma em relação ao que lhe vimos fazer esta época, embora houvesse sido útil.

A selecção civil tem no «onze» militar um estupendo esboço. E' só aproveitar o que de bom foi exuberantemente exemplificado.

Os luxemburgueses, que descuraram o meio-campo (daí a decisiva influência de Pinto, amo e senhor da zona), formaram um grupo desgarrado, aflito na labuta provocada pela desmarcação dos avançados lusitanos. Inferioridade, numa palavra, de nada servindo o «ferrolho», o «catenaccio» e o «beton» e outras designações de teor ultradesfensivo.

Pletschette Damme, Pilot e Klein demonstraram ser as unidades de melhor estrutura futebolística. Boa arbitragem.

As equipas:
PORTUGAL — Rui (F. C. Porto); Mitó (Lusitano) e Rodrigues (Belenenses); Jaime Graça (Vitória de Setúbal); Ribeiro (Leixões) e Jacinto (Benfica); Simões (Benfica); Eusébio (Benfica); Carlos Manuel (Vitória de Setúbal); Pinto (F. C. Porto) e Nóbrega (F. C. Porto).
LUXEMBURGO — Pletschette; Colas e R. Hoffmann; Zambon, Hoffstetter e R. Damme; Klein, Pilot, Leonard, H. Klein e N. Hoffmann.
Arbitro: Gomes Arribas (Espanha).
Golos: Pinto (3 m), Eusébio, de «penalty» (11 m), Simões (13 m).
Na segunda parte: Pinto (12 m), Klein (13 m), Simões (22 m), Carlos Manuel (37 e 39 m).



Golo dos portugueses. A atitude do guarda-redes luxemburguês é bastante significativa...

te o 1.º quarto e, no topo, com requinte espectacular, na última meia hora. Nos restantes 45 minutos, por efeito da intempérie, o estupendo «onze» militar revelou estranheza logo modificada para fácil adaptação, o que surpreendeu em elementos ligeiros aptos a produzir mais em terreno seco, conforme, aliás, demonstraram no período da arancada que rendeu, em 13 minutos, três golos.

Da nada valeu aos esforçados luxemburgueses a adopção do «ferrolho» e a vigilância apertada processada na marcação homem a homem. A rapidez e a determinação, plasmadas por um notável sentido práctico, destruíram todas as barreiras. Implacavelmente.

Que pena a chuva ter apagado aquela flamejante velocidade na fase dos «diabos à solta» que, no entanto, regressaram depois do 4-1 a

Na cabina dos portugueses ouvimos, em primeiro lugar, o capitão Lobo da Costa, que nos disse:

«A nossa equipa demonstrou absoluta superioridade, que só o estado do terreno impediu se definisse mais nitidamente».

Pinto, um dos jogadores mais em evidência, deu-nos as suas impressões da partida:

«Dada as péssimas condições do terreno não poderíamos ter feito melhor. Estou satisfeito por ter obtido dois golos, correspondendo assim à confiança que em mim tiveram».

Simões que, contra o costume, marcou dois golos, afirmou: «Dedico os meus golos e a vitória ao sr. coronel Moura Brás, pela amizade que até aqui me tem demonstrado».

O árbitro não regulou as contas antes as baralhou prejudicando, com nitidez, o «onze» de Lisboa

(Especial para o «Diário de Lisboa»)

MANCHESTER, 27. — O Sporting manteve o que prometera e jogou ao ataque. Mas essa táctica de pouco lhe serviu, ontem, no «Old Trafford», já que foi batido, por 4-1, e parece que não lhe poderão restar grandes esperanças de na segunda «amão», em Lisboa, superar o atraso de três golos.

Não havendo nada de extraordinário, o Manchester terá assegurado, com a vitória de ontem a passagem às meias-finais da Taça dos Vencedores das Taças — e não será demasiado pensar que conquistará este ano o troféu.

Quando o intervalo chegou, o Manchester ganhava por dois a zero, com golos de Denis Law e de Bobby Charlton. Na segunda parte obteve mais dois tentos, ambos na

conversão de grandes penalidades por Denis Law.

Pelo seu lado, o Sporting conseguiu o seu golo quando perdia por 3-0, num inesperado remate que Osvaldo Silva lançou de trinta metros da baliza, verdadeiro «tiro», que surpreendeu o guarda-redes Gaskell, num período em que o Manchester estava ao ataque.

O Sporting empregou o sistema táctico de deixar os avançados contrários em «fora de jogo». O sistema terá dado resultados em muitos casos — mas os dois golos da primeira parte foram exactamente resultado desse sistema, em que os defesas têm de jogar muito adiantados. Com melhor pontaria, o mar-

cador poderia ter subido de forma mais convincente.

Por seu turno, o Sporting teve duas grandes oportunidades de marcar, uma em cada meio tempo — primeiro, perdida por Geo, depois malbaratada por Mendes, em ambos os casos por falta de poder e remate. Quanto a «cantos» marcados e cedidos, o Manchester beneficiou de oito e o Sporting de quatro.

Sem remate final, os portugueses No Manchester o jogo assentou no trabalho de Denis Law, de Charl-

(Continua na página seguinte)



A selecção militar de Portugal. Ajoelhados, da esquerda para a direita: Simões, Eusébio, Carlos Manuel, Pinto e Nóbrega. Em pé: Jacinto, Rodrigues, Ribeiro, Jaime Graça, Mitó e Rui

A equipa portuguesa é muito forte

O treinador do «onze» do Luxemburgo, disse-nos:

«A equipa portuguesa é muito forte e muito melhor do que da última vez. Mas no Luxemburgo será diferente dado que apresentaremos outra formação. Contrariamente ao que se noticiou, esta não é a nossa equipa nacional civil. Só quatro jogadores fazem parte dela.

«Dos lusitanos, apreciei Eusébio e Simões, dois jogadores de classe mundial».

O unico profissional do «onze» visitante, Pilot (joga no Standard de Liège) afirmou:

«A equipa portuguesa é muito boa, sobretudo, Simões, Eusébio e Pinto. Mesmo com terreno seco, perderíamos, mas no Luxemburgo será diferente».

Pletschette, o guarda-redes luxemburguês, não se mostrava nada desanimado com o resultado. Sorrimo, disse-nos:

«Não tive a mínima culpa em qualquer dos golos. Eles são terríveis marcadores. Creio que se o tempo estivesse seco seria melhor não só para mim como para todos os futebolistas. Dos meus adversários cito Simões e Eusébio como os melhores. Penso que no Luxemburgo será diferente embora não alimentemos a esperança na vitória».

«SIMÕES, o melhor extremo do Mundo»

Jean Klein, o marcador do golo do Luxemburgo, declarou-nos:

«Senti grande prazer em marcar um golo a um grupo da categoria dos portugueses. Saliento a exibição de Simões, o melhor extremo do Mundo».

Gomez Arribas, árbitro espanhol, declarou:

«Foi um desafio de interesse com sucessivas fases de bom futebol. Se não chovesse, teria sido muito melhor disputado. A equipa portuguesa tem um conjunto extraordinário para uma selecção. Resultado absolutamente certo numa partida correcta».

Meia página em branco como protesto contra o desfecho do combate Clay-Liston

PHOENIX, 27 — (A. N. I.) — O jornal desta cidade, «Phoenix Morning Daily» deixou ontem em branco meia página da sua secção desportiva, como protesto contra a forma como acabou o combate entre Sonny Liston e Cassius Clay.

O crítico desportivo Larry Jones explica numa nota que o jornal «não deseja contribuir para a publicidade de uma degradante exibição de pugilismo» nem para a realização de um combate-desforra «que parecia estar já combinado, mesmo antes de começar o combate».

NOVA YORK, 27 — (F. P.) — «El Tiempo», semanário nacional de língua espanhola, previra categoricamente, há cinco semanas, a vitória de Cassius Clay sobre Sonny Liston. No domingo passado, «El Tiempo» declarava que se tratava de um combate «combinado» antecipadamente para dar a vitória a Clay, em troca de um acordo secreto para um combate de desforra. O chefe da redacção de «El Tiempo», Stanley Ross, declarou hoje que mantinha as afirmações da sua publicação nesse sentido.

FOI ENCONTRADA uma bomba soterrada num estádio de futebol

VARSOVIA, 27 — (F. P.) — Os numerosos adeptos da equipa de futebol polaca da 1.ª Divisão «Gornik Zabrze», da Alta Silésia, tiveram sem o saber a vida em perigo em cada encontro disputado no estádio municipal. De facto, desde a última guerra que havia uma bomba soterrada sob as bancadas do estádio, nas quais se sentavam, quando de cada encontro, cerca de 10 000 pessoas.

A bomba, parcialmente corroída pela humidade, foi encontrada durante umas obras de terraplenagem, tendo sido removida pelos especialistas das forças de Engenharia.

BRANDY
KOPKE

«Estratégia suicida»

— opinião de David Jack
no jornal «Daily Sketch»
ao analisar o Sporting

LONDRES, 27 — (A. N. I.) — A opinião dominante dos críticos desportivos britânicos, que afirmam ser o resultado consequência, em grande parte, da fulgurante exibição de Denis Law, é a de que o Manchester tem assegurada a passagem às meias-finais.

«Não espantaria ninguém se o Manchester tivesse marcado dez tentos, pois dispôs de oportunidades bastantes para tornar desnecessária a sua viagem a Lisboa» — escreve Ken Jones, do «Daily Mirror».

David Jack, antigo jogador da selecção da Inglaterra, e comentarista desportivo do «Daily Sketch», escreve, no seu jornal: «A tática da equipa portuguesa de provocar frequentes fora-de-jogo aos homens do Manchester fez, por vezes, parecer esta equipa desmembrada e falha de inspiração, mas a verdade é que não podemos deixar de classificar a estratégia de suicida, sobretudo quando se enfrentam jogadores como Law, Charlton e Herd, aguardando a sua oportunidade a meio campo».

«Esta situação — prossegue David Jack — tornou-se mais evidente quando o Manchester marcou o segundo ponto».

A versão do árbitro

MANCHESTER, 27 — «O procedimento dos jogadores do Sporting foi do mais ordinário que temos visto. Os seus jogadores desmentem o nome do clube, que significa, exactamente, desportivismo» — declarou o árbitro J. H. Martens, comentando o incidente registado quando da marcação do segundo «penalty» contra o clube português.

«Quando da primeira falta, expliquei ao «capitão» Mendes que a falta fora cometida sobre a linha — e que me pareceria mais dentro do que fora da área de rigor, pelo que ordenei o castigo máximo. Deu-me a impressão de ter compreendido o meu ponto de vista».

«No segundo caso, a equipa mostrou-se enervada ao mais alto grau e só não expulsei qualquer jogador para evitar que o encontro, até então disputado com lisura, entrasse por mau caminho».

Adolfo Vieira de Brito continua a figurar como único candidato à presidência da direcção do Benfica

Continua em foco o problema eleitoral do Benfica e, no prosseguimento de várias hipóteses ultimamente surgidas, sabemos de fonte autorizada que na tarde de ontem se verificou um encontro de carácter particular entre o sr. Adolfo Vieira de Brito e o sr. Joaquim Bogaço, em que ambos, num ambiente que sabemos ter sido cordial, ventilaram aspectos relacionados com as próximas eleições, encontro que foi solicitado pelo último daqueles conhecidos vultos e onde o candidato oficial a presidente da direcção se limitou a tomar conhecimento de uma proposta.

Dado que se tratava de uma amistosíssima troca de impressões e que o problema só poderia ter um carácter oficializado, quando transitasse através da mesa da assembleia-geral e dos órgãos que estatutariamente aprovam as candidaturas, o encontro não conduziu a qualquer compromisso nem a um arranjo formal. Estamos autorizados a afirmar, de

pa bastante má. Não fora a exibição de Law e talvez lamentássemos agora um resultado estranho».

Law, o «diabo»

«O fabuloso Denis Law foi, constantemente, em cada plegada de terreno, «o diabo» que o Sporting tanto receava. Os seus golos e a sua presença em cada lance petrificaram totalmente os portugueses — salienta Clive Toye, no «Daily Express», que acrescentou ter o Sporting exemplificado «uma estratégia baseada na velha e ultrapassada escola inglesa da armadilha do fora-de-jogo», e actuando com uma barreira defensiva formada por cinco jogadores, pelo menos».

Brian James, no «Daily Mail», classifica a tática sportinguista, de procurar colocar em posição de fora-de-jogo os adversários, como «a estratégia mais inútil que jamais vi praticar em encontros internacionais de futebol».

«O que nos fica deste encontro não é a recordação dos golos marcados, mas a dos que se perderam. Quatro? O Manchester poderia ter obtido 14» — comenta James.

Os jogadores do Sporting comparados a Cassius Clay

«Foi um verdadeiro pandemónio, puro, o que se verificou naquele 73.º minuto negro do jogo, motivado por uma grande penalidade que eu não vi e que enraiveceu».

Duas declarações

(Especial para o «Diário de Lisboa»)

MANCHESTER, 27. — Um intérprete traduziu as declarações dos elementos do Sporting. Para essas declarações contribuíram Anselmo Fernandez, Mário Cunha e outro dirigente. Como por vezes a declaração de um dos elementos era rectificada ou ampliada por outro, antes de ser dada a versão final pelo intérprete, parece-nos que se deve dar a estas declarações um tom de «entrevista colectiva», quem falou foi o clube, através dos seus três dirigentes. Nas linhas gerais, a declaração é a seguinte:

«O resultado, como toda a gente viu, foi inteiramente falseado pelo árbitro, que dividiu com o Manchester a marcação dos golos. As duas grandes penalidades foram injustas».

«Reconhecemos que o Manchester teve mais jogo para ganhar do que o Sporting. E reconhecemos igualmente que perdeu algumas oportunidades em que o golo era fácil. Diga-se de passagem, que também o Sporting perdeu três dessas oportunidades. Em todo o caso, não contestamos que o Manchester merecia ganhar. Mas um ou dois golos de vantagem já chegariam para re-

origem da própria candidatura do sr. Adolfo Vieira de Brito, que não é exacta qualquer versão divulgada, de que possa depreender-se um compromisso, pois o candidato oficial limitou-se a tomar conhecimento de uma solicitação e declarou que só a dar-se determinado facto poderia meditar sobre o assunto, embora deva entender-se por meditar, aqui, vir depois a decidir se encontraria motivos para alterar a sua posição ou para a manter.

De resto, os meios em que recolhemos esta notícia são de opinião que enquanto não estiver oficialmente convocada a assembleia-geral ordinária para apreciação do relatório e contas, e o acto eleitoral, torna-se improvável qualquer alteração à lista de corpos gerentes aprovada pela assembleia dos representantes e já oficializada através do sr. eng. Canela de Abreu, o qual solicitou ao sr. Adolfo Vieira de Brito a entrega do elenco directivo, no que foi prontamente atendido.



Osvaldo Silva, autor do golo do Sporting

até ao rubro, os jogadores do Sporting — comenta Frank Taylor, no «Daily Herald».

«Pareciam onze Cassius Clay, todos loucos como o novo campeão mundial na sua exuberância, rodeando o pobre Martens, dando-lhe pontapés, bofetões, empurrando-o e chocalhando-o. Em determinada ocasião, havia dois homens atrás dele e a multidão só gritava «fora, fora, fora» — escreve Taylor, observando a seguir que, enquanto o Manchester United conta com «artilheiros» da categoria de Denis Law e Bobby Charlton, de classe verdadeiramente internacional, qualquer equipa do mundo terá de recear um encontro com os ingleses».

tratar essa superioridade. O resultado, tal como ficou, é injusto. E penso que ninguém, português ou inglês, terá duas ideias acerca desse ponto».

Matt Busby, o treinador do Manchester United, não está satisfeito com o trabalho da sua equipa.

Quanto ao jogo de Lisboa, disse: «Tenho documentação sobre o Sporting e sei que já tem disputado encontros a nível muito melhor do que o de ontem. Mas os três golos de diferença vão obrigar o Sporting a vir tanto para o ataque que, a acreditar nas possibilidades naturais da minha defesa, o ataque do United vai ter possibilidades de jogar à vontade — e deve marcar golos. Portanto, considero mais provável que seja o Manchester a chegar às meias-finais» — E. K.

Dois «penalties» que não existiram

MANCHESTER, 27. — Um homem que deveria servir apenas para regular as contas, acabou por baralhá-las: o árbitro holandês Martens, que concedeu ao Manchester United duas grandes penalidades que, realmente, não existiram.

No primeiro caso houve falta descarada de Hilário — mas fora da grande área, sem se poder, por isso mesmo, atribuir-lhe «penalty». O Sporting enfrentou bem essa decisão estranha do árbitro, limitando-se o «capitão» Fernando Mendes a chamar, em vão, a atenção de Martens para o local onde se registara a falta. O árbitro insistiu na marcação do castigo — e o incidente não foi além disto. O mesmo não se poderia dizer do que aconteceu quando Martens ordenou a marcação do 2.º «penalty». E' certo que Charlton ficou tanto ou mais admirado do que os jogadores do Sporting ao ver que a sua queda, de que só ele fora culpado (pois se desequilibrara e caíra na grande área) era «premiada» com uma grande penalidade.

O árbitro foi então roedado por uma sêbe de riscas verdes e brancas — e bem nos parece que não foram apenas palavras o que os jogadores sportinguistas empregaram para mostrar ao árbitro o seu profundo espanto, no seu inconformismo.

Só dificilmente as coisas se compuseram, para isso contribuindo a acção moderadora do treinador do Sporting e do guarda-redes Carvalho, que receava a expulsão de qualquer dos seus companheiros de equipa.

Estes dois castigos, ambos convertidos magistralmente por Law, modificaram profundamente o cariz do encontro. — E. K.

PARA PROTEGER A VELHICE

HYPERSEX

COMPLEXO FOSFO-GLANDULAR HIPERTÓNICO

Esgotamentos, cansaço cerebral, astenias da idade senil, etc.

Propaganda (grátis) da FAL - Apartado 2 M2 - LISBOA

Manchester-Sporting

(Continuação da página anterior)

ton e de Maurice Setters. Toda a equipa, porém, jogou como um bloco, havendo a apontar-se-lhe o senão de passes sem destino, a meio do campo, especialmente na segunda parte. Foi exactamente um desses passes sem destinatário certo que Osvaldo Silva aproveitou para o seu golo.

Quanto ao Sporting, jogou um futebol viril mas correcto, com toda a equipa a trabalhar melhor no ataque do que na defesa, embora lhe faltasse remate final.

O guarda-redes Carvalho não pode ser culpado por nenhum dos quatro golos que sofreu. Pelo contrário, teve uma série extensa de boas defesas.

Os dois defesas, Hilário e Pedro Gomes, não conseguiram marcar nem segurar Law e Charlton. Pedro Gomes foi, no entanto, um dos jogadores que no publico causou impressão: dominou bem George Best, embora em determinada fase do jogo fosse assobiado por entrar com demasiada dureza, mas por outro lado foi aplaudido ao apoiar o seu ataque, integrando-se perfeitamente na toda ofensiva que a equipa lisboeta por vezes adoptou.

Alexandre Baptista não conseguiu deter Charlton. Os seus erros foram numerosos e em poucas ocasiões contou com verdadeiro apoio de José Carlos e de Alfredo, já que

qualquer deles tinha missão bem difícil a desempenhar.

Da linha avançada, o melhor elemento foi Osvaldo Silva, que teve alguns dos mais inteligentes toques de bola de todo o encontro. Oportunidade e vivo, mostrou-se também Figueiredo. Mas ambos encontraram pela frente defensores muito sólidos e um bloco unido — verdadeira parede de camisas encarnadas levantada na «zona da verdade».

Morais não conseguiu livrar-se de Brennan, um jogador sombrio e duro, ao passo que Mendes, a interior, não conseguiu êxito. Também Geo não passou de jogador útil, sem grandes rasgos e sem grandes faltas.

O melhor período do Sporting — período que poderia ter continuado, se não houvesse uma estranha decisão do árbitro — registou-se na segunda parte: um período de cinco minutos, depois do golo de Osvaldo Silva, em que conseguiu mostrar um futebol vivo, alegre, quase malicioso, com que torneou algumas dificuldades. Outro período, talvez menos brilhante, mas extremamente útil para a marcha do encontro foi o que cobriu os seis minutos iniciais, em que os sportinguistas conseguiram manter ocupada e em certo perigo toda a defesa do Manchester, «proibido» de atacar a fundo devido à rapidez de jogo e às constantes mutações de ritmo que os lisboetas provocavam.

Em resumo: o Sporting não tem equipa para bater o Manchester.

A nossa ginástica não anda bem

• A Federação da modalidade ocultou um despacho da D. G. D., que lhe era desfavorável, em vez de comunicá-lo aos clubes como era, aliás, sua obrigação.

O assunto, bastante delicado, diz respeito aos castigos aplicados pela direcção da Federação Portuguesa de Ginástica ao Lisboa Ginásio Clube, seu treinador e quatro ginastas e a que o «Diário de Lisboa», por mais de uma vez, se referiu largamente.

HOJE, A NOITE

BADMINTON — «Regionais», de singulares-homens (3.ª cat.), de singulares-senhoras e de pares-homens, a partir das 21 e 30, no ginásio da Escola Nuno Gonçalves.

BASQUETEBOL — Pedrouços-Tabacos, às 21 e 30, no campo do primeiro, para o «Nacional» da 3.ª Divisão.

Justifica-se a recapitulação de quanto ocorreu:

a) Os factos relacionados com os ditos castigos passaram-se em 2 de Julho de 1963.

b) Dois meses depois, os castigos foram aplicados e, depois, comunicados ao Lisboa Ginásio e aos órgãos de informação.

c) Em 12 de Setembro, isto é, dez dias volvidos, o Lisboa Ginásio recorreu para a D. G. D., fazendo, simultaneamente, a respectiva comunicação à Federação.

d) Em 10 de Janeiro do corrente ano — após quatro meses menos dois dias, portanto — o director-geral dos Desportos exarou o seguinte despacho que foi comunicado à Federação:

«1 — Vem o presente recurso interposto da decisão da F. P. G., de 2 de Setembro do ano findo que, por factos ocorridos quando da realização de uma prova de selecção para os Jogos Luso-Brasileiros, puniu com as penas de repreensão registada o Lisboa Ginásio Clube, o prof. Nôrio Funato e as atletas daquele clube, Esbela da Fonseca, Fernanda Gracinda, Maria Edite Telo e Maria de Lurdes Ferreira.

«2 — Do exame do processo verifica-se serem profundamente divergentes as versões dos factos apresentadas pelas pessoas que neles mais directamente intervieram. Por outro lado, verifica-se também não ter sido estabelecido prazo para os arguidos apresentarem as suas defesas, o que de harmonia com os princípios sempre firmados por esta Direcção-Geral constitui nulidade insuperável que afecta o valor da própria decisão.

«Nestes termos, concedo provimento ao recurso, anulo a decisão recorrida e mando que os autos baixem à Federação para que, se assim entender, proceda a inquérito e, posteriormente, a procedimento disciplinar se os factos apurados o justificarem».

e) A Federação, de posse do despacho, guardou-o em vez de comunicá-lo aos clubes conforme, aliás, é da sua obrigação pelo que, após um mês e um dia de estranho silêncio, o Lisboa Ginásio, no passado dia 13 r, reclamou a mesma Federação para que lhe fosse dado conhecimento do teor do despacho.

f) Em 17 do mesmo mês, a Federação, finalmente, deu a conhecer o despacho ao Lisboa Ginásio e, ao mesmo tempo, comunicou ter resolvido mandar proceder a inquérito.

★ Valerá a pena fazer comentários?

SOB O SIGNO DA CONFIANÇA



Por influência de Neptuno, o seu carro
estará sujeito durante este período,
a pequenas avarias, que poderá evitar
através duma lubrificação completa com óleos Mobil.
Uma ótima viagem conduzi-lo-á,
com o máximo de segurança, ao destino do automobilista
satisfeito. Dias propícios à lubrificação:
todos os dias, se forem feitas com produtos Mobil.
Pedra: Ametista. Côres favoráveis:
azul e vermelho; óleos recomendados:
* Mobiloil e Mobiloil Special.

Peixes

(De 19 de Fevereiro a 21 de Março)

*** AS BOAS ESTRELAS DO SEU CARRO**

Mobil Oil Portuguesa



50º ANIVERSÁRIO

1914
1964

Ao COMEMORAR O SEU CINQUENTENÁRIO,
COMPANHIA DE SEGUROS MUTUALIDADE, S.A.R.L.
PRESTA HOMENAGEM A TODOS QUANTOS, ATRAVÉS DO TEMPO, A ELA
SE LIGARAM E LHE DERAM APOIO, CONFIANÇA E TRABALHO PRODUTIVO.

COINCIDINDO ESTA DATA FESTIVA COM UM DOS MOMENTOS MAIS
OPERANTES DA SUA VIDA, **COMPANHIA DE SEGUROS
MUTUALIDADE, S.A.R.L.** REAFIRMA A SUA DETERMINAÇÃO DE PRES-
TÍGIO PARA A INDÚSTRIA SEGURADORA NACIONAL,
COM A COLABORAÇÃO QUE DESEJA E AGRADECE DE
SEUS EXMOS. SEGURADOS, AGENTES, ANGARIADO-
RES, FUNCIONÁRIOS E MAIS AMIGOS.



EM TRÊS LINHAS

Foram nomeados para fazer parte da comissão administrativa do conselho de Santa Cruz da Graciosa, os sr. dr. Vinício Faro de Albuquerque, Francisco Machado Bettencourt e Serafim de Melo.

O 2.º tenente Sebastião da Rocha Lucas foi nomeado delegado marítimo da Trafaria.

Foi nomeado chanceler do Consulado-Geral de Portugal em Elizabethville, o sr. João Pedro Silveirinha Baptista da Costa.

O sr. José Casimiro Ferreira de Oliveira foi nomeado inspector de previdência da província de Angola.

F. A. P.
FÁBRICA DE AUTOMÓVEIS
PORTUGUESES
S. A. R. L.

Convoco a Assembleia Geral Ordinária desta Sociedade, a reunir-se no dia 30 de Março, de 1964, pelas 16 horas, na Avenida da Liberdade, 262 1.º Dt., em Lisboa, para os fins de:

Discutir, aprovar ou modificar o balanço e contas do ano de 1963, e Parecer do Conselho Fiscal.

Lisboa, 25 de Fevereiro de 1964.

O Vice-Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Augusto do Carmo Machado
(Coronel de Artilharia)

TRESPASSÁ-SE

Boa loja para comércio
Av. da República, 44 A
Lisboa

Resposta a este jornal
ao N.º 716

FORD TRADER

a mais completa linha de camiões



Motores de 4 e 6 cilindros Diesel • Caixas de carga até 5.5 m. • Caixas de 4 e 5 velocidades • Diferenciais simples ou com redutor
3 lugares na cabine

AUTO-RALI, LDA. — Avenida Almirante Reis, 130-A a 130-E
Telefones 41832/41864 - 735543 — LISBOA

A situação em São Jorge

(Continuação da 1.ª página)

de madeira e repovoamento das povoações a que já aludimos. A tarde, após a visita a Velas dos engenheiros responsáveis, será elaborada um plano, para ser executado já amanhã, e que diz respeito também ao realojamento das casas que oferecem segurança naquela vila.

Deste modo vai tentar-se hoje dar execução a um plano no sentido de se reiniciarem as actividades mais essenciais, o que evitará maiores prejuízos. Cada dia que passa equivale a um desfalecimento no capital da já abalada economia da ilha. Deste modo procura-se, também, aliviar a Calheta, superlotada de gente, onde apareceram, ontem à noite, os primeiros casos epidémicos. Cinco doentes com gripe, tosse convulsa e sarampo. As condições higiénicas da pequena vila pouco mais poderão suportar e é tendo tal facto em linha de conta que começaram hoje a processar-se o escoamento e o re-

lojamento. Segundo a opinião do eng. Frederico Machado as pessoas que foram levadas hoje para Timada, Urzelina e Santo Amaro não ficarão expostas a maior perigo do que todas as que estão aboletadas na Calheta. Entretanto, o hospital que fora improvisado nesta vila ficou ontem bem fornecido com os medicamentos e provisões trazidos na fragata «Corte Real».

A tarde chegou o «Ponta Delgada», depois de desembarcadas todas as provisões trazidas pelo «Girão» de Angra do Heroísmo. A operação do lançamento aéreo de viveres, feita ontem, não teve êxito, pois, devido à força do vento, os sacos foram cair ao mar. De madrugada acompanhámos o eng. Frederico Machado na sua escalada de estudo às crateras do vulcão adormecido e ao Pico de Urzelina, dominando a Fajã de Santo Amaro. O estudo do local não revelou emanações sulfurosas e diferenças de temperatura. O Pico da Urzelina, o mesmo que



Juntamente com o gado, os sinistrados de S. Jorge procuram, em grupos, o refúgio que as condições sísmicas e meteorológicas lhes negam

Os técnicos não prevêem depois dos pequenos abalos de ontem a evolução que possa dar-se na actividade sísmica

Um apelo ao presidente Johnson para a entrada dos jorgenses

WASHINGTON, 27. — O luso-americano José de Sousa Santos, membro da comissão de propagação do movimento de auxílio aos sinistrados da ilha de S. Jorge, dirigiu um apelo ao presidente Johnson, para que autorize a concessão imediata de vistos de entrada nos Estados Unidos aos naturais daquela ilha que já se encontrassem inscritos como imigrantes e que aguardassem a sua vez.

É o seguinte o texto do telegrama:

«Como V. Ex.ª sabe, os habitantes da ilha de S. Jorge, nos Açores, estão a ser retirados devido aos constantes abalos de terra registados nos últimos dias, os quais têm feito grandes destruições naquela ilha.

Assim, venho respeitosamente pedir a V. Ex.ª que faça tudo o que estiver ao seu alcance para que o cônsul dos Estados Unidos nos Açores seja autorizado a dar vistos de imigração a todos os naturais de S. Jorge, cuja inscrição já foi aprovada pela Secretaria da Justiça e pelos Serviços de Emigração e Naturalização, sem atender à sua posição na cota de imigração».

Nos apelos dirigidos aos luso-americanos, lê-se:

«Aguardamos a vossa generosidade, prezados leitores e amigos. Nem todos seremos de mais neste momento de grande sofrimento e angústia para os nossos irmãos de S. Jorge. Dai o mais que vos for possível dar neste momento. Lembrai-vos de que há pessoas, famílias inteiras, que perderam tudo nesta tragédia.

Não há tempo a perder. Não espereis, por favor. Trata-se de um caso excepcional. E que os nossos leitores que o possam fazer, organizem colectas, nos seus clubes, ou locais de trabalho: no barbeiro, na mercearia, na farmácia, na oficina. Que o apelo dos jorgenses sinistrados chegue a todos os lares portugueses da América». — (A. N. I.).

A assembleia geral do Belenenses

Foi marcada para o próximo dia 3 de Março a assembleia geral ordinária do Belenenses para aprovar o relatório e contas da gerência de 1963 e proceder à eleição dos novos corpos gerentes. A importante reunião deverá realizar-se no Pavilhão dos Desportos.

Entretanto, continua de pé a hipótese de vir a ser convocado o Conselho-Geral do clube para uma data anterior à da assembleia.

ANGRA DO HEROÍSMO, 27. — Segundo um comunicado distribuído pelo observatório de Angra, não se registou qualquer actividade sísmica no grupo central dos Açores nas 48 horas anteriores à última observação a que se refere esse comunicado.

Posteriormente, porém, o sismologista eng. Frederico Machado, da Universidade de Lisboa, revelou que ontem, ao princípio da tarde, se deram seis microsismos na ilha de S. Jorge e acrescentou que não se pode prever, por enquanto, a evolução dos fenómenos sísmicos que têm assolado a ilha. — (A.N.I.).

O dr. Gonçalves de Sá — ídolo da população de Velas

QUEIMADA (Ilha de S. Jorge), 27. — A Igreja da Boa Hora, na Queimada, apresenta, numa das torres, uma larga fenda, de alto a baixo. Julga-se que a sua reparação será difícil e que a torre terá de ser demolida e reconstruída.

Elogiando a firme acção do presidente do Município de Velas, dr. Gonçalves de Sá, quando da retirada do motorista José Duarte Gonçalves disse-nos hoje:

— Perdemos muito. Mas o que não perdemos foi a fé no dr. Sá. — (A. N. I.).

As operações militares na Guiné

BISSAU, 27. — O boletim das Forças Armadas da Província da Guiné refere que, no período de 17 a 23 do corrente, as forças portuguesas tiveram dois mortos e 13 feridos, conforme foi noticiado, oportunamente, pelo Serviço de Informação Pública das Forças Armadas.

O mesmo comunicado diz que um grupo, vindo do Senegal atacou uma «tabanca» fronteiriça, mutilando quatro nativos. As forças terrestres continuaram empenhadas em patrulhamentos, nomadizações e outras missões no Sul, com a cooperação de voluntários nativos.

As forças navais, por sua vez, prosseguiram no desempenho das missões de fiscalização das águas da província e, também, no transporte e apoio às forças terrestres e em intervenções em terra. Por sua vez, a Força Aérea vigiou as fronteiras e executou missões de reconhecimento visual das matas, onde se acolhem movimentos terroristas, tendo descoberto e destruído alguns acampamentos ilegais.

Cooperou também com as forças navais e terrestres nas acções por estas realizadas, executando inúmeras missões de transporte — (L.).

lançou lavas ardentes até ao mar em 1808, destruindo e matando, deu tranquilidade ao cientista e a quantos o acompanhavam. Aquele declarou, entretanto, que não poderá fazer, ainda, qualquer previsão ou tirar qualquer conclusão. Uma nova descida pelas formações de rocha vulcânica que dominam, outras observações do eng. Machado e, também, nada de positivo foi, ainda, possível concluir. Entretanto, às 8 e 30 sentira-se um microsismo do grau 1, a interromper um período de aparente tranquilidade sísmica.

Almoço frugal em Velas e, à tarde, iremos subir à cratera de S. Francisco, adormecida desde 1580. Até este momento, nada de positivo e certo é possível dizer. Simplesmente há uma certeza: o epicentro continua ao lado da costa, a uma profundidade, possivelmente, de 40 quilómetros da superfície atlântica, fazendo a sua movimentação a partir dos Rossais, procedente do noroeste da ilha. Mas, como tudo, é incerta a evolução destes fenómenos telúricos. Esperemos, no entanto, que abandone S. Jorge, a Terceira, Pico e Faial, também, caminho para a sua estabilidade e se afaste, definitivamente, assim, esta psicose do medo e da espera do imprevisível que, compreensivelmente, existe nestas ilhas, assentes numa cordilheira vulcânica. O que é preciso agora é que os problemas humanos, sociais e económicos se solucionem rapidamente e que abrançam a sensibilidade, apurada ao mais alto grau, de todos os jorgenses. Esta acuidade para a percepção dos estremecimentos da terra, por mais suaves que sejam, tem-me espantado. Ainda ontem à tarde, precisamente às 15 e 55, hora local, estava em Velas, quando o incansável guia-acompanhante me chamou a atenção para um ruído fraco. Abriu as pernas, firmou-as no chão, fixou o olhar e disse-me: é um tremor de terra de baixo grau. A noite, informaram da Horta que assim fora realmente. Eu, entretanto, não deira pelo abalo. Pensara que tinha sido a fraqueza das pernas cansadas ou um bater mais forte das vagas no paredão do cais.

Ministro do Interior

Conferenciaram esta manhã com o sr. ministro do Interior, sobre assuntos de natureza administrativa de interesse para os seus distritos os srs. governadores civis do Porto e de Castelo Branco.

até este momento em que falo para Lisboa. Daqui a momentos acompanharei o eng. Frederico Machado e saberei a impressão pessoal colhida por aquele cientista açoriano no alto das grandes poças mortas. Até lá, o enviado do «Diário de Lisboa» estará com os jorgenses, procurando incutir-lhes optimismo, um pouco de confiança e da tranquilidade perdidas. Necessitam de ver pessoas, não daqui. E gente ainda traumatizada psicologicamente, que tenta reagir contra o sentimento tradicional do fatalismo que custa a perder. Depois de 480 sismos fortes registados nos últimos sete dias — o que poderia exigir-se?

E. de C.

MEMBROS DO GOVERNO EM MAFRA

(Continuação da página central)

de cujos departamentos dependeu directamente a sua criação.

Cerca das 10 e 30 chegaram a Mafra os srs. ministros das Finanças, da Educação e das Obras Públicas, e o subsecretário de Estado do Tesouro, acompanhados por altos funcionários dos seus Ministérios.

No átrio do museu eram aguardados pelo respectivo conservador, pintor Ayres de Carvalho, pelos outros membros da comissão que instalou as peças, bem como por algumas autoridades concelhias.

O pintor Ayres de Carvalho proferiu breves palavras de saudação pondo em destaque a vantagem da criação do museu e justificando as razões da sua instalação em Mafra, «onde os milhares de turistas que anualmente o visitam, bem como os artistas e estudiosos, encontram o clima propício à sua compreensão».

Seguiu-se uma visita às nove salas, tendo os ministros ouvido explicações sobre o interesse dos espécimes expostos. Terminada esta o sr. eng. Arantes e Oliveira referiu-se aos esforços e colaboração

entre vários Ministérios, para que se consigam solucionar problemas do tipo dos que suscitavam a inexistência de um Museu de Escultura Comparada, referindo, a propósito destas iniciativas, a criação do Museu de Conímbriga.

As entidades presentes fizeram depois uma visita ao Museu de Arte Sacra, também instalado em dependências do Palácio de Mafra.

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o vento era fraco ou moderado de sudoeste. O céu estava geralmente nublado e calava aguaceiros em alguns locais por acção de uma massa de ar instável transportada na circulação de uma depressão centrada a oeste da Irlanda.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Porto, 10°; Portalegre, 9°; Coimbra, 11°; Lisboa, 14°; Faro, 15°; Funchal, 16°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 15°; na água do mar, 14,5°.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTRADAS HOJE EM LISBOA, ÀS 15 HORAS — Máxima, 16,8°; mínima, 11°. No mesmo dia do ano passado — Máxima, 13,5°; mínima, 8,1°.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ



Céu geralmente muito nublado; vento fraco ou moderado de sudoeste; aguaceiros diminuindo de frequência; condições favoráveis à formação de trovoadas nas regiões montanhosas durante o dia de hoje.

AMANHÃ:
SOL Nascer às 7 e 12
Ocaso às 18 e 27.

FASES DA LUA
Hoje Dia 6 Dia 14 Dia 20

MARES
PREIA-MAR — Dia 27 — As 3 e 01 (4,23 m); 15 e 26 (4,04 m).
Dia 28 — As 3 e 41 (4,31 m); 16 e 07 (4,07 m). Dia 29 — As 4 e 20 (4,28 m); 16 e 47 (4,02 m).
BAIXA-MAR — Dia 27 — As 8 e 53 (0,72 m); 21 e 02 (0,82 m).
Dia 28 — As 9 e 35 (0,69 m); 21 e 45 (0,79 m). Dia 29 — As 10 e 5 (0,74 m); 22 e 19 (0,83 m).

Vida literária e artística

NÚMERO 291
27 - FEVEREIRO - 1964

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA»

QUESTÕES DE LITERATURA RESPOSTA A UM POETA

SABE, meu amigo? Publicam-se hoje muitos livros de poemas. Tornou-se demasiado fácil escrever e publicar um livro de poemas. Posto eu não receba (e cada vez menos) senão uma escassíssima parte dessa abundância, impossível me responder a todos que me honram pedindo-me opinião sobre folhetos impressos, dactilografados ou manuscritos. Decididamente, as horas dos meus dias são demasiado limitadas para o que lhes peço, ou me pedem; e aqui para nós, vou estando um tanto cansado. Que remédio, pois, senão recorrer ao silêncio, mesmo sabendo que será interpretado como indiferença ou desdém. Má interpretação, meu amigo: A despeito de quaisquer aparências, sempre fui pouco inclinado tanto a uma como a outra coisa. Tenho recebido cartas que verdadeiramente me interessam, ou até comovem, ou me deixam profundamente agradecido, — e às quais nunca cheguei a responder. Disso conservo o remorso e a mágoa. Como, porém, proceder doutro modo um escritor português, se pretender realizar ele próprio um mínimo do que sonhou?

Respondendo-lhe com estas linhas, meu amigo, abro uma excepção à regra que, para sossego meu, já me vou impondo. Não sem razões, decerto. A primeira é que Você é muito teimoso: Insiste em me escrever; e apesar de tudo, mesmo contra mim, o meu sossego e os meus propósitos, eu gosto das pessoas que não desistem de lutar pelo que desejam ou pretendem. Não sei se deva pedir-lhe desculpa da segunda razão (adiante veremos o porquê desta dúvida) pois aqui pode principiar a ser pouco amável a sinceridade que julgo dever à sua juventude: A segunda razão é que o seu caso é típico — representa ou exemplifica vários casos. Tenho recebido muitos livros como o seu. Muitos livros de hoje realizam uma espécie de poética colectiva que se continua de uns para outros sem

por JOSÉ RÉGIO

chegar a individualizá-los distintamente. Ou sem os deixar individualizarem-se. De modo que falar do seu livro é quase falar de muitos outros, e claro que falar publicamente é dirigir-me a variadíssimas pessoas.

Quando, noutros tempos, saía um livro do João de Deus, do Antero, do Nobre, do Junqueiro, do Cesário, do Gomes Leal, do Eugénio de Castro, da Florbela, do Camilo Pessanha, do Pascoais, do Sá-Carneiro, do Fernando Pessoa, etc., a gente diferenciava perfeitamente os livros uns dos outros, e pensava que essa originalidade pessoal era um valor: — autenticava a criação, e acendia o nosso interesse. Até nos tempos da desacreditada presença — que, felizmente, também já lá vão! — ainda era mais ou menos assim. Impossível então, falando de qualquer livro de qualquer desses velhos poetas, falar simultaneamente de outros livros de outros poetas! Cada um deles era uma pequena revolução — cada poeta era único.

Pequena revolução, com efeito (e a ponto de, vários desses, antes serem acolhidos de contra-revolução-

nários), quando se vise a uma revolução total. Quero dizer: a uma Escola única absoluta, uma Poesia pura de toda a mancha humana, uma Verdade válida para todos os poetas... um Dogma, enfim, que tal é a secreta aspiração de muitos revolucionários actuais: um Dogma, — o DOGMA que esmague todas as diferenças individuais e ultrapasse tudo que não seja ELE! Claro que as pequeninas diferenças individuais se tornam verdadeiramente mesquinhas perante a grandeza de tal aspiração. A própria antiga originalidade, que apoiava as originalidades individuais, é, assim, ultrapassada, substituída pela intuição duma Originalidade à qual todos podem ter acesso: Basta aplicar-se um pouco — ou não se aplicar mesmo nada.

Voltemos ao seu livro, meu amigo, porque receio estar a perder-me. Representativo, como é, das mais recentes manifestações poéticas, o seu livro suprimiu tudo quanto, até ao presente, enleava os pobres dos poetas: Suprimiu a versificação e a rima (disso já se não fala), receitas como são hoje para poesia de almanaques provincianos. Supri-

(Continua na 19.ª página)

Antologia da Música Regional Portuguesa: O Minho

por FRANCINE BENOIT

EM edição dos Arquivos Sonoros Portugueses, de colaboração com a Casa Valentim de Carvalho, Lda., prossegue com o terceiro disco, dedicado ao Minho, a realização dos propósitos do etnógrafo Michel Giacometti, secundado pelo compositor e musicólogo Fernando Lopes Graça. Já nas apresentações preparatórias do início da edição desta curiosa e valiosa antologia, que da forma por que é feita, tem de resultar por natureza, um pal-

pitante documento de legitimidade, avaliamos em toda a sua latitude as dificuldades de todas as espécies e géneros que era preciso enfrentar e resolver para levar a bom fim o empreendimento: as indispensáveis caminhadas por regiões de difícil acesso, quando o país é montanhoso; a dificuldade, por vezes esgotante, em reunir os ele-

mentos executantes, entregues a fainas não sincronizadas e em épocas desencontradas; a relutância de uma parte do povo em fazer-se ouvir por estranhos; a colocação da aparelhagem de gravação, depois de resolvida a dificuldade de transportes. Quanto à documentação recolhida, mesmo pondo de parte a falta de seriedade ou a paixão que se traduziriam fatalmente em friabilidade ou em arbitrariedade, ainda é preciso um esclarecido conhecimento das estruturas linguísticas (neste caso, linguagens musicais) para discernir e compreender a me-

(Continua na página central)

(Continua na 19.ª página)

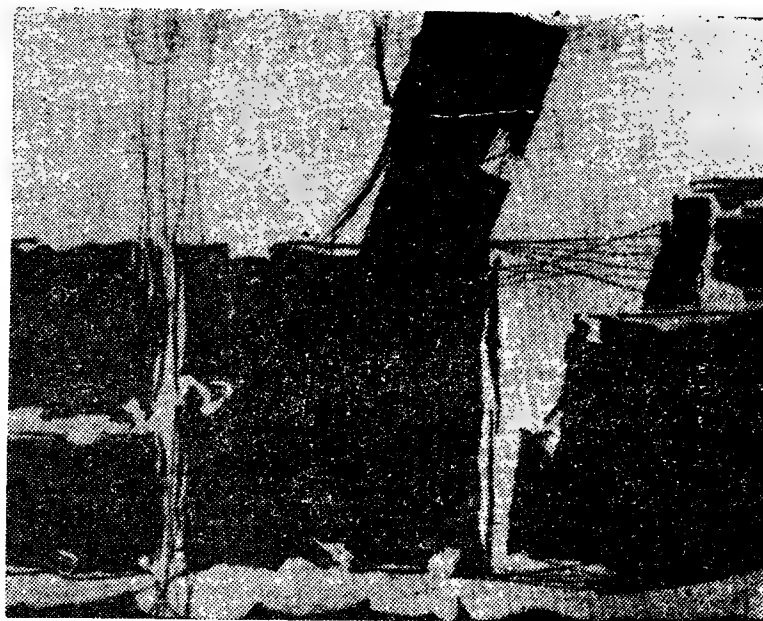
NA MORTE DO HERÓI por LUÍS GAMEIRO

Quando o teu grito cavalgou o silêncio
e se agigantou por sobre o muro cinzento
os relógios pararam na história dos homens.

De pé, eu ouvi chorar as mães, as crianças
e as estrelas.
De pé, escutei a última mensagem
que lançaste no vento.
De pé, senti a imortal certeza
no braço que te adivinhei.

De olhos enxutos,
aprendi a firmeza do teu gesto.
De olhos enxutos,
apanhei as papoilas que tombaram
do teu peito sem vida.
De olhos enxutos,
caminhei em frente.

Chorou (em meu lugar) o orvalho sobre a terra,



Duas obras apresentadas na VII Bienal de S. Paulo: gravura de Roberto de Lamónica, (prémio do melhor gravador brasileiro) e uma composição de François Stahly

Crescimento e prestígio da Bienal de São Paulo por OSMAN LINS

No Ibirapuera, imenso parque onde, nos dias de sol, crianças jogam á bola, correm nos gramados, remam no lago artificial e onde os namorados passeiam de mãos da-

das, ergue-se o Pavilhão Armando de Arruda Pereira, Ali., a partir de 1957, tem funcionado, ocupando uma área de 36 000 metros quadrados, um dos maiores certames artísticos do Mundo, a Bienal de São Paulo.

Inaugurada em Setembro ultimo e encerrada a 20 de Dezembro, a VII Bienal congregou quase 60 países, entre os quais a Coreia, o Senegal, Taiti, União Sul-Africana e Turquia, sendo de lamentar a ausência de Portugal.

No começo da década passada, o Museu de Arte Moderna, embora instituição recente, obtivera prestígio apreciável nos nossos meios artísticos. E o sr. Francisco Matarazzo Sobrinho, seu presidente, reaceando que, sem promoção ousada, arrefecesse o impulso inicial, vindo o museu a tomar num marasmo que seria, senão a sua morte, um indício certo de estagnação, teve a ideia de realizar essa mostra, para a qual seriam convocados todos os esforços disponíveis. Assim, vencendo a resistência que se opõe inevitavelmente a qualquer iniciativa por demais ambiciosa, inaugurou-se em Outubro de 1951 a «I. Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo», com a participação apenas de 19 países. Realizada nos anos ímpares, ao contrário da sua congénere de Veneza, cinquenta

A PRIMEIRA FEIRA

MUNDIAL DO LIVRO

Sob patrocínio das Associações de Editores e Livreiros da Grã-Bretanha realiza-se em Londres de 10 a 20 de Junho próximo, nos pavilhões de Earls Court, a I Feira Mundial do Livro. Cerca de 130 firmas britânicas ligadas á produção e comércio livreiros vão participar individualmente no certame; conjuntamente com as respectivas associações profissionais, as mesmas firmas apresentarão uma «Livraria modelo»; empresas de linotipia e monotipia, de impressão e encadernação figuram com «stands» próprios, bem como os serviços de publicações da B. B. C., o departamento editorial do Estado («H. M. Stationery Office») e a Liga Nacional do Livro.

Entre as representações estrangeiras está assegurada a participação das associações editoriais do Canadá, Checoslováquia, França, Alemanha Ocidental e Oriental, Itália, Irlanda, etc. Expositores individuais da Suécia, Hungria e Polónia fizeram já as suas inscrições na Feira e estão em curso negociações para a projectada presença de firmas e organismos livreiros dos Estados Unidos, União Soviética e vários outros países. As Universidades norte-americanas, a «Asia Publishing House» que trabalha principalmente para a União Indiana e várias instituições e departamentos ofi-

(Continua na 19.ª página)



Pelourinho do Soajo

CONSAGRAÇÃO

DE UM JOVEM ESCRITOR INGLÊS

por JOHN SANDERS STONE

Quando foi anunciada a publicação de «Os Patriotas» perguntei a mim mesmo se James Barlow teria realizado com este livro todas as possibilidades que eu lhe advinha quando da leitura dos seus livros anteriores. Foi nesse estado de espírito que abri o livro e principi a embrenhar-me nessa obra fascinante. Posso afirmar que não descansei enquanto não cheguei à última página. «Os Patriotas» tornou-se o meu livro de todas as horas, a tal ponto era violenta a tensão que me invadia à medida que me deixava absorver pela história dramática do rude pára-quedista Reg Mills.

Esta impressão foi partilhada por milhares de leitores britânicos que fizeram de «Os Patriotas» um dos mais sensacionais «best-sellers» dos últimos tempos. Essa impressão foi igualmente partilhada por numerosos críticos que, nas principais tribunas literárias do país, saudaram James Barlow e, muito em especial, esta sua obra. Os juízos do público e da crítica foram inteiramente concordantes. «Os Patriotas» é uma obra que consagra em definitivo este jovem escritor de 38 anos de idade — um inspector do Departamento de Impostos da Corporação de Birmingham que fez entrada fulgurante no mundo da literatura.

«Os Patriotas» é a história dramática, tensa e violenta de dois ex-pára-quedistas que, na vida civil e mercê de estranhos condicionamentos psicológicos e sociais, enveredam pela senda do crime. O fulcro do romance situa-se na figura de Reg Mills, um pára-quedista da Primeira Divisão Aerotransportada que tomara parte na última guerra. Capturado no decurso da sangrenta batalha de Arnhem, consegue evadir-se, posteriormente, na Saxónia, mas, nessa fuga, perde o seu melhor amigo, Jack, que tomba morto a seu lado.

Sobrevém a paz. Mills regressa à sociedade civil. Obtem um modesto emprego de 15 libras semanais. Casado, tem uma filha, e sonha, para toda a família, com uma vida mais desafiada. Não é sem desprezo que vê a sua volta uma sociedade dominada pela ânsia do dinheiro e dos bens materiais.

É então que Mills é preso por ter agredido, num bar, um homem que, no meio da sua prosperidade, parecia referir-se de forma insultuosa à Primeira Divisão Aerotransportada. Mills é condenado a seis meses de cadeia. Mas a sua turbulência, o seu carácter indisciplinado, pois não aceita a prepotência dos guardas da prisão, é duramente vergastado, chega mesmo a ser espancado, da maneira mais brutal, sofrendo, além disso, o «segredo».

É na prisão que trava conhecimento com Tony Tobias, que é, como Mills, ex-pára-quedista. Também este se encontrava a cumprir pena devido a um acto de agressão. Mas, diferentemente de Mills, Tobias já escolhera o caminho da ilegalidade. Concebida o intento de assaltar um comboio e necessitava de um cúmplice. Mills podia ser o homem que lhe convinha e por isso é que Tobias o aguarda à saída da cadeia. Mills está sem emprego e a prisão ferira-o de forma profunda. No seu íntimo a mistura de todas estas razões impeli-o a tomar parte na aventura.

Era às sextas-feiras, às 13 e 6 da tarde, que o comboio da linha Wicster-Medbury conduzia dois empregados da Direcção de Electricidade que eram portadores de duas caixas cujo conteúdo eram os sobrescritos que levavam as faturas para os que trabalhavam numa geradora situada ali perto. Tobias e Mills estudam cuidadosamente um plano de assalto. E, numa tarde nevesa de Fevereiro, empreendem o acto criminoso.

Tobias furta um camião num armazém de carvão e pára-o numa passagem de nível, fingindo uma avaria. O comboio estaca. Mills, que seguia dentro dele, entra no compartimento em que vão os dois empregados da Direcção de Electricidade e abate-os a golpes de barra de ferro. Um deles fica morto. Arrastam as duas pesadas caixas através da neve e da lama. Uma garotinha estudante, que tivera coragem de intervir, é gravemente ferida.

Mas o plano falha, de maneira imprevisível. Um acidente de viação bloqueia o caminho ao automóvel de Tobias, que se encontrava oculto numa saibreira. Conseguem fugir com o dinheiro. A Polícia, porém, vai-lhes no encalço e consegue prendê-los. O livro termina numa atmosfera de tragédia e desilusão.

«Os Patriotas» contém páginas e páginas de verdadeiro suspense, páginas que situam Barlow na primeira linha de escritores consumados. Os diálogos são incisivos, certeiros, duma rara mestria e realismo. Com razão sublinhou William Golding em «The Bookman» que o romance de Barlow «prende o leitor, absorve-o aos poucos até que ele vive e respira com o homem ou mulher que tem perante si na página impressa».

Não é só, todavia, a habilidade técnica que faz de Barlow, em meu entender, um dos melhores narradores ingleses dos últimos tempos. O próprio fundo da obra e o seu admirável carácter de documento sobre a sociedade contemporânea, conferem ao seu romance uma nova dimensão. Conforme observou George Millar, «apesar da acção ser rápida e absorvente, o autor consegue formular realisticamente graves problemas respeitantes ao nosso sistema de classes, aos casamentos no operariado, à nossa moralidade oportunista, às nossas prisões». A seriedade de propósitos, literários e sociais que se desprendem do romance foi correctamente sublinhada por John Davenport (no «Observer»), ao lembrar que «James Barlow formula perguntas que merecem ser ponderadas», e por Richard Lister (no «Evening Star») que considerou Barlow «um autor que se preocupa com os seres humanos e faz nascer em nós a mesma preocupação».

Mas, além dos louvores da crítica, não é lícito esquecer — repetimolo — os não menos significativos louvores do público: grande êxito da ficção em língua inglesa. «Os Patriotas» foi traduzido em dez línguas estrangeiras, foi seleccionado pela «Book Society» e os seus direitos cinematográficos foram vendidos por uma cifra extraordinária. Esta carreira vertiginosa do romance de Barlow, bem como as qualidades intrínsecas desta obra, consagraram definitivamente o romance e o romancista. Barlow é um autor com quem, de agora em diante, é preciso contar.

Linha de SINTRA

Cinemas

AMADORA — Recreios Desportivos — A's 21.15: «Carícias de luxo» (17 anos).
QUELUZ — Queluz-Cine — A's 21.15: «O sinistro mr. Sardonius» e «Imperatriz Guerreira» (17 anos).
MEM MARTINS — Cine-Chaby — A's 21.30: «Garotas! Garotas! Garotas!» (12 anos).
SINTRA — Cine-Teatro — A's 21.30: «Massacre» e «O filho do Conde Monte Cristo» (12 anos).
ODIVELAS — Cine-Teatro — A's 21.30: «Raízes do crime» (17 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — Cavaca — R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019); Flama — R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485); Confiança — Av. D. Nuno Alvares Pereira, 15-A (Tel. 931149).

A 11.ª FEIRA DO RIBATEJO

SANTAREM, 27 — O adido comercial da Embaixada de França e diversos funcionários superiores da mesma representação diplomática encontram-se nesta cidade, onde chegaram esta manhã, a fim de contactar com a comissão executiva da 11.ª Feira do Ribatejo e 1.ª Feira Nacional das Actividades Agrícolas e com o presidente do Município, sobre alguns aspectos que se prendem com a participação do seu país naqueles certames.

SER E PARECER

(Continuação da 1.ª página)

de ciência. O sensível não pode ser objecto de ciência porque não podemos ter conhecimentos fixos acerca do que não tem fixidez. Na concepção platónica, o mundo dos fenómenos é o mundo das aparências, da opinião, da incerteza e do erro.

Este dualismo subsiste na concepção aristotélica do movimento: o acto de um ser em potência. — Os cartesianos chamaram *substância* (o que está por baixo) à realidade essencial que se oculta sob os fenómenos (aparências). O empirismo e o sensualismo concederam ao fenómeno a honra de categoria fundamental do pensamento e da ciência, desinteressando-se de considerações ontológicas, mas, apesar da extraordinária importância que tomou o estudo dos fenómenos, toda a teorização científica vem subordinada à noção de Ser. Variar é subsistir na mudança, o que pressupõe aquele dualismo.

A escola associacionista inglesa, embora admita que só é possível conhecer fenómenos e suas relações, deixa subsistir um certo substancialismo. Spencer reconhece que os fenómenos não esgotam a realidade: toda a aparição pressupõe a coisa que aparece. A dualidade do ser e do fenómeno é posta em relevo na filosofia de Kant. Para além dos fenómenos, há um mundo inacessível, o mundo da realidade que eles anunciam, manifestam e representam. O *fenómeno* é o absolutamente desconhecível, o mundo abscóndito das coisas «em-si».

O conhecimento experimental, variável, aproximado e imperfeito revela a irredutibilidade do pensamento ao ser, do *fenómeno* ao *nómeno*. Por outro lado, sabemos também, por experiência própria, que o nosso aspecto exterior, aparente, não coincide com o aspecto interior, com o nosso mundo subjectivo, que até para nós se conserva, em grande parte, oculto e misterioso.

O carácter subjectivo da percepção sensorial pode, contudo, levar-nos a conceber o fenómeno como simples *representação*, sem correspondência oculta, mas o facto de concebermos leis, fins, valores, relações, seres de razão, patenteia, por sua vez, a existência de um mundo de entes ideais irredutíveis aos fenómenos, mas relacionado com eles, tão importante que procura torná-los inteligíveis e descobrir a maneira de provocá-los. A oposição do diverso faz parte da natureza da percepção, assim como a sua identificação faz parte da natureza racional: percebemos por que distinguimos, conhecemos por que identificamos.

Embora o mundo do Ser seja inacessível à nossa experiência, toda a investigação científica procura ultrapassar o domínio das aparências. O êxito prático é a medida da adaptação do pensamento do ser. Se a aparição fosse o próprio ser, o conhecimento seria invariável e o erro impossível. Os princípios de conservação da matéria e da energia pressupõem a crença numa realidade essencial indestrutível e invariável. Embora esses princípios tenham sido postos de parte, na física moderna, a própria investigação científica implica o postulado da existência de uma realidade permanente que se manifesta nos fenómenos e que procuramos captar por meio de esquemas de interpretação.

O aperfeiçoamento das técnicas experimentais consiste precisamente, em realizar uma captação cada vez mais perfeita dessa realidade. Os esquemas de interpretação dos fenómenos têm variado através dos séculos e, com eles, aquilo que se entende por real físico: os factos mudam de significação, mas há alguma coisa que subsiste, a realidade significativa.

A ideia dominante do século passado de que a matéria era qualquer coisa de permanente, submetida a leis fixas nos seus movimentos e nas suas transformações, susceptível de uma observação contínua e de ser descrita a partir das condições iniciais, sofreu profundas alterações no decurso do último meio século. Sabia-se que as provas experimentais são indirectas e incompletas, porque todos os esquemas de inteligibilidade obedecem à estrutura da nossa mente, ainda que sejam índices de carácter objectivo, mas a interferência do observador nos fenómenos que observa, revelada na microfísica, tornou mais indeterminada ainda a linha de separação entre o objecto e o sujeito e os mesmos em duvida a ideia de um *esquema verdadeiro*, que parece não ter sentido.

A realidade física perdeu também o aspecto *substancial* para tomar um aspecto *formal*, visto que os corpúsculos elementares perderam as características materiais e só o aspecto formal permite identificá-los. Estas novas posições teóricas não suprimem, porém, a dualidade *ser-parecer*. Além da tendência de conciliação do pensamento e do ser manifestada pela ciência, há uma tendência de oposição ao ser que se revela no *dever-ser*, relacionada com os valores e que é objecto da *actologia*.

A filosofia moderna pretendeu resolver este dualismo. Sartre aponta como um grande progresso do pensamento moderno o ter suprimido um certo número de dualismos que embaraçavam a filosofia e tê-los substituído pelo *monismo do fenómeno*, identificado este com a própria realidade essencial: o existente fica «reduzido à série das aparições que o manifestam». Ter-se-ia suprimido, assim, o dualismo que opõe, no existente, o interior ao exterior, o dualismo do ser e do parecer, e o da potência e do acto.

A aparição é, na opinião de Sartre, a medida do ser (não seria já, neste caso, distinta dele?) e não qualquer coisa de exterior que se lhe oponha que oculte uma essência, ou atualize uma potência: «o ser de um existente é precisamente o que ele parece; tudo é em acto» (*L'Être et le Néant*). Pretende ter chegado assim à ideia de fenómeno concebida por Husserl e Heidegger — o *relativo-absoluto*: relativo por ser o que *aparece* a alguém absoluto porque se revela *como é*. Apresenta assim uma solução de compromisso entre o idealismo objectivo das essências, característico da fenomenologia de Husserl e o idealismo subjectivista do *Dasein* (realidade humana) tal como aparece no existencialismo de Heidegger. «A essência de um existente é a lei manifesta que preside à sucessão das suas aparições, é a razão da série» e ela mesma uma aparição.

Sartre julga ter reduzido todos os outros dualismos ao dualismo do finito e do infinito, mas, ao longo das 722 páginas de *L'Être et le Néant*, densas de contradições e de sofismas (embora ricas de reflexões subtis e profundas), reaparecem constantemente os dualismos que afirma ter eliminado: «A nossa teoria do fenómeno substituiu a realidade da coisa pela objectividade do fenómeno e fundou esta num recurso ao infinito».

Mesmo quando afirma que a oposição do finito e do infinito substitui o dualismo do ser e do parecer, recorre a este último para definir *aparência*: «o que aparece é

sómente um aspecto do objecto, e o objecto está todo inteiro neste aspecto e todo inteiro fora dele». Neste passo reaparece, também, o dualismo *dentro-fora*, que duas páginas antes se louva por ter suprimido, e volta a surgir pouco depois: «o fora opõe-se de novo ao dentro, e o ser-que-não-aparece, á aparição».

A *potência* reaparece, também, para «habitar o fenómeno e lhe conferir a sua própria transcendência: a potência de ser, desenvolvendo numa série de aparições reais ou possíveis». Por sua vez, «a essência é radicalmente cortada da aparição individual que a manifesta» — e, assim, reaparece o dualismo *essência-aparência*.

O problema que serve de base às reflexões ontológicas de Sartre resume-se neste paradoxo: «Se a essência da aparição é um *parecer* que não se opõe já a nenhum *ser*, há um problema legítimo do *ser deste parecer*». Assim, as reflexões posteriores baseiam-se precisamente no dualismo *ser-parecer* que pouco antes se dizia ter sido eliminado pelo pensamento moderno. Se as aparições manifestam o ser, são distintas dele e o dualismo subsiste, ainda que se invertam as posições. O recurso ao infinito não resolve também a oposição do *ser-que-não-aparece* e do *ser-que-aparece*, nem a afirmação gratuita da objectividade do fenómeno destrói o seu carácter subjectivo.

A identificação do ser e do parecer, no fenómeno, é um artifício verbal sem consistência: o fenómeno é transcendente a si mesmo e transcendido pelo sujeito e pelo objecto, mas, ao mesmo tempo, o sujeito e o objecto desaparecem na redução do ser ao fenómeno. O objecto distingue-se da aparição, ainda que seja concebido como estrutura dela.

A identificação da aparição com a realidade é um novo índice da atitude especulativa primária do homem moderno, que também se reflecte na vida social e se traduz na fórmula dogmática: «o que parece, é» — de funestas consequências, porque escamoteia o erro e autoriza todos os desvarios. — L. V.

cessível à nossa experiência, toda a investigação científica procura ultrapassar o domínio das aparências. O êxito prático é a medida da adaptação do pensamento do ser. Se a aparição fosse o próprio ser, o conhecimento seria invariável e o erro impossível. Os princípios de conservação da matéria e da energia pressupõem a crença numa realidade essencial indestrutível e invariável. Embora esses princípios tenham sido postos de parte, na física moderna, a própria investigação científica implica o postulado da existência de uma realidade permanente que se manifesta nos fenómenos e que procuramos captar por meio de esquemas de interpretação.

O aperfeiçoamento das técnicas experimentais consiste precisamente, em realizar uma captação cada vez mais perfeita dessa realidade. Os esquemas de interpretação dos fenómenos têm variado através dos séculos e, com eles, aquilo que se entende por real físico: os factos mudam de significação, mas há alguma coisa que subsiste, a realidade significativa.

A ideia dominante do século passado de que a matéria era qualquer coisa de permanente, submetida a leis fixas nos seus movimentos e nas suas transformações, susceptível de uma observação contínua e de ser descrita a partir das condições iniciais, sofreu profundas alterações no decurso do último meio século. Sabia-se que as provas experimentais são indirectas e incompletas, porque todos os esquemas de inteligibilidade obedecem à estrutura da nossa mente, ainda que sejam índices de carácter objectivo, mas a interferência do observador nos fenómenos que observa, revelada na microfísica, tornou mais indeterminada ainda a linha de separação entre o objecto e o sujeito e os mesmos em duvida a ideia de um *esquema verdadeiro*, que parece não ter sentido.

A realidade física perdeu também o aspecto *substancial* para tomar um aspecto *formal*, visto que os corpúsculos elementares perderam as características materiais e só o aspecto formal permite identificá-los. Estas novas posições teóricas não suprimem, porém, a dualidade *ser-parecer*. Além da tendência de conciliação do pensamento e do ser manifestada pela ciência, há uma tendência de oposição ao ser que se revela no *dever-ser*, relacionada com os valores e que é objecto da *actologia*.

A filosofia moderna pretendeu resolver este dualismo. Sartre aponta como um grande progresso do pensamento moderno o ter suprimido um certo número de dualismos que embaraçavam a filosofia e tê-los substituído pelo *monismo do fenómeno*, identificado este com a própria realidade essencial: o existente fica «reduzido à série das aparições que o manifestam». Ter-se-ia suprimido, assim, o dualismo que opõe, no existente, o interior ao exterior, o dualismo do ser e do parecer, e o da potência e do acto.

A aparição é, na opinião de Sartre, a medida do ser (não seria já, neste caso, distinta dele?) e não qualquer coisa de exterior que se lhe oponha que oculte uma essência, ou atualize uma potência: «o ser de um existente é precisamente o que ele parece; tudo é em acto» (*L'Être et le Néant*). Pretende ter chegado assim à ideia de fenómeno concebida por Husserl e Heidegger — o *relativo-absoluto*: relativo por ser o que *aparece* a alguém absoluto porque se revela *como é*. Apresenta assim uma solução de compromisso entre o idealismo objectivo das essências, característico da fenomenologia de Husserl e o idealismo subjectivista do *Dasein* (realidade humana) tal como aparece no existencialismo de Heidegger. «A essência de um existente é a lei manifesta que preside à sucessão das suas aparições, é a razão da série» e ela mesma uma aparição.

Sartre julga ter reduzido todos os outros dualismos ao dualismo do finito e do infinito, mas, ao longo das 722 páginas de *L'Être et le Néant*, densas de contradições e de sofismas (embora ricas de reflexões subtis e profundas), reaparecem constantemente os dualismos que afirma ter eliminado: «A nossa teoria do fenómeno substituiu a realidade da coisa pela objectividade do fenómeno e fundou esta num recurso ao infinito».

Mesmo quando afirma que a oposição do finito e do infinito substitui o dualismo do ser e do parecer, recorre a este último para definir *aparência*: «o que aparece é

sómente um aspecto do objecto, e o objecto está todo inteiro neste aspecto e todo inteiro fora dele». Neste passo reaparece, também, o dualismo *dentro-fora*, que duas páginas antes se louva por ter suprimido, e volta a surgir pouco depois: «o fora opõe-se de novo ao dentro, e o ser-que-não-aparece, á aparição».

A *potência* reaparece, também, para «habitar o fenómeno e lhe conferir a sua própria transcendência: a potência de ser, desenvolvendo numa série de aparições reais ou possíveis». Por sua vez, «a essência é radicalmente cortada da aparição individual que a manifesta» — e, assim, reaparece o dualismo *essência-aparência*.

O problema que serve de base às reflexões ontológicas de Sartre resume-se neste paradoxo: «Se a essência da aparição é um *parecer* que não se opõe já a nenhum *ser*, há um problema legítimo do *ser deste parecer*». Assim, as reflexões posteriores baseiam-se precisamente no dualismo *ser-parecer* que pouco antes se dizia ter sido eliminado pelo pensamento moderno. Se as aparições manifestam o ser, são distintas dele e o dualismo subsiste, ainda que se invertam as posições. O recurso ao infinito não resolve também a oposição do *ser-que-não-aparece* e do *ser-que-aparece*, nem a afirmação gratuita da objectividade do fenómeno destrói o seu carácter subjectivo.

A identificação do ser e do parecer, no fenómeno, é um artifício verbal sem consistência: o fenómeno é transcendente a si mesmo e transcendido pelo sujeito e pelo objecto, mas, ao mesmo tempo, o sujeito e o objecto desaparecem na redução do ser ao fenómeno. O objecto distingue-se da aparição, ainda que seja concebido como estrutura dela.

A identificação da aparição com a realidade é um novo índice da atitude especulativa primária do homem moderno, que também se reflecte na vida social e se traduz na fórmula dogmática: «o que parece, é» — de funestas consequências, porque escamoteia o erro e autoriza todos os desvarios. — L. V.

Pessoal da P. S. P. condecorado

por serviços distintos

O ministro do Interior concedeu a medalha de serviços distintos, de ouro, ao chefe de esquadra da P. S. P. António de Sousa Bravo (Santarém) e ao guarda Manuel Pinto dos Santos (Viana do Castelo); e de prata, aos guardas César Martins (Viseu) e Manuel Soares e Miguel da Costa (Lisboa).

COOPERATIVA PREDIAL PORTUGUESA

AVISO CONVOCATÓRIO

De harmonia com o n.º 1 do art. 62 dos Estatutos, convoco para o dia 18 do próximo mês de Março, na sua Sede, as seguintes Assembleias:

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA, AS 21 HORAS

Ordem dos Trabalhos

- a) Discutir, aprovar ou modificar o Relatório e Contas da Gerência de 1963; e
- b) Apreciar as propostas contidas no Parecer do Conselho Fiscal e nas conclusões do Relatório da Direcção.

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA, AS 22 HORAS

Ordem dos Trabalhos

1. Aprovação ou modificação das bases do empréstimo a contrair na Caixa Geral de Depósitos, e já por esta autorizado, para a prossecução do Plano de Construções em curso;
2. Autorização para a cedência de parcelas de terrenos à Câmara de Oeiras para arruamentos e uma Escola; e das moradias e andares aos respectivos sócios.

No caso de não haver número legal, ficam desde já convocadas as mesmas Assembleias, para o dia 6 de Abril próximo, respectivamente, às 21 e 22 horas, com a mesma ordem de trabalhos.

Lisboa, 24 de Fevereiro de 1964.

O Presidente da Assembleia Geral
(a) António Rosa Portilheiro

O «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se em Vila Franca de Xira na Tabacaria de D. GUILHERMINA AMOR PAIS QUINTELA, RUA ALMIRANTE REIS, 179.

QUESTÕES DE LITERATURA NOTAS DE LINGUÍSTICA

(Continuação da 17.ª página)

minho a versificação, suprimiu o ritmo que dantes se obtinha contando as sílabas pelos dedos, espiando as correlações dos fonemas, ou usando doutros processos mais ou menos idênticos aos de *tricolor*. Suprimiu as imagens que se embarracavam com a inteligência, a coerência, a lógica — a imagem vale hoje pelo que tem de perfeitamente arbitrário. Suprimiu a narrativa e a confissão, vergonhas actualmente proibidas: coisas dos tempos do Homero, do Virgílio, do Dante, do Milton, do Camões, do Victor Hugo, do Baudelaire, do Rimbaud... para que dizer mais? dos tempos pré-históricos da poesia. Suprimiu a eloquência e a declamação — recursos que são dos aldrabões de feira. Suprimiu a discursividade e a inteligência, finalmente flutuam as palavras em pleno ar livre. Nesta ausência de depuração, certas formas foram varridas com particular sanha: o soneto, por exemplo, para não citar senão uma. Como pôde o Shakespeare, o Petrarca ou o Camões (para já não falar, entre nós, do Bógue ou do Antero) recorrer a essa negação da expressão poética, o soneto com chave de ouro e tudo?

Sem versificação, sem estudo de ritmo, sem inteligência das imagens, sem narrativa nem confissão, sem expressão de sentimentos nem psicologia, sem discursividade nem lógica... — natural é que se pergunte: Com que ficou, então, o poema? Ficou com a Poesia. Despiu-se das mistificações, pretensões e ilusões que o degradavam. Atingiu a Poesia afirmando-se puríssima, líberima, absoluta. E pela primeira vez impôs esta ao mundo o seu divino Reino. Poetas que sempre, até hoje, haveis escrito com as mãos algemadas, tendes finalmente as mãos livres! Apareçam, enfim, as luminosas obras que até ao presente nem os mais geniais poetas poderiam realizar, oprimidos como estavam por tantas formas e fórmulas estúpidas!

Efectivamente, vão aparecendo vários livros libertos de todas as cidades cadeias. O seu, por exemplo, meu amigo. No meio de tudo isto,

porém, algumas dúvidas continuam a perturbar-me o entendimento. Falando com toda a franqueza: Concorro, concordo consigo que não é a versificação, nem a narrativa, nem a confissão, nem a psicologia, nem a eloquência, nem a inteligência, nem a discursividade, etc., que, por si sós, conseguem captar a Poesia ou criar Poesia. Concorro, concordo plenamente. Não poderá, porém, concordar Você comigo que, por sua vez, não basta a ausência de tais coisas a captá-la ou criá-la? Talvez o defeito seja meu, deve ser. Por mais que o tente, porém, eu nem consigo deixar de sentir Poesia até no pobre do João de Deus — como confessarei, Jesus! que até no ridiculíssimo Soares de Passos! — ou admitir que um soneto, mesmo com chave de ouro, há-de, por força, envergonhar a face de um poeta. Se me permite ir ainda um pouco mais longe na minha confissão (sempre a mania da confissão!), aquilo que para Você parece valer tanto — a mim se me afigura muito secundário. Sabe de que, no meu íntimo sentir, temos estado falando? De frioleiras. O que eu sinto e penso é que a Poesia nada tem a ver com as modas, as escolas, as correntes, as ilusões juvenis e epocais, embora, na verdade, estes inevitáveis fenómenos forneçam um movimento fecundo à história literária. E assim como não consigo demitir da sua faculdade de poetas todos esses poetas metrificadores, narrativistas, confessionais, eloquentes, compreensíveis (até sonetistas! até comunicativos!), que Você considera ultrapassados (e realmente o estão naquilo em que apenas seguiram modas epocais que envelheceram) também não consigo captar essa mesma virtude poética no seu livro e outros que tais. Perdoo, meu amigo: Não bastam as suas pretensões à poesia líberima para que o seu livro seja uma obra de Poesia. Insistiu pela minha opinião, aqui a tem: brutal e amiga. Antes de mais nada — e acima de todas as discussões — o poeta nasce poeta; um homem nasce, ou não, poeta. Não há receitas nem contra-receitas que o fabriquem, perdoe.

JOSÉ RÉGIO

A Língua Portuguesa na Costa da Arábia

Nesta hora em que procuramos mostrar ao Mundo a nossa acção em terras do Oriente, parece-me que deveríamos assentar cada uma das afirmações em defesa do que fizemos, do que nos devem, do que somos e daquilo a que temos direito, em matéria indiscutível resultante de aturado estudo e do conhecimento pormenorizado do que na verdade foi essa nossa acção nas mais remotas partes do Planeta.

A leitura, a interpretação e o esclarecimento de nossos documentos dos séculos XVI, XVII e XVIII relativos à presença portuguesa nas mesmas terras estão a tornar-se cada vez mais urgentes.

Importa, por isso, estudar sistemática e objectivamente tudo o que fizemos, desde navegações e conquistas até à acção no campo da solidariedade humana e no do progresso cultural dos povos. A criação de essa como que ciência da acção portuguesa no Mundo esclareceria muitas consciências ignorantes ou cépticas, revelaria muitos aspectos ainda inéditos mas utilíssimos da história da ciência e obviamente colocaria no devido lugar o papel que desempenhamos no historial do progresso humano.

Caso contrário, a verdade, o que há realmente a dizer e até a assinalar, corre o gravíssimo risco de em breve estar mergulhado no esquecimento ou no descrédito impostos pela retórica ou pela acção dos vermes e da humanidade nos arquivos.

O mais grave da questão está em os próprios textos impressos estarem a ser vítimas do esquecimento e da indiferença.

Os textos dos viajantes, por exemplo, continuam, como parece, fora do interesse mesmo de quem por eles muito se deveria interessar. E alguns (como os de Mestre Afonso, António Tenreiro e Frei Pantaleão de Aveiro) oferecem elementos valiosos e sem fim a todos

os que desejem não só estudar a nossa gesta, mas também como eram as terras e as gentes exóticas que a ela assistiram ou nela tomaram parte, como as viram os Portugueses e até mesmo como elas viram os mesmos Portugueses e, atrás de tudo isso, o que significou o contacto entre dois mundos até aí ignorados um pelo outro e o que resultou para todos desse contacto.

Um dos mais curiosos textos a explorar será sem qualquer dúvida o do célebre Frei Gaspar de S. Bernardino, em cujo *Itinerário da Índia por Terra* até nem faltam dados a respeito da expansão da Língua Portuguesa pelas terras que ele atravessou já nos primeiros anos do século XVII.

Em certo passo conta ele como, durante a viagem de Socotora para Ormuz, o navio em que seguia teve de arribar a determinado porto da costa da Pérsia, por imposição de excessiva calma e da falta de água.

Meteram-se por terra dentro em busca da fonte onde fizessem a necessária colheita do precioso líquido. Próximo de uma povoação, Frei Gaspar e seus companheiros despertaram a curiosidade das gentes locais que se aproximaram e os rodearam com perguntas. Porém, o que ainda mais despertava a atenção indígena era o hábito de burel do bom frade, «porque nem lhes

parecia português no trajo, nem eles sabiam de que nação pudessem ser, por jamais terem outro semelhante». Em breve da fortaleza próxima saiu uma força militar. Ao ver este aparato, Frei Gaspar julgou ter chegado a hora do martírio: pediu a misericórdia divina, adiantou-se a todos e recebeu os que vinham, «com angústia e desejo que Nosso Senhor sabe» e depois, com toda a humildade que lhe foi possível abraçou lançou aos pés do chefe militar, mas este riuse e disse-lhe, *ipsis verbis*: — «Padre, quem te trouxe a esta terra tão longe da Índia?»

«Quando ouvi falar português, em parte que menos o esperava, faltou-me a voz para lhe responder e, chorando de alegria, fiquei sem ela para lhe poder falar; e ainda agora, cuido, bastarão poucas palavras para dar a entender e sentir o que eu naquele breve tempo sentia: porque as cousas que chegam á alma mais se sentem sem contá-las do que com dizê-las se entendem. Enfim, abraçou-me o capitão, dizendo que não temesse, pois estava em sua casa... E virando-se para mim disse: — Padre, eu estive já muito tempo em Goa, Chaul, Baçaim e Diu...»

Mas, como veremos, este caso não resultou de circunstância fortuita.

JOSÉ PEDRO MACHADO

CANCIONEIRO «VÉRTICE»

Dentro de alguns dias será apresentado nas livrarias o segundo volume da colecção de poesia *Cancioneiro Vértice*, editada pela prestigiosa revista cultural colimbrá do mesmo nome: o livro de poemas de José Carlos de Vasconcelos «Corpo de Esperança». Sendo um dos nossos mais jovens poetas com obra publicada e discutida, José Carlos de Vasconcelos ainda há pouco foi apontado pelo nosso colaborador José Fernandes Fafe como um renovador do neo-realismo. Deve assinalar-se, também, que já o seu primeiro livro, «Canções para a Primavera», de 1960, chamou a atenção da crítica. Entre outros, João José Cochofel escreveu em «Gazeta Musical e de todas as Artes»: «Só uma grande frescura de sentidos pode propiciar um tal deslumbramento de visão, que diríamos quase ingenuo se não soubesse muito bem onde chegar e os meios a empregar para tanto. Meios os mais simples, aliás, em que a própria simplicidade constitui a pedra de toque da autenticidade»; e na «Seara Nova», afirmou António Ramos Rosa: «Poesia de extraordinária frescura, de ímpeto avassalador, ébria de mocidade e confiança, rica de virtualidades e de qualidades formais inegáveis... «poeta bastante jovem, mas que nos revela qualidades notáveis, próprias de uma verdadeira vocação poética».

É com grande interesse que se aguarda nos meios literários o novo livro de poemas de José Carlos de Vasconcelos, integrado no *Cancioneiro Vértice*.

Se com grande interesse que se aguarda nos meios literários o novo livro de poemas de José Carlos de Vasconcelos, integrado no *Cancioneiro Vértice*.

A BIENAL DE SÃO PAULO

(Continuação da 17.ª página)

anos mais velha do que é a, o prestígio da Bienal Brasileira, ao longo destes anos, só tem feito crescer, de modo que, como a Bienal italiana, está a converter-se em ponto de encontro obrigatório dos artistas plásticos mais significativos de todo o Mundo.

Se em 1951 contava com a presença de 19 países, já na segunda Bienal este numero era duplicado, apresentando cerca de 4000 obras dos diferentes ramos das artes.

Naquela segunda mostra, a par da secção de arte moderna, estabeleceu-se o critério altamente didáctico de apresentar algumas salas com finalidade museológica, de modo a estabelecer uma ligação entre a arte do passado e a do presente, para o que se recorreu a 75 museus e 313 galerias estrangeiras. Este critério tem proporcionado ao brasileiro, ao mesmo tempo que acompanhava as últimas tendências das artes plásticas em todo o Mundo, entrar em contacto com numerosos e expressivos ramos da cultura. Dentre as exposições realizadas desde então, como parte integrante das Bienais, citaremos *A Arte Aborígine da Austrália*, *Afrescos Medievais da Jugoslávia*, *4000 Anos do Vidro* (esta, mostrando a evolução da vidraria, apresentou peças únicas, desde os tempos dos fenícios e egípcios), *Caligrafia Japonesa do Século VIII aos Nossos Dias*, *Folclore e Arte Religiosa da Baía*, retrospectivas de Klee, Mondrian, Picasso, Van Gogh, Gropius, etc.

Além disto dedicada, inicialmente, à pintura e escultura, tem vindo a ampliar-se o raio de acção das Bienais, achando-se representados nesta última, além de escultura e pintura, a arquitectura, o teatro, artes gráficas e joias. (De todas es-

sas mostras, aliás, a mais insignificante foi a do livro. Talvez porque os prémios distribuídos se destinem aos ilustradores, capistas, etc., e por não serem em dinheiro, vem sendo relativamente escasso o interesse dos editores).

Não se pode dizer que a Bienal de São Paulo tenha crescido sempre com o passar dos anos, nem se pode dizer que cada certame, tanto do ponto de vista da organização como da importância, seja um passo á frente, signifique um progresso em relação aos certames precedentes. Tem havido, ao longo destes anos, altos e baixos — o que é, de resto, natural e mesmo desejável.

Devido á própria indiscutível importância da iniciativa, não faltam os que se comprazem em assinalar os seus malefícios. Seria, dentre estes, o mais grave, a preocupação do artista brasileiro de «produzir para concorrer á Bienal». Sobre discutível, tal inconveniente me parece de pouca monta, em face dos resultados a que temos chegado: maior interesse pela obra de arte, possibilidade de discussão, espaço para o diálogo, prestígio do país, incremento da procura e da aquisição de obras de arte.

Dificilmente poderia encontrar-se lugar mais propício para semelhante mostra do que o Pavilhão Armando de Arruda Pereira. Exemplar dos mais significativos da arquitectura de Oscar Niemeyer, é por si só algo digno de ser contemplado. Com as suas rectas e ondulações, com os seus planos que se entrelaçam, as suas colunas, as zonas sombreadas e claras que se oferecem ao contemplador, esteja este no térreo ou nos andares superiores, proporcionando sempre uma visão ampla, movimentada e grandiosa, o pavilhão já predis põe a uma aproximação com as obras ali

expostas. Dentro do edifício, como que envolvido nas linhas realizadas de um jogo geométrico, o espectador é induzido a libertar-se um pouco dos seus reflexos habituais, abrir-se a estímulos insólitos, pois a atmosfera que o envolve não é a das avenidas, dos parques, dos edifícios comuns. Não está numa sala, num corredor, não se encontra num recinto fechado, mas por assim dizer flutua entre curvas e linhas que se cruzam.

Foram os seguintes os grandes premiados da VII Bienal de São Paulo: melhor pintor estrangeiro, Alan David (Grã-Bretanha); melhor escultor estrangeiro, Arnaldo Pomodoro (Itália); melhor gravador estrangeiro, Cesar Olmos (Espanha); melhor desenhista estrangeiro, Sonderborg (Alemanha); Prémio Especial Pesquisa de Arte, Yaacov Agam (Israel); melhor pintor nacional, Yolanda Mohalyi; melhor escultor nacional, Felícia Leirner; melhor gravador nacional, Roberto de Lamônica; melhor desenhista nacional, Darel Valença Lins. Grande Prémio Internacional, Adolph Gottlieb, dos Estados Unidos.

Feira Mundial do Livro

(Continuação da 17.ª página)

ciais de diversos países terão representações próprias na I Feira Mundial do Livro.

Entretanto, estão em estudo ou em preparação variadas iniciativas de ordem cultural a promover no decurso do certame, incluindo séries de conferências, colóquios, encontros de escritores, representações e declamações no «Lecture Theatre». O 4.º centenário do nascimento de Shakespeare dará motivo a alguns actos representativos no decurso da Feira, ao mesmo tempo que se projecta a realização de jornadas especiais relacionadas com as artes gráficas, a edição científica, a fotografia como ilustração, etc. Haverá também pavilhões especiais para o livro infantil, com atracções para as crianças visitantes, para a literatura culinária, para as edições desportivas e de propaganda turística, além de outros empreendimentos que serão oportunamente anunciados. Os serviços de Imprensa e de infor-

mação da I Feira Internacional do Livro estão instalados em Londres, com o seguinte endereço ao dispor dos interessados:

World Book Fair — 5, New Bridge Street — London EC4.

DINHEIRO

SOBRE PROPRIEDADES
(urbanas e rurais) e
AUTOMÓVEIS
BOAS CONDIÇÕES, RÁPIDO
E SÍGIL

ORCOSI

R. 1.º Dezembro, 45-3.º, Es.
Telefs. 367444/323172



Homem e mulher do povo

Museu da Gravura

(Continuação da página central)

fino traço, com qualidade de observação e sentido de reportagem. É isto o que mais interessa para o índole do livro: a observação viva e o quadro característico.

Quem fez estes desenhos? O livro não o indica. Quase todos trazem a subscrição da fotografia de J. Morais. Numa publicação precedente, a revista «Branco e Negro», em 1896, ilustrando um artigo, *Domínio nas Hortas*, do mesmo Alfredo Mesquita, aparecem meia dúzia dos mesmos desenhos a traço simplificado, com a assinatura de Celso Hermínio.

Seja como for, fez trabalho sério exaustivo, num panorama bem vasto da vida alfacinha na época de 1900. O banho na praia mundana de Pedrouços, a espera de touros em Carriço, o chiniquinho, a sesta e o arraial fora de portas, a mudança a pau e corda e o carro americano puxado a mulas, os vendilhões, o povo, os burgueses... Que mundo e quanta gente esquecida!...

F. R.

divulgação

LIVRARIA — GALERIA DE ARTE

Rua D. Estefânia, 46-B-C-D — LISBOA

INAUGURAÇÃO A 14 DE MARÇO

ROOSEVELT

fez o primeiro discurso pela televisão

Foi o presidente Franklin Roosevelt o primeiro chefe de Estado que fez um discurso pela TV, em 1939, durante a Feira Mundial de Nova York.

Esse memorável discurso do grande estadista foi, então, transmitido para receptores colocados a 50 milhas de distância.

Cada qual deve ter

cama para o seu tamanho!

Recomendando a sua campanha, desencadeada em 1938, o conde de Harrowby, proclamou, há pouco, em Londres, na Câmara dos Lords, a imperiosa necessidade de se fazerem as camas mais compridas. Lamentou o triste infortúnio das pessoas altas, pois, se querem camas mais compridas, têm de se haver com os donos das lojas de mobílias, os quais, além de só terem camas do modelo normal, pretendem convencer o cliente de que pedir camas mais compridas é exagero luxuoso e, talvez até, sintoma de mau feitio, e se recorrem aos préstimos do marceneiro, este entende que cama de encomenda, e ainda por cima mais comprida, é, sem dúvida, orientalismo, requinte de grande senhor de Bizâncio — e aumentam o preço. E afirmou em plena Câmara:

— Têm de acabar a tirania das pessoas miúdas e o preconceito dos marceneiros. Quem quer que tenha mais que 1,80 m de altura já não há-de poder gozar uma boa noite de sono!

Um museu

de instrumentos musicais com dois mil anos

O Instituto Científico de Música da Universidade de Göttingen organizou um museu de instrumentos musicais com cinco milénios. São hoje 2000, ainda em estado de uso. Entre os mais antigos incluem-se harpas e líras oriundas de escavações egípcias, datando de 5 a 4 milénios antes de Cristo. Entre as peças mais recentes, há instrumentos mecânicos, descobertos durante as duas últimas guerras mundiais.

OS VESPEIROS

das grandes cidades

O presidente Johnson propôs a criação de «vilas totalmente novas» nas quais milhares de famílias norte-americanas possam viver e trabalhar em sossego, longe do bulício perturbador das cidades que são grandes vespeiros humanos.



— Esta sua proposta mostra que você é corajoso, atrevido e que está despedido!

2.º Salão de Antiguidades

Depois do êxito verificado no certame anterior, a Associação Industrial Portuguesa decidiu organizar este ano, de 4 a 21 de Abril, o 2.º Salão de Antiguidades, a fim de contribuir para o desenvolvimento do comércio de antiguidades e promover o gosto do público por estas manifestações de elevado sentido artístico e cultural, ao mesmo tempo que proporciona a concretização de contactos úteis entre os negociantes da especialidade e os prováveis compradores.

A interessante iniciativa concretizar-se-á nos amplos e modernos pavilhões da Feira Internacional de

Lisboa, que assim, e mais uma vez, vai ser um centro de movimentado convívio social. Tomando como base o expressivo número de visitantes registado em 1963 e a afluência de inscrições dos diferentes «stands» já verificada, muito superior ao 1.º Salão, é de crer que vamos assistir, dentro de semanas, a outra espectacular realização no âmbito da F. I. L.

Gravadores de som

JORGE GONÇALVES

Av. 1 de Outubro, 33-1. andar

— HERDADE DENOMINADA «FERROS», COM A ÁREA DE 110 HECTARES, SITA NA FREGUESIA DO SALVADOR

SERPA LEILÃO JUDICIAL

DIA 1, PELAS 15 HORAS

Por determinação do Meritíssimo Corregedor da 5.ª Vara Cível da Comarca de Lisboa, nos autos de execução pendentes na 2.ª Secção, contra João Diogo Gomes Parreira Cano e esposa, será posta em praça, no próprio local, a herdade acima indicada, a qual se encontra descrita na Conservatória do Registo Predial de Serpa sob o n.º 5447, do L.º B-12 e inscrita na matriz rústica sob o art.º 8 — Secção F e na matriz urbana sob o art.º 180.

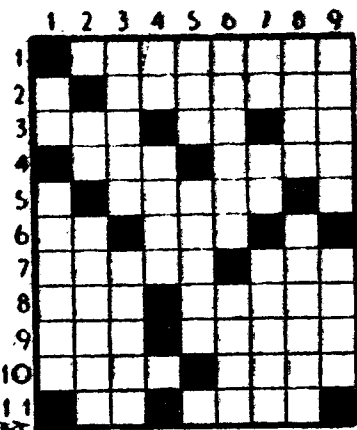
A LEILOEIRA, LDA.

Avenida 5 de Outubro, 23, 1.º - LISBOA - Tels. 45934-46259

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 3310



HORIZONTAIS: 1 — Ilhas do Mediterrâneo, pertencentes à Espanha. 2 — Ventre. 3 — Estar. Aspecto. Símbolo químico do rubídio. 4 — Oceano. Santo padroeiro dos ourives. 5 — Determina. 6 — Prefixo que designa afastamento, oposição. Origem. 7 — Prejudicial. Bases. 8 — Incipiente. Haste de letra. 9 — Altar. O escolar. 10 — Rio de Moçambique, afluente do Indico. Queiram muito. 11 — A mim. Utilizam.

VERTICAIS: 1 — Carta de jogar. Pisas. 2 — Preposição. Gritam. 3 — Patenteiem. Brando. 4 — Nota de música. Folhagem. 5 — Época. Símbolo. 6 — Afaste. Pronome pessoal. 7 — Graceja. Além. Fêmea do açafrão, do gavião ou do esmerilhão. 8 — Doente. Experimentem. 9 — Erudita. Partem.

Resolheu completamente este problema?

Procure agora em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 3309

HORIZONTAIS: 1 — Diana. Ali. 2 — Irar. Cor. 3 — Amo. Adejo. 4 — Esas. 5 — Alais. 6 — Espan-tou. 7 — PATRÃO. Ir. 8 — In. Os. 9 — Atas. FORA. 10 — Os. Ai. Um. 11 — Atrasa.

VERTICAIS: 1 — DIA. Sépia. 2 — Irmã. SANTO. 3 — Aio. Apt. Asa. 4 — NA. Claros. 5 — Ara. Anãs. Ar. 6 — Deito. Fia. 7 — Aceso. Pó. 8 — LOJA. Ul. Rua. 9 — Iroso. Roam.

Provérbio: PATRÃO FORA, DIA SANTO NA LOJA.

CADEIA PENITENCIÁRIA DE LISBOA

CONCURSO PARA FORNECIMENTO DE PAPEIS

O prazo para entrega das propostas para o fornecimento de papéis, cartolinas e envelopes, durante o ano de 1964, será até às 15 horas do próximo dia 12 de Março. A abertura das propostas realizar-se-á meia hora depois.

O CONSELHO ADMINISTRATIVO

NOVA MODALIDADE

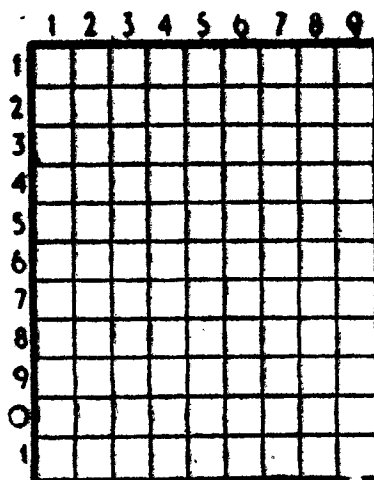
Problema n.º 7155

HORIZONTAIS: 1 — Cidade de Espanha. Ser. 2 — Rezava. 3 — Reis. Filieira. Interjeição madeirense de nojo. 4 — Agora. Lista. 5 — Cura. Enrubescer. 6 — Povo que habitava o Peru antes da conquista espanhola. 7 — Nome de duas constelações. Pêlos de certos animais. 8 — Pronome pessoal. Chiste. 9 — Artigo definido. Preposição. Vi. 10 — Descobridor do caminho marítimo para a Índia. Elevada. 11 — Artigo definido. Chefe etíope. Preposição e artigo definido.

VERTICAIS: 1 — Venenosa. Navega. 2 — Senhora. Custures. 3 — Rio afluente do Mansoa. Cantigas. 4 — Agora. Espaço de doze meses. Igual. 5 — Genro de Maomé. Compartição. 6 — Nome de mulher. Oxido de cálcio. Chefe etíope. 7 — Em a. Rosáceas. 8 — Tempo do verbo ir. Pula. 9 — Desaparecera no espaço. Cidade da França.

Solução do problema n.º 7154

HORIZONTAIS: 1 — Amora. 2 — Ró. Ave. Ur. 3 — Ora. Ivã. 4 — Camaradas. 5 — Aral. Rase. 6 — Raras. 7 — Ris. 8 — Ada. Ura. 9 — Con-



versas. 10 — Troa. late. 11 — Aa. Lua. As.

VERTICAIS: 1 — Trocas. Acta. 2 — Orar. Adora. 3 — Amar. Ano. 4 — Má. Alar. Val. 5 — Ovar. Rime. 6 — Ré. Aras. Ria. 7 — Idas. Usa. 8 — Uvas. Grata. 9 — Frases. Ases.

A VIDA AVENTUROSA DE MARCO POLO 36



DEUSES E DEMÓNIOS DA MEDICINA

por FERNANDO NAMORA



OSWALDO CRUZ

O médico que salvou o Brasil

Desratização a todo o custo, mesmo que dela se aproveitassem os intrujões; guerra à peste, à febre-amarela, à varíola — mesmo que os ouvidos já não pudessem suportar o disco enervante de «só tem varíola quem quer», sobrepondo-se, precedendo ou rematando os estribilhos, igualmente enervantes, sobre os outros morbos que tinham de ser expulsos do Brasil. Qual, afinal, o pesadelo maior — a doença ou as vesânicas de Gonçalves Cruz? Os dissidentes políticos da governança reúnem todas as adesões, exploram até ao sabugo a impopularidade da vacinação e empurram a malta para um bernarda armada que toma o nome de «revolta da vacinação obrigatória». A 13 de Novembro de 1904, enxames de estudantes, de mulheres e sobretudo de vadios, alistados por caciques, desfilam em direcção ao palácio presidencial onde os esperam oradores e chefes de banda. Fora com a vacina obrigatória! Fora com Oswaldo Cruz!

É o prenúncio da revolução. A polícia desfaz o motim, prende uns tantos mais insubmissos, mas, no dia seguinte, enquanto se aguarda um conselho de ministros que decida, definitivamente, sobre a vacina, o povo levanta barricadas nas ruas e recebe a polícia a tiro. Bandos de agitadores apedrejam lampiões, derrubam eléctricos, ateam

incêndios ao acaso da fúria e dos ódios. Em seguida, explode um levante militar. Encabeçados por um general, um senador e dois deputados, os cadetes da Escola do Exército marcham sobre o Catete, e os amigos do presidente rogam-lhe que se oculte no primeiro abrigo. Rodrigues Alves recusa: «O meu lugar é aqui!», e enquanto Oswaldo Cruz lhe propõe de novo a sua demissão, despede-o com a seguinte ordem: «Regresse ao seu posto e prossiga no caminho que traçou».

A sedição termina com a debandada dos militares. No entanto, moradias e lojas continuaram a ser saqueadas e a casa de Oswaldo Cruz, alvo apeteído dos desordeiros, teve de ser protegida, noite e dia, por médicos e estudantes de medicina, que, revezando-se, chamaram a si a defesa do seu odiado mas heróico confrade.

VI
Após tantas peripecias, discórdias e rancores, mudara a face do Rio de Janeiro. Mudara a face do Brasil. Os casos de febre-amarela eram já raridade, a varíola desaparecera do obituário. A cidade dos pardieiros, dos logradouros imundos, dos pântanos, dava lugar a uma urbe moderna, limpa, que engenheiros audazes, instruídos nos princípios sanitários, faziam crescer e a que o povo dava agita-

ção e prosperidade. O Rio podia ser já demandado pelos navios estrangeiros, o comércio marítimo florescia, estimulando o Brasil a conquista do futuro, a população aumentava como em terra prometida: o labéu de pouso maldito fora apagado.

Mas, ganha a batalha. Oswaldo Cruz logo projectou uma remodelação sanitária que chegasse a todos os recantos do Brasil e, a fim de se documentar, embora as viagens marítimas o perturbassem tanto que chegava a vomitar sangue, armou um laboratório flutuante a bordo de um vaporzeco, e eil-o em direcção ao Norte, fazendo escalas em todo o litoral mais fustigado pelas epidemias. Na Câmara aludiam à inspecção como um cruzeiro de recreio, com que «príncipe da ciência» se mimoseara, escoltado de pandegos e bons cozinheiros. A jornada durou sessenta e oito dias e representou uma ruptura com toda a burocracia incompetente e rotineira, que apreciava os problemas da higiene pública a milhares de quilómetros. No regresso, Oswaldo Cruz continuou a pugnar pela vacinação em massa. Profetizava que a varíola atingiria cada vez maiores proporções se o Governo se deixasse enredar nas artimanhas da oposição. «Um país civilizado não pode ter na sua estatística mortuária a ru-

brica — varíola». No ano seguinte, Oswaldo Cruz completa o seu inquerito à realidade médico-social do Brasil, viajando pelos portos do Sul. Por todo o lado o desamparo é o mesmo. Por todo o lado a doença é a erva ruim que come a seiva de uma terra ávida de procriar.

Por fim, no histórico 8 de Abril de 1907, o director de Saúde pôde dirigir ao Governo a mensagem em que considerava finda a tarefa de erradicação da febre-amarela. Como um soldado vitorioso, cabia-lhe dizer a mais breve e eloquente das frases: missão cumprida. O Rio emudeceu, e nesse espanto o jubilo misturava-se com a vergonha. Mas se a opinião pública era instável, se podia ser cruel e injusta, também podia ser generosa: e ao reconhecer, embora tardiamente, quanto devia a esse homem injuriado, não soube que fazer para o redimir. Oswaldo Cruz foi enaltecido como o bem-amado benfeitor da cidade e as suas prédicas ouvidas e acatadas com devoção. O presidente dispunha-se a honrá-las, a recompensá-las; Oswaldo Cruz, porém, nada aceitou como prémio dos seus serviços. Uma única pretensão: que a granja de Manguinhos se tornasse um grande centro de estudos científicos.

Convidado no mesmo ano a participar do Congresso Internacional de Higiene, a reunir-se em Berlim, o relatório que apresentou sobre a profilaxia das doenças tropicais impressionou profundamente. Na véspera do encerramento do Congresso, a imperatriz Vitória conferiu ao Instituto de Manguinhos a Medalha de Ouro, pela primeira vez outorgada a uma instituição estrangeira. Da Alemanha, Oswaldo Cruz segue para os Estados Unidos e para o México, onde ia decorrer a II Convenção Sanitária das Repúblicas americanas. Recebido por Teodoro Roosevelt, que planeava uma visita de cortesia da esquadra ianque ao Rio de Janeiro, ao ser-lhe perguntado se os 15 000 marinheiros correriam perigo de contágio da febre-amarela, respondeu com sobranceira:

— Os vossos marinheiros estarão ali tão seguros como em Nova York.

No regresso, a Academia brasileira de Medicina decide nomeá-lo seu membro e glorificá-lo. É recebido entre flores e aplausos, como os heróis. No seu discurso, divulga ao mundo os trabalhos de Chagas, de Provaseck, de Henrique Avagir — primeira safra de uma fecunda lavoura do seu Instituto, que, por

decreto, passa a denominar-se «Instituto de Patologia Experimental» e, logo depois, «Instituto Oswaldo Cruz». Também a Academia de Letras o acolhe e com esta saudação: «Vós sois como os grandes poetas que não fazem versos: nem sempre estes têm poesia e ela sobeja na vossa vida e na vossa obra».

A luta, porém, deixara-lhe fundos vínculos. Ainda não tinha quarenta anos e dir-se-ia um velho, embranquecido, gasto e enfermeiro. Agora que já não precisava de enfrentar os homens para vencer a doença, o seu organismo rendia-se, subitamente, às canseiras. No entanto, nem por tal abandonara a direcção do Instituto, cujos investigadores começavam a ser solicitados por vários países mais evoluídos, e nem amolecera no desígnio de legar ao Brasil uma armadura sanitária à medida da sua grandeza e dos seus problemas de nação jovem, dispondo-se a uma peregrinação, dessa vez nas regiões pantanosas do Amazonas, a perseguir o endémico paludismo — mas, quase cego e inválido, de coração débil, a família intercede junto do presidente para que o convençam a abandonar a directoria de Saúde.

Assim se fez. Ele, porém, corre ainda Ceca e Meca a representar a medicina brasileira, em Dresden, aquando da Exposição Internacional de Higiene, em Montevideo, na Convenção Sanitária, no México e por aí fora, onde possa averiguar de novas ideias e de novos instrumentos no combate às moléstias que depauperam as energias e a alegria de viver.

Entretanto, sucedem-se as Aca- demias e as instituições que o inscrevem entre os seus pares e recebe o oficialato da Legação de Honra francesa. A sua obra era não só os muitos escritos que legara à medicina, mas, sobretudo, um Brasil restaurado na sua vitalidade e na sua confiança. Urgia fazer retirar esse batalhador sem domingos para uma estância de repouso, onde recobrasse o vigor tão delapidado, já que parecia difícil levá-lo a ceder de vez. Alguém sugere Petrópolis, o oásis serrano das hortênsias e das rosas, que aguarda Oswaldo Cruz como prefeito da cidade. Por curto tempo, porém: a doença seguia o seu curso inexorável. E a 11 de Fevereiro de 1917, aos quarenta e quatro anos, morria esse leão de juba de prata. O Brasil cobriu-se de luto. Ao terminar a agonia, que foi lenta, Sales Guerra disse:

— Foi o homem mais perfeito que jamais conheci.

1864 1964



CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

S. A. R. L.

RUA AUGUSTA, 237 — LISBOA

CONDIÇÕES ESPECIAIS DE HIPOTECA
PARA A AQUISIÇÃO DE

HABITAÇÃO PRÓPRIA

SEMANA DE MADRID

por MANUEL RIUTORT

DE colaboração com o Instituto de Estudos Políticos, a Editora Nacional publicou a segunda edição de «El Nuevo Estado español».

PARA comemorar o centenário do nascimento do que foi fundador e primeiro director da Orquestra Sinfónica de Madrid, Enrique Fernandez Arbós, celebra-se um concerto dirigido por Spiteri.

ANUNCIOU Bartolomeu Soler, para breve, a sua retirada das lides literárias. Diz que já cumpriu a sua missão como escritor.

PARA o jornalista e romancista Castillo Puche foi o prémio «Fraternidade Hispânica», correspondente a 1962, no valor de cem mil pesetas.

NO Teatro Maria Guerrero está «Eva, tras el blombo», de An-

gel Escárzaga — um jovem vanguardista intransigente. Obra de fraco agrado, onde se nota grandemente a influência de Becket e de Ionesco.

APARECEU uma nova edição de «La Colmena», de Camilo Cela.

DIZ-SE que o antigo Café Levante, com tradição literária, já foi vendido e não se sabe o destino que lhe darão os novos proprietários.

ENTRE as figuras que recebem a placa de membros titulares do Instituto de Cultura Hispânica figuram Alonso Fucyo, director do «Arriba», Sentis Anfrus, director da Agência Efe.

CERCA de duzentos projectos apresentaram-se ao concurso internacional para a construção do novo teatro de ópera.

MUSEU DA GRAVURA

SUA GENTE É LISBOA...

Julio César Machado, Luís Augusto Palmeirim, Beldemónio, Alfredo Mesquita, e outros ainda, em suas crônicas da vida lisboeta, são hoje uma recordação literária quase desvanecida. Falando de artistas e a quantos Lisboa e a sua gente têm servido de tema, dispersa-se a sua obra pelo retalho das coleções, sem que algum dia, se nos tenha deparado num conjunto expositivo a personalidade e o

embora o «agradável embrechado» pouco precisamente pela desigualdade dos matizes. Mas há, na realidade, respigos de qualidade, apontamentos da vida popular, narrativas e descrições que merecem, decerto, maior destaque do que esta modesta referência. Mas não é isto que nos ocupa.

«O desenho e a gravura fizeram aquilo que a melhor descrição nunca poderia conseguir» diz-nos o



ambiente de uma época citadina. E falando do escritor e do ilustrador e artista, ainda estamos esperando pela sua feliz associação numa obra inspirada, em que a psicologia e a estética da cidade vivam do resabão saboroso da sua gente. Não será talvez exigir muito...

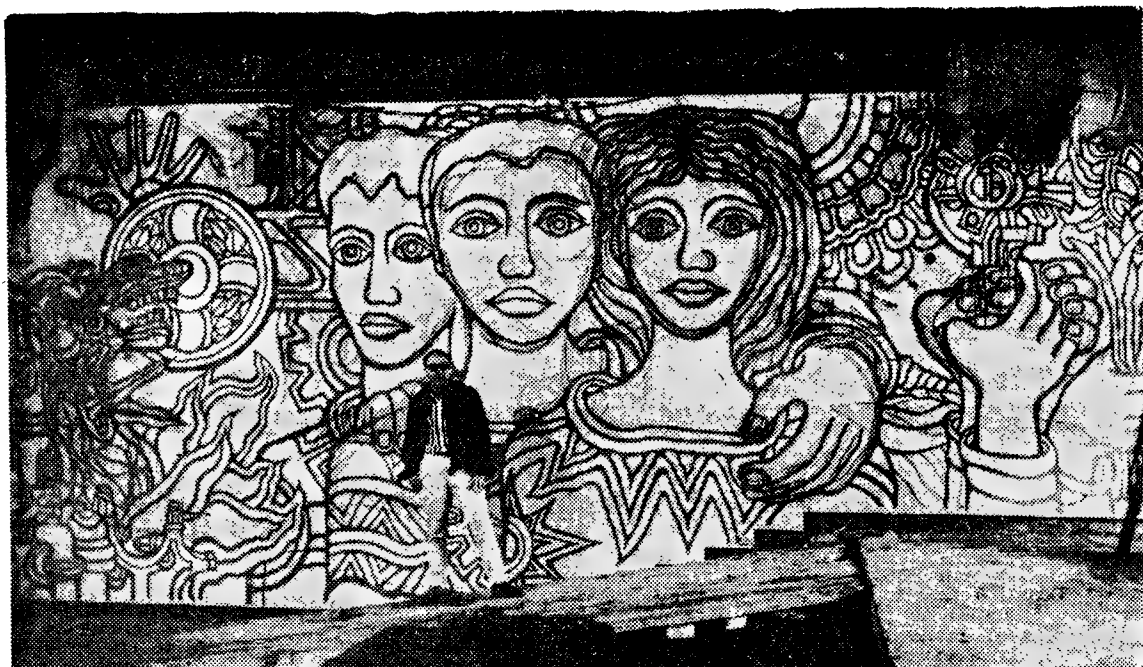
Alfredo Mesquita, tentou fazê-lo, no princípio do século, no livro «Lisboa», um volume de 600 páginas publicadas em 1903. Não realizou decerto uma obra inspirada... É mais uma compilação maciça de materiais, que o autor justifica no prefácio como correspondendo à ideia de uma monografia da cidade, descritiva, histórica, crítica e artística, de que «resultou um agradável embrechado de tudo quanto o compilador encontrou de raro e curioso, de tudo quanto de pessoal e inconfundível no testemunho de quantos escritores, nacionais e estrangeiros, têm descrito e comentado sob os mais variados aspectos a capital portuguesa. Tudo quanto revelasse justa observação, desapaixonada crítica, arte de paisagista, espírito anedótico, paralelos de tourist. Traço seguro de desenho, comentário vibrante mas sucinto, resumindo em incisiva anotação as grandes coisas e os grandes factos, que não seria possível abordar sem correr o risco de explanações e dissertações que o plano não comporta».

Está aqui, de facto, todo o plano do arranjo de Alfredo Mesquita,

autor no seu prefácio. E, neste propósito de espalhar cerca de 400 vi-
nhetas nas 600 páginas do livro, há seguramente um sentido esforçado de reforço estético que seria ocioso destacar. É claro que, nesta infinidade de desenhos, há muita banalidade, falta de espírito e pitoresco. Mas também há outros de

(Continua na 19.ª página)

Dois desenhos da obra «Lisboa Ilustrada»: em cima, «Num lavadouro público em Alfama»; em baixo, «Um ca-
so de rua»



Pormenor do estudo de Francisco Relógio para o mural do novo edifício do Banco Nacional Ultramarino, em Lourenço Marques. Trata-se de um desenho, gravado em mármore, de monumentais dimensões: 67 metros de largo por 4,30 de alto. O tema deste mural, cujos sulcos serão pintados, é ambicioso: mostra-nos o nascimento do Universo — estrelas, flores e mulheres —, a criação dos mitos, o encontro dos homens e suas transacções, as Descobertas, a Revolução Industrial e suas consequências e ainda, a eperança da juventude. A presença do artista junto deste pormenor dá-nos uma ideia das proporções do trabalho, que deverá estar concluído em fins de Abril. Foi para terminar este mural — o maior da sua carreira de artista — que Francisco Relógio partiu há dias, por via aérea, para Moçambique

ESCAPARATE

Autores portugueses

(De 19 a 26 de Fevereiro de 1964)
Título — «Pe. António Vieira».
Autor — Hernani Cidade.
Editora — Editorial Arcádia.
Coleção — A Obra e o Homem, n.º 13.
Número de páginas — 277.
Preço — 30\$00.

Título — «Monólogos».
Autor — Eduardo de Oliveira.
Editora — Edição do autor — Porto.
Número de páginas — 287.
Preço — 25\$00.

Autores estrangeiros

Título — «A Evolução das Artes».
Autor — Gillo Dorfles.
Tradutor — Baptista Bastos e David de Carvalho.
Editora — Editorial Arcádia.
Número de páginas — 338.
Preço — 50\$00.
Título — «Nossa Senhora de Paris».
Autor — Victor Hugo.
Editora — Editorial Minerva.
Coleção — Biblioteca Popular Minerva, n.º 26.
Número de páginas — 211.
Preço — 12\$50.

Título — «Onde estará a verdade sobre a morte de Kennedy?».
Autor — James Fulton.
Editora — Edição do autor.
Número de páginas — 131.
Preço — 30\$00.

Título — «Da Arte do Teatro».
Autor — E. Gordon Craig.

Uma generosa oferta literária brasileira

Segundo notícia oficial, o Serviço de Expansão e Propaganda anexo à Embaixada do Brasil em Lisboa («Sepro») obteve da Fundação para o Livro do Cego, da qual o país, oferecendo-as à Biblioteca para Cegos instituída pela Câmara Municipal de Lisboa, algumas admiráveis edições brasileiras em Braille: «A Capital», romance de Eça de Queiroz (três volumes); «O Velho e o Mar», de Ernest Hemingway, e o «Evangelho de São Lucas».

Justifica especial referência e louvor esta iniciativa do «Sepro», que vem valorizar o património de leitura para cegos no nosso País e sugerir a realização em escrita Braille de outras obras primárias das literaturas portuguesa e brasileira.

Tradutor — Redondo Jr.
Editora — Editorial Arcádia.
Coleção — Teatro, n.º 6.
Número de páginas — 320.
Preço — 45\$00.

Título — «O Retrato do Coronel».
Autor — Eugène Ionesco.
Tradutor — Carlos Cunha.
Editora — Editorial Arcádia.
Coleção — Encontro, n.º 32.
Número de páginas — 226.
Preço — 35\$00.

Título — «Longa Caminhada».
Autor — William Styron.
Tradutora — Joana Fradique.
Editora — Editorial Minerva.
Coleção — Catavento / Minerva, n.º 7.
Número de páginas — 164.
Preço — 15\$00.

● No decurso de 1963 foram editadas em cerca de 9000 obras em língua castelhana, apenas 208 em catalão e dez em basco. As edições abrangem 1898 obras, das quais 69 em francês, 593 do francês e 19 do russo. O jornal «O» que divulga esta informação, não indica o número de obras traduzidas do português — que, segundo as próprias fontes, quer brasileiras, oportuno conhecer esse número para se ter uma melhor da notória insignificância do interesse literário e cultural entre o nosso País e a língua portuguesa.

● No ensaio intitulado «Balzac the European» (Sheed & Fard, Londres), o escritor J. Oliver propõe-se percorrer um longo caminho ao lado de Balzac, que é apresentado ao leitor como um autêntico microcosmo, genuína encarnação da Europa do século XIX. As páginas do livro, conseguinte, buscam reflectir o mesmo tempo, obra, uma época e uma personalidade. Balzac no contexto de uma vasta evolução cultural de que foi um dos mais expressivos intérpretes.

● A Suíça compartilhou do interesse que foi celebrada em todo o Mundo a personalidade original de Cocteau, depois da sua morte recentemente, no mês de Outubro de 1962. Jean Cocteau aceitara desempenhar o papel de declamador na «História do Soldado» de Ramuz e música de Strawinsky. O disco acaba de ser gravado em homenagem ao morto. Salienta-se, em geral, a sensibilidade de Cocteau ao ler o texto de Ramuz. (Grammophon Philips).

● Foi há pouco anunciado que a Editora Brasileira vai lançar um volume de sete novelas de sete escritores de primeira ordem. Colaboram nesta obra: Guimarães Rosa («Chapéus de Transeuntes»); Otto Lara Rezende («O Caçador de Rolinhos»); Mário de Sá-Carneiro («O Canivete»); Guilherme de Figueiredo («Ad Ennium Silvarum»); José Condé («O Crisântemo»); e o Beato Torquato M. de Jesus.

LIVROS DO BRASIL APRESENTA O MAIS SENSACIONAL BEST-SELLER DOS ÚLTIMOS TEMPOS:

Col.
DOIS
MUNDOS
55\$00

OS PATRIOTAS de JAMES BARLOW

A HISTÓRIA DRAMÁTICA, INTENSA E VIOLENTA DE DOIS EX-PARA-QUEDISTAS QUE ENVEREDAM PELO CRIME

TRADUZIDO EM 10 LÍNGUAS «Um romance radicado na realidade... um autor que se preocupa com os seres humanos e faz nascer em nós a mesma preocupação».

Richard Lister (Evening Standard)

ANÁLISE SOCIAL

UMA REVISTA UNIVERSITÁRIA DE TEMAS SOCIAIS

À venda o 5.º número

CABINETE DE INVESTIGAÇÕES SOCIAIS DO I. S. C. E. F.

Música regional portuguesa

(Continuação da 17.ª página)

nor ou maior valia dos documentos e a proveniência do seu conteúdo. A recolha dos documentos para a elaboração do disco dedicado à província do Minho — com uma pequena incursão pelo Douro Litoral — não foi no conjunto tão dificultosa como o foi a recolha na província de Trás-os-Montes, nem tão dificultada pelo deslocamento como a recolha no Algarve. Aconteceu, como escreve Michel Giacometti na sua belamente apresentada e seriamente informativa edição, que «os coros mais impressionantes que nos foi dado escutar foram, sem dúvida muito paradoxalmente, recolhidos em localidades situadas nas proximidades das grandes vias de comunicação e vizinhas de centros como Ponte de Lima e Barcelos». E Michel Giacometti prossegue, chamando a nossa atenção para uma das primeiras dificuldades da sua prospeção, que foi «descobrir, onde menos o esperávamos, essas áreas, em que, sem razão visível, perduram cantos que, provindo de épocas longínquas, assimilaram todas as influências e saíram argamassados das entranhas populares». Tinha começado por dizer-nos que: «As duas dezenas de espécimes musicais que constituem este disco foram seleccionados e estudados pelo nosso colaborador Fernando Lopes Graça dentre mais de cento e cinquenta documentos, que representam oito horas de música gravada em quarenta e cinco das setenta e duas localidades no passado Verão prospectadas, no decurso de um longo e difícil inquérito que nos levou a percorrer uns 8000 quilómetros». E, como se nos afigura ser de facto o mais natural, «alguns exemplos importantes da recolha provêm das zonas isoladas das serras do Soajo e do Gerês».

Michel Giacometti deve estimar que mencionemos as suas honrosas referências a Virgílio Pereira e a sua homenagem ao autor do *Cancioneiro Minhoto*, Gonçalo Sampaio, a cuja memória dedica o presente disco, associando a Gonçalo Sampaio «as cantadoras de S. Martinho do Crasto, que foram nossas informadoras — camponesas de rosto quais medalhas cunhadas no metal de uma vida rude, que nos ofereceram... estes cantos de um longínquo passado e como que dilacerados por gritos violentos da realidade».

Só testemunham da fama que a expressão musical minhota alcançou como sendo animada e risonha, os dois pequenos trechos instrumentais. Ficam bem no disco, quebram o peso de uma sensibilidade afinal com vários aspectos, mas quase todos acentuadamente ma-

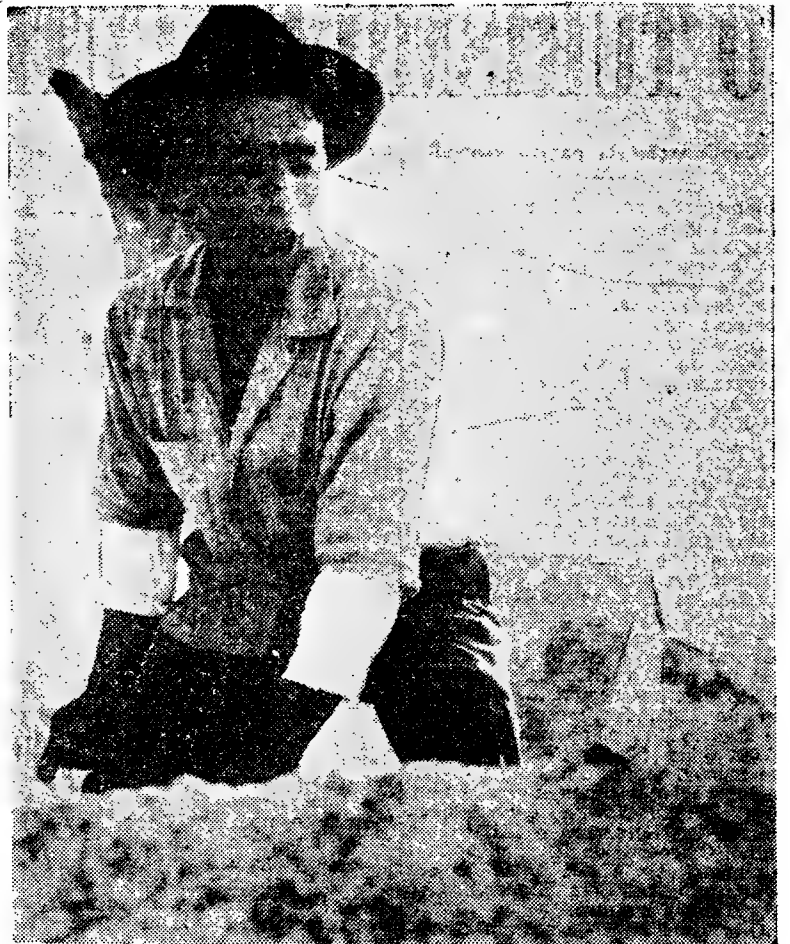
goados. A particularidade mais saliente da música regional minhota, como nos é apresentada aqui, é o seu emprego de uma polifonia que se sobrepõe em intervalo de terça superior, sobre um canto já iniciado, seguindo-se a entrada de uma terceira voz, a terça inferior, o que cria um encadeamento de acordes de 5.ª paralelos. Aproveitando-se desta escrita e submetida a uma tensão melódica nascida de um forte sentido dramático, a mais bela peça da colecção, ou uma das mais belas, pelo menos, é o n.º 18, intitulada «Ai, sim», mas que começa pela despedida «Adeus que me vou embora» — prefiguração do êxodo dos homens de que as mulheres se lamentam actualmente, a que Michel Giacometti se refere, e que as traz «no luto da ausência». Todos os coros da colecção são cantados por mulheres. A conta das Cantadoras de S. Martinho de Crasto, estão pelo menos quatro: esse «Ai, sim», precedido da «Senhora do Alívio», de uma dramatização idêntica a despeito do texto, bem assim como a «Rosinha» e a «Encomenda das almas». Outro grupo de informadoras tem a seu cargo a «Canção do Sameiro» e «Alegre cantemos» (que de alegre só tem o vocábulo), de uma escrita idêntica, mas com ainda muito mais acentuadas instabilidades de afinação; há casos onde se admite que seja intencional, noutros não cremos que seja outra coisa do que uma exasperação fisiológica, que vem de qualquer modo reforçar o dramatismo da execução. A leveza sorridente do n.º 12, «Segadinhas», constitui uma excepção. Os rastos de uma harmonia funcional numa escrita mais evoluída são manifestos nos esplendores coros, quais corais, «Os tristes filhos» (n.º 6), que é uma canção de reis, e no n.º 20, propriamente intitulada «Canção de reis».

Mas para além do interesse intrinsecamente musical, existe no disco uma documentação ainda mais palpitante, mais alargadamente étnica e ética. Logo de entrada, deparamos com a «Cantilena do pedreiro». Nada convém melhor do que novamente recorrer às notas que comentam os textos: «Canto de trabalho, constituído essencialmente... por simples interjeições adaptadas a uma bela melopeia de ritmo entrecortado, funcional, e destinada a «pegar o calhaus» ou «correr ao calhaus». Os ruídos acessórios da manobra da ferramenta e das interpelações, infiltrados na cantilena em que se encontra nitidamente o jogo simples entre tónica e dominante, tornam esta cena mais viva, com outra fibra e outro sangue, do que uma imagem no «écran». O n.º 4, «As santas cruzes»,

pretende ser canto, e canto só, na sua pureza monódica; mas cantado no que quer ser em unísono e não chega a sê-lo pelos dois trabalhadores da Várzea (Soajo), é um documento de perduração de fé que resume todas as procissões e todos os Autos da Paixão. O impressionante «Grito de escatilhar» (n.º 5), transporta-nos nos ermos do termo de Ponte da Barca, admitindo-se no grito actual uma descendência da imitação do relincho do cavalo, que servia a várias populações celtas como grito de guerra ou de congregação. Dos «Aboios» I e II (n.º 10 e 15), com que se afaga e se estimula os bois na sua faina, o primeiro é muito mais conveniente na naturalidade das suas inflexões — como diz a nota de Michel Giacometti e Fernando Lopes Graça: «Surpreendido ao vivo, é um belo espécime de canto funcional, parte falado, parte cantado, aliás sem demarcação perfeitamente definida entre uma coisa e outra, a fala esboçando o canto — uma espécie de embalo desenvolvendo-se no apertado limite de uma terceira maior — o canto passando naturalmente à fala: fala e canto formando unidade psicológica e estética». Como valia, colocamos este «Aboio», independentemente do seu mundo diferente de expressão, ao lado dos coros «Ai, sim», «Senhora do Alívio» e «Rosinha». O «Auto da Floripes», não é música só, mas música e teatro; os recitativos aproveitados para o disco enxertam na ingenuidade do seu artifício primário a rudeza realista do campónio. E artifício é também a «Melopeia da carpideira» (n.º 19), tão bem cadenciada na ordenação do tetracórdio em que é estruturado; provém do Soajo, como «As santas cruzes» e o «Aboio» I, e a sua executante, carpideira profissional, recebe um alqueire de centeio pela sua actuação.

«O hábito de chorar os mortos», como faz notar o comentário a «Melopeia da carpideira», «remonta ao alvorecer das sociedades». Este hábito — e muitos outros também apontados — são comuns a muitos povos. A maneira como se traduzem é que varia ao infinito. Nesta variedade nos diferenciamos todos, de acordo com uma emaranhada fusão de heranças que se perdem na noite dos tempos. Entender e cultivar o que provém dessas heranças, é, por exemplo — e entre muitos outros exemplos que só a paixão esclarecida e a abnegação podem erguer — levar a cabo a «Antologia da Música Regional Portuguesa», com a competência e a seriedade que timbram o trabalho de Michel Giacometti e Fernando Lopes Graça.

FRANCINE BENOIT



Pegando o calhaus



Cantando os «Passos» na Várzea (Soajo)

1963 foram editadas em Espanha obras em língua castelhana e em alalão e dez em basco. As traduções de 898 obras, das quais 694 do inglês e 19 do russo. O jornal «Pueblo», de informação, não indica o número de obras do português — quer portugalitadas, quer brasileiras. E seria nesse número para se ajuizar a insignificância do intercâmbio entre o nosso País e a Espanha.

Intitulado «Balmac the European», de Londres, o escritor inglês E. percorrer um longo passeio pelo mundo e é apresentado ao leitor como o cosmo, genuína encarnação da XIX. As páginas do livro, por a reflectir, mesmo tempo, uma e uma personalidade, situando de uma vasta evolução social foi um dos mais expressivos in-

dade de Caruaru, Pernambuco, em 1927); e Lygia Fagundes Telles («Gaby»). O volume é precedido de uma apresentação de Enio Silveira, na qual se faz a análise psicológica e estética do pecado.

● Na cidade universitária alemã de Marburgo tem a sua sede a grande biblioteca para invisuais sob a direcção do professor Carl Strehl. A biblioteca empresta fitas magnetofónicas, nas quais se gravaram livros do domínio da literatura, da ciência e das artes. O novo catálogo da Livraria Auditiva Alemã para invisuais contém 674 obras, figurando entre elas títulos importantes da literatura mundial clássica e moderna: livros de William Faulkner, Heinrich Böll, Günter Grass, David Herbert Lawrence, Bruce Marshall, Rainer Maria Rilke, Jean Paul Sartre, John Steinbeck, Felix Timmermans, Sigrid Undset, etc.

● Uma edição singular, pelo seu significado de experiência humana e de sensibilidade, vai ser publicada em França, intitulada «Oeuvres Romanesques Croisées d'Elsa Triolet et Aragon» e vai

a conhecer enorme êxito em vários países onde já foi apresentado. Coincidindo com o acontecimento cinematográfico estão a suceder-se as reedições da obra do escritor inglês setecentista, que foi publicado em 1748 sob o título «Tom Jones or the history of a foundling» e conserva hoje toda a frescura da narração e do estilo.

● Já na ordem das celebrações do 4.º centenário do nascimento de Shakespeare proferiu o escritor e crítico cinematográfico Carlos Fernandez Cuenca, em Madrid, uma conferência intitulada «Shakespeare e o Cinema». Dezasseis obras do dramaturgo foram já aproveitadas na arte do filme, dando origem a mais de cinquenta realizações. Mesmo as peças que se afiguravam de mais difícil transposição para a tela, como «Henrique V» e «Ricardo III», motivaram filmes de grande êxito, na opinião de Fernandez Cuenca. O centenário de Shakespeare está a encontrar em Espanha, desde já, o largo eco que lhe é devido.

● Com introdução de Francisco de Assis Barbosa

racterização e maior facilidade de consulta.

● O escritor alemão Max Brod, que foi grande amigo de Kafka, pronunciou recentemente perante uma sala repleta, em Francfort, uma conferência sobre o escritor. Brod declarou que a interpretação de Kafka devia «determinar a fronteira humana que se situa entre a posição do poeta e o desespero inevitável». Seria característico de Kafka que no meio dos paradoxos e dos desesperos tentava avançar para um mundo transcendente. Na literatura moderna, Beckett não se situaria próximo de Kafka, mas seria o seu antípoda, por negar a transcendência. A confissão de Kafka seriam as frases sobre «o carro que vem do mundo eterno». Max Brod conduziu o seu auditório à cidade de Praga do período posterior à Primeira Guerra Mundial, apresentando Janáček, Urzidil e Kubin, para demonstrar o carácter de Kafka: o céptico entre os entusiastas.

● Dois livros franceses recentes têm chamado mais vivamente as atenções das esferas intelectuais: a emocionante confissão moralística e ideológica «Ce que je crois», de Jean Guhenno, que veio descobrir novos e mais largos horizontes ao célebre «Journal d'un homme de quarante ans»; e, «Parti Pris», de Jean Cassou — uma colectânea de ensaios sobre temas de literatura, de moral e de estética. Para Jean Guhenno, a atitude espiritual confessada é a do homem «incapaz de qualquer fé dogmática e irracional», e que aceita na vida a disciplina das «virtudes, exclusivamente humanas na inquietação da verdade e da justiça». Para Jean Cassou, ante um século que vive na obsessão do desespero, do terror e do apocalipse, a arte é o refúgio possível do intelectual.

● O grande ensaísta e historiador crítico espanhol Américo Castro, actualmente com 78 anos e professor exilado na Universidade de Princeton, aceitou agora o novo cargo de professor residente de literatura hispânica na Universidade da Califórnia, em San Diego. Com mais de trezentos livros e opusculos publicados, Américo Castro inicia, ao aproximar-se dos oitenta anos, uma nova fase da sua carreira de professor.

Relances do mundo literário

reunir em 32 volumes as obras dos dois escritores que constituem o matrimónio mais exemplar do mundo da literatura, demonstrando que as suas criações são inseparáveis, como o foram as suas vidas. Alguns inéditos importantes serão integrados na edição, apresentada com prefácios especialmente escritos, por Elsa Triolet e Aragon para este efeito. Uma iconografia preciosa, em que figuram composições de Picasso, Matisse, Chagall, Max Ernst, Fernand Léger, André Masson, etc., e fotografias de arte no retrato da autoria de conhecidos artistas internacionais, da especialidade; vão valorizar esta realização editorial apresentada pelo Centro Francês de Edição e Difusão.

● O célebre romance de Fielding, «Tom Jones», foi novamente transposto para o cinema e está

acaba de publicar a editorial brasileira José Olympio o volume n.º 100 da Colecção Documentos Brasileiros: «Bibliographie Brésilienne», de A. L. Garraux, que reaparece sessenta e quatro anos após a primeira edição, datada de 1898. Livro pioneiro na bibliografia brasileira, como acentua o prefaciador, a «Bibliographie Brésilienne» é, sem dúvida alguma, instrumento de trabalho utilíssimo a historiadores e pesquisadores do passado histórico, social e político do Brasil. A obra de Garraux, livreiro francês estabelecido em São Paulo na segunda metade do século passado com a famosa Casa Garraux, não é apenas mais uma bibliografia geral sobre o Brasil. O seu campo de acção é especializado, pois o autor relacionou tão-sómente livros franceses e latinos, sobre o Brasil, publicados entre 1500 e 1898, o que lhe assegura definida ca-

O TURISMO DISCUTIDO NA ASSEMBLEIA NACIONAL

(Continuação da página central)

um mercado potencial, uma grande reserva para o turismo. De resto, o desejo de descobrir novos horizontes, a evasão que leva a deixar as encruzilhadas turísticas mais batidas, favorecerão ainda as nossas perspectivas.

Disse que a compreensão das realidades do turismo em Portugal e sobretudo a ordenação do futuro desenvolvimento recomendam uma atenção detalhada pelos números, citando alguns elementos estatísticos recolhidos do «Plano de Acção Social para 1963», da Direcção dos Serviços de Turismo do S. N. I. Referiu-se ao número médio de dormidas de turistas e ao seu nível económico e à forma como se repartem regionalmente. Segundo o orador, os turistas podem distribuir-se da seguinte maneira:

— Se recorrermos à estatística dos automóveis estrangeiros entrados no País verificamos que dos 64 816 veículos registados no decorrer de 1962, pertenceram ao mês de Agosto 14 258, ao mês de Julho 10 091 e ao mês de Setembro 7208. Do mesmo modo, das 1 357 515 dormidas registadas nos hotéis e pensões 233 156 foram em Agosto, 167 709 em Setembro e 161 164 em Julho. Os meses de Inverno apenas contaram com 57 201 dormidas em Janeiro, 61 186 em Dezembro e 68 400 em Fevereiro.

O sr. dr. Nunes Barata sintetizando, depois, as ilacções que os números apresentados lhe permitiam tirar, disse que é modesta a posição de Portugal, em confronto com os outros países europeus, nomeadamente os de condicionalismos geográficos e económicos idênticos aos nossos, no que se refere, tanto no plano absoluto como no plano relativo, ao turismo.

Perspectivas dum hipotético incremento dos fluxos turísticos

Quanto às condições em que se processará o desenvolvimento do turismo nos próximos anos em Portugal, o orador afirma que tudo de-

penderá da forma «como soubermos estar à altura de uma actuação inteligente e operosa, correspondendo às exigências dos novos fluxos de gentes sequeiosas de sol, de mar, de natureza livre e de... comodidades».

Acentuou que convirá contar com os riscos da moda turística e analisou a situação relativamente a cada um dos países que tem dado maior contributo ao desenvolvimento do nosso turismo: Espanha, Estados Unidos, França, Alemanha, Inglaterra e Escandinávia. E perguntou se estaremos preparados para um hipotético incremento nos fluxos turísticos e se disporemos de instrumentos externos que o desencadeiem e de infra-estruturas internas que o justifiquem e acolham. E acrescentou:

— Concretizo, salientando dois conjuntos, cuja importância resulta, não só das relações entre os elementos constitutivos, como ainda da posição funcional que um assume perante o outro: os serviços turísticos e os bens turísticos. Os serviços turísticos dependem das infra-estruturas materiais ou burocráticas em que se apoiam. Temos, no primeiro caso, o exemplo dos transportes ou dos alojamentos e no segundo os serviços propriamente ditos, desde as agências de viagens aos guias-intérpretes. Ora será ainda todo este conjunto que afectará o êxito da política relacionada com os bens turísticos (política cultural, turismo artístico, histórico, científico ou docente, política de espectáculos ou de diversões, política de negócios (exposições, feiras ou congressos), política balnearia ou, até, política desportiva).

Dentro da orientação referida, aquele deputado abordou, então, sucessivamente, os seguintes aspectos: órgãos de política turística; meios de política turística; intercâmbio turístico entre a Metrópole e o Ultramar; planos de fomento turístico; infra-estruturas ao serviço do turismo (transportes ferroviários, rodoviários, navegação marítima, aérea e política de coordenação de transportes); alojamento e alimentação (política hoteleira, outros ti-

pos de alojamento, restaurantes e gastronomia); aproveitamento turístico dos valores culturais; relações entre o embelezamento nacional e o turismo; importância do artesanato para o turismo; turismo de negócios; o desporto e o turismo; política balnearia; a actividade particular e o turismo.

A revisão da estrutura do turismo

O orador continuou dizendo que se impõe rever a estrutura central do turismo, dar-lhe uma dignidade compatível com a sua importância e dotá-la de pessoal, em numero e aptidões, capaz de se desempenhar das múltiplas e cada dia renovadas exigências que o turismo, nos anos futuros, porá. afirmou que são notórias, no plano regional, as insuficiências do actual sistema, pois as comissões e juntas de turismo acusam a inclemência da evolução da vida e foram concebidas há algumas dezenas de anos para o nosso turismo caseiro. E acentuou:

— A modestia da sua actuação pode relacionar-se com a exiguidade das disponibilidades financeiras, a falta de servidores devotados ou especializados, a visão acanhada, por demasiadamente regional, dos responsáveis. Mas todos estes defeitos atestam que o fomento do turismo se deve enquadrar nos propósitos de ampla regionalização que hoje se impõem às mais variadas actividades económico-sociais.

Segundo o deputado avisante, neste domínio deve ter-se presente o seguinte:

— Uma definição geográfica da respectiva zona turística, provavelmente em correspondência com a região aceite para um plano de desenvolvimento económico social; a outorga à respectiva comissão regional de maior autoridade, melhor ligação aos serviços centrais de turismo, possibilitando-lhe ainda uma intervenção mais eficaz naquilo que, pela natureza dos problemas, não se pode confinar a um restrito âmbito local; a possível manutenção de órgãos locais, com mais es-

batida intervenção nos problemas regionais, mas ainda assim colaborantes ou delegados do esforço de desenvolvimento turístico regional e nacional.

Falou da presença do turismo português nos centros estrangeiros e da sua acção; preconizou um amplo intercâmbio turístico entre a Metrópole e o Ultramar; referiu-se ao desenvolvimento do turismo em Moçambique e às condições que Angola proporciona para o fomento do mesmo; frisou que se impõe a inventariação das características turísticas do território português; e afirmou que o turismo interno não pode ser descurado, sendo aconselhável a formulação de uma política turística nacional. A este respeito, disse que importa desenvolver a capacidade hoteleira; fomentar o turismo social, mediante a criação de casas familiares, colónias de férias, acampamentos, albergues e centros para a juventude, hospedarias rurais, etc.; e abrir e equipar novas regiões ou centros de turismo.

As comunicações

Fez detalhada referência ao problema das comunicações e das vias rodoviárias, sublinhando que se impõe uma ordem de prioridades na construção de novas estradas, havendo que harmonizar as grandes linhas de circulação interna com a rede europeia de estradas. Falou das comunicações marítimas e do movimento dos passageiros nos portos portugueses e analisou o problema da navegação interior, considerando-o como um belo cartaz turístico e citando o exemplo da Sociedade Estoril-Sol. Ocupou-se também das comunicações aéreas, lamentando que não tenhamos acompanhado o ritmo em que se tem desenvolvido este meio de ligação. Teve, a propósito do aeroporto de Lisboa, este desabafo:

— As condições funcionais da aerogare são, de um modo geral, péssimas: instalações acanhadas, incómodas e deficientes; movimentação do tráfego ilógica, morosa, confusa; apetrechamento técnico pouco mais que rudimentar; e, caso que em aeroportos internacionais deve ser quase único, não existe no de Lisboa uma sala de trânsito. Os procedimentos de despacho de passageiros, da bagagem e da carga, dos próprios aviões e dos seus tripulantes, são, na generalidade, complicados, pouco conformes com o espírito de simplificação lógica que deve estar na base de uma política de facilidades, porquanto se regulam em grande parte, por regulamentos ultrapassados, cuja actualização é, consequentemente, urgente.

Disse que se impõe a construção de um novo e grande aeroporto, bem como a elaboração de um plano de aerodromos que constituíssem no País, a desejada rede que permitiria o acesso do avião, ou a sua utilização em carreiras regulares, a algumas regiões ou centros urbanos. Ponderou a necessidade de se proporcionar bom alojamento e boa alimentação, tendo feito um exame da nossa capacidade nas várias regiões do País. Declarou ser indispensável programar uma rede de restaurantes a abrir por todo o território e encarar o problema da formação de profissionais da indústria hoteleira, impondo-se também uma política de fomento do turismo vinícola. Referiu-se particularmente ao caso das conservas de peixe e à questão das frutas e, no que respeita ao aproveitamento turístico dos valores culturais, disse que será de justiça dar conta da adaptação de castelos e palácios a estabelecimentos hoteleiros; da obrigatoriedade de passagem, nos circuitos turísticos, por lugares históricos; da instrução dos guias-intérpretes com vista à divulgação dos nossos valores culturais; de algumas exposições artísticas, etc.

Conclusões

Depois de focar a importância do artesanato, das manifestações culturais e da criação de parques desportivos, bem como do aproveitamento das praias e das estações termas, o sr. dr. Nunes Barata apresentou as seguintes conclusões, como colaboração para a batalha do fomento do turismo que se tem de travar em Portugal:

— Impõe-se dar novo sentido à actuação em prol do desenvolvimento do turismo em Portugal. Este designio harmoniza-se com:

— A reorganização dos serviços centrais de Turismo. Uma nova lei orgânica deverá proporcionar uma estrutura compatível com a impor-

tância e projecção futura do turismo, dotando os serviços com quadros de pessoal suficiente, quer no aspecto de qualidade quer no de quantidade.

— Uma coordenação dos vários serviços ligados, directa ou indirectamente ao turismo por forma a evitar conflitos de competências, duplicações de esforços ou desperdícios de actuações.

— Uma revisão na estrutura, competência e âmbito territorial dos órgãos regionais ou locais de turismo, cuidando ainda da sua eficaz ligação aos serviços centrais.

— Um estudo pormenorizado dos vários aspectos do turismo em Portugal, tendo em conta a detalhada inventariação dos recursos existentes, considerando os polos de atracção turística reais ou potenciais, as redes de comunicações e transportes, os equipamentos de recepção balnear, distracção, etc., de forma a, ainda com base nestes elementos, proceder a uma correcta divisão do território em regiões turísticas.

— A definição através de um plano nacional de fomento turístico, integrado por planos regionais, de uma política nacional de desenvolvimento, onde se definam os seus objectivos e se equacionem os meios previstos para tal realização.

Esta programação terá em conta as conexões entre o turismo e a economia, nomeadamente a contribuição do turismo para o rendimento nacional, o apoio de turismo estrangeiro à balança de pagamentos os investimentos a realizar no turismo, as incidências no emprego, os aspectos fiscais e a projecção geral sobre a agricultura, a indústria e outros sectores dos serviços.

Realizações práticas

No domínio das realizações práticas, o autor do aviso-prévio apontou como medidas:

«Intensificar por todos os meios possíveis a propaganda de Portugal no estrangeiro, nomeadamente nos países da Europa, Estados Unidos e Canadá. Ligar a nossa atracção turística à Espanha, de forma a prolongar até Portugal a presença dos estrangeiros que visitam o país vizinho. Intensificar o desenvolvimento do turismo de Inverno. Criar uma mentalidade turística facilitando a entrada, deslocação e comodidade dos turistas estrangeiros, desenvolvendo a arte de bem receber e combatendo formas de parasitismo social. Recorrer ao apoio externo em matéria de assistência técnica e financeira e processos de publicidade e atracção de turistas. Intensificar o intercâmbio turístico entre a Metrópole e o Ultramar e desenvolver as possibilidades turísticas das províncias ultramarinas. Cuidar dos transportes como infra-estrutura essencial ao fomento turístico».

E, concluindo as suas sugestões, o sr. deputado Nunes Barata frisou que convém ter em atenção o seguinte:

«Assegurar o sistema hoteleiro que responda em quantidade, qualidade e economia às exigências dos novos fluxos turísticos. Convirá prosseguir na política de financiamento oficial, atrair capitais estrangeiros, realizar uma rede distrital de bons hotéis, criar conjuntos hoteleiros apoiados por instalações complementares em pólos de atracção turística e preparar pessoal competente. Recorrer à generalização de outras formas de alojamento hoje em voga, dada a democratização do turismo e a existência de modalidades como o turismo social e o turismo juvenil. Realizar uma cobertura do país turístico com restaurantes, defender a cozinha tradicional e fomentar a valorização de produtos nacionais como o vinho, as conservas, as frutas, os queijos, o café, o chá e o cacau. Fomentar o aproveitamento turístico dos valores culturais. Ter presente a importância das relações entre a política de embelezamento nacional e o turismo. Defender, desenvolver e propagandear, com intuíto turístico, o artesanato e o folclore. Aproveitar as possibilidades que oferece o turismo de negócios, procurando extrair o melhor proveito de iniciativas relacionadas com feiras, exposições, congressos profissionais e económicos. Desenvolver as relações entre o desporto e o turismo, não só através de realização de competições de grande cartaz, como prodigalizando ao turista facilidades para a prática de desportos ou tirando partido das possibilidades naturais. Realizar uma eficaz política balnearia, inventariando, valorizando e propagando as disponibilidades do País nestes sectores. Apoiar, estimular, sanear e valorizar as actividades privadas que se ocupam com o turismo».

O problema dos técnicos contabilistas

(Continuação da página central)

de Trabalho» para os empregados de escritório, determinando-se que as habilitações mínimas exigíveis para esta função (incluindo, por conseguinte, a de técnico de contas) sejam as do ciclo preparatório do ensino industrial e comercial, o 1.º ciclo dos liceus ou a sua equivalência, com obrigatoriedade na admissão respectiva a partir de 1 de Janeiro de 1966.

Estabelecida a regulamentação para empregados de escritório, indiscriminadamente, com muito mais fortes razões se deveria estabelecer a para os contabilistas, que constituem nas empresas quadros superiores com altas responsabilidades. Há nada menos de 15 anos, em 1949, a Sociedade Portuguesa de Contabilidade recolheu e fez publicar uma larga colectânea de depoimentos sob o título «Vantagens para a Contabilidade da Regulamentação Profissional dos Técnicos de Contas». Todos os depoentes, sem excepções, concluíram pela necessidade imediata da regulamentação. E entre eles figuravam nomes como os do dr. A. Pedroso Pimenta, dr. Azeredo Perdigão, dr. Julio César Gonçalves, Francisco Xavier Antunes, dr. Fernando Cruz, dr. Luís Viegas, dr. Emilia Sousa Ferreira, etc. O prof. Gonçalves da Silva, do Instituto de Ciências Económicas e Financeiras, preconizou também, expressamente, em estudo posterior, «a criação de um Sindicato ou Camara de Contabilistas, com regulamento que fixasse cuidadosamente as normas técnicas e deontológicas que os guarda-livros, os contabilistas e os peritos contabilistas devem observar no exercício da sua profissão». E em 1958, no 1.º Congresso Nacional do Ensino Técnico Profissional, recomendou-se com destaque «o estudo de um projecto de estatuto profissional dos técnicos de Contabilidade», em que fossem «devidamente acautelados os interesses dos actuais e futuros autodidactas».

Não se promulgou em devido tempo a regulamentação pretendida; manteve-se um regime profissional que, por todos os motivos, precisaria de vigorosa reforma; e chegou-se com o diploma agora publicado a uma situação em que se tornaram possíveis as confusas e

contraditórias interpretações que temos visto envolver as normas respectivas. Desde já se poderá concluir, justificadamente, que o problema profissional e legal dos contabilistas responsáveis não terá solução adequada sem que se promulgue a regulamentação necessária de todas as funções de técnicos de contas.

Entretanto, o debate publico tem-se confinado no problema restrito das habilitações exigíveis nos quadros contabilísticos superiores das empresas classificadas no Grupo A para efeitos fiscais. Estas empresas — as de maior projecção na vida do País — são em numero de cerca de 2800. Logo de início, em face desse numero, uma observação se impõe: teria sido aconselhável, decerto, que a Direcção-Geral das Contribuições e Impostos, antes da promulgação do tão discutido diploma, fizesse uma sondagem sobre os quadros contabilísticos dessas empresas. Se a grande maioria dos responsáveis superiores fosse constituída por não-diplomados, ou seja, por «práticos» autodidactas, a disposição que determina, imediatamente, a qualificação do curso superior deveria ser cuidadosamente ponderada, prevendo-se um longo prazo de transição. No caso de ser reduzida a percentagem dos «práticos» em tais funções, o melindre social e profissional da cominatória disposição ficaria muito reduzido.

Subsiste, assim, o problema: são muitos, são poucos, os casos abrangidos pelo diploma? Continua-se a não o saber.

De qualquer modo, a quem quiser encarar a questão com isento equilíbrio, afigura-se que o princípio da qualificação superior para os contabilistas responsáveis pelos balanços de empresas importantes será de manter. Mas, em função do hipotético numero de casos abrangidos, talvez se devesse considerar a dispensa de «exame de habilitações» para os contabilistas ou técnicos de contabilidade que tiverem, pelo menos, o 5.º ano liceal ou o curso elementar de comércio, e cuja idoneidade no exercício das funções as próprias empresas certificarem responsávelmente. Quanto aos que não se encontrarem nestas condições, o discutido «exame»

deveria consistir mais numa certificação de aptidões ao nível das exigências fundamentais da técnica contabilística e da responsabilidade fiscal do que num «exame» propriamente dito. Para futuro, por conseguinte, só poderiam assinar os balanços das empresas do Grupo A os contabilistas com curso superior e os antigos «práticos» que, nas referidas condições, pudessem ficar desde já inscritos como técnicos responsáveis de contas.

Por sua vez, os técnicos das empresas do Grupo B que, por alteração do volume de incidência fiscal transitassem para o Grupo A seriam autorizados a inscrever-se na mesma categoria dos técnicos contabilistas das empresas deste grupo desde que provassem que a data da promulgação do decreto em debate exerciam já as funções de técnicos de contabilidade e satisfizessem aos mesmos requisitos acima enunciados.

De facto, considerada a escassez de quadros qualificados no nosso País e tendo em conta as razões humanas que justificam em certa medida os protestos ultimamente formulados, é indispensável salvaguardar as posições adquiridas pelos contabilistas práticos, embora com um mínimo razoável de garantias. Mas também não é lícito contestar as razões básicas que assistem à exigência de qualificação profissional para os técnicos contabilistas altamente responsáveis das empresas que exercem missão económica e social de relevo na vida do País. O Estado tem o direito, como se verifica em todas as nações civilizadas, de exigir garantias de competência, de responsabilidade profissional e de idoneidade aos técnicos de contas que subscrevem os balanços dessas empresas. E não só por motivos fiscais, como por escrúpulos legítimos de salvaguarda dos interesses materiais e humanos que estão confiados a tais empresas e aos seus contabilistas.

Esta é a realidade incoercível, que está muito acima das bizantinas discussões sobre méritos relativos de diplomados e não-diplomados e terá de inspirar uma legislação mais ampla sobre as qualificações profissionais dos contabilistas em Portugal.

O MISTÉRIO DO QUARTO 913

por Cornell Woolrich



FOLHETIM SEMANAL DO
Diário de Lisboa

16

RESUMO DOS CAPÍTULOS ANTERIORES —
Quando num período de um ano e meio, suicídios são cometidos no Hotel St. Anselm, quarto 913, o detective do hotel, Striker, suspeita que sejam crimes. Primeira vítima, James Hopper; a seguir um rapaz universitário, Allen Hastings, que na própria noite do seu noivado com uma linda rapariga, deixa um bilhete e lança-se da janela abaixo. Uns meses depois, Amos J. Dillberry, o género típico do caixeiro-viajante, cai da mesma janela, deixando também um bilhete não assinado. O gerente, Perry, concorda com o relatório oficial do detective da Polícia, Eddie Courlander que os considera suicídios; contudo, este, a pedido de Striker, interroga os outros hóspedes. Os Youngs, um casal chinês, admitem terem ouvido um pequeno trovão e um relâmpago na altura da tragédia, assim como um outro hóspede, o idoso Peter (o Eremita) Atkinson; mas Striker afirma não ter ouvido nada. Este propõe-se dormir no quarto 913.

17

CAPÍTULO IV

Striker fez os preparativos para o dia seguinte. Além de Perry, só Maxon sabia da combinação. — Quando ninguém estiver a ver — segredou ao empregado da noite — quero que ponha a tabuleta de «ocupado» fora do 913. E assine o livro de registo com o nome John Brown ou qualquer outro. E outra coisa, não tire o olho de cima da rede telefónica em caso de precisar de uma ajuda urgente: apesar de levar um revólver. E por amor de Deus não adormeça, que a minha vida está nas suas mãos. — «Ba sorte, disse Maxon com voz sepulcral. A meia-noite, Striker subiu para o elevador e viu o casal Young entrar. Young disse — Olá, amigo. Ela apenas o cumprimentou com a cabeça. A porta do elevador abriu-se. — Oh, um minuto... a minha chave, disse Young, e foi até ao balcão. Os olhos de Striker seguiram-no, implacáveis. O livro de registo estava aberto e o

18

advogado chinês ao inclinar-se para tirar a chave pôde ler no livro. Subiram juntos. O casal saiu no oitavo andar, desejando as boas noites. Striker foi até ao seu quarto, pôs a almofada debaixo dos lençóis, aconchegando estes como se alguém estivesse a dormir. Depois acendeu o candeeiro da mesa-de-cabeceira e abriu um pouco os estores, para dar a ideia de estar a ler no quarto. Saiu, olhando para todos os lados para não encontrar ninguém, e desceu as escadas das traseiras. Abriu com a gazua a porta do 913. Primeiramente, Striker assegurou-se de o telefone funcionar bem, o único meio de comunicação com o exterior. Depois inspecionou o quarto, às escuras, e, finalmente, colocou o revólver ao lado do telefone, na mesa-de-cabeceira, e deitou-se, completamente vestido. Olhava sempre para a janela... Deu um grande bocejo, para ser ouvido e pouco depois fingia ressonar. De repente, ficou sobressaltado. Algo... o que era?... alguma coisa estava no ar; sentia um cheiro estranho. Doce, desconhecido, ténue. Cheirou profundamente. Sândalo! Incenso de sândalo. Devia de vir do quarto dos chineses, por baixo do 913. Striker sentou-se, tirou os sapatos e começou a andar sem fazer barulho, aspirando sempre para descobrir donde vinha o tal cheiro. Parou em frente à janela, e aqui o cheiro era mais intenso, vinha de baixo! Mas nada aconteceu. Era apenas incenso e nada mais. Deitou-se de novo sobre a cama. O aroma tornou-se menos intenso, até que desapareceu. Continuou esperando que algo acontecesse, mas as horas foram passando, já era dia, e nada de novo. Striker saiu do elevador, pálido e desapontado.

— Nada de novo?, perguntou Maxon. — Nada. — Bem, isso prova, — sugeriu o empregado, esperançoso — que afinal não há nada de mal nele. Striker levou tempo a responder. — Prova, finalmente — disse — que nada aconteceu porque alguém sabia que eu estava lá e qual a razão. — Quer dizer que ainda não acabou? — Acabar? Certamente que não! Striker começou nessa pró-

19

pria tarde. Levou os livros de registo dos hóspedes que entraram em Março, dois anos antes, e em Setembro, o ano passado e começou a estudá-los, no seu quarto. A conclusão a que chegou foi que a única pessoa hospedada na altura dos três suicídios ou crimes foi «miss» Florbelle Heilbron. Falou com Perry na manhã seguinte, e logo após o almoço, o gerente apresentou «miss» Heilbron com um bilhete para uma «matinée», nessa tarde. Striker viu-a sair, o que lhe dava duas completas horas. Abriu o quarto com a gazua e fez uma busca minuciosa. Numa das gavetas de uma cómoda, encontrou um livro bem usado, chamado *Hipnotismo, Auto-Sugestão; Como Impor a Sua Vontade aos Outros*. O primeiro capítulo era *Experiências à Distância*. Leu: «Em casos onde o objecto está fora da vista, por detrás duma porta ou do outro lado duma parede, será melhor começar com ordens simples, facilmente transmissíveis. 1 — Abrir a porta. 2 — Voltar, etc. Bem — saltar da janela era uma ordem bastante simples. Seria possível que essa velha solteirona fosse capaz de...? Deus sabe como ela era suficientemente dominadora para se prestar a isso. Striker nunca acreditou nisso, mas quem sabe? Continuou a investigar, mas nada mais encontrou. Mais tarde, inspecionou o apartamento dos Youngs, enquanto estes estavam no estúdio. Lá, examinou uma grotesca máscara de diabo, provavelmente pertencente a um teatro. Era grotesca e horrível, e faria facilmente saltar alguém pela janela fora, quem acordando a visse no meio da escuridão. Contudo os Youngs, no primeiro caso, não se encontravam no edifício, com máscara ou sem ela.

(Continua)

FRIGORÍFICOS GRANDE - BAIXA

Agora... ao alcance
de todas as bolsas

litro		
125	...	2.750\$00
155	...	3.600\$00
180	...	4.200\$00
230	...	4.700\$00

Antes de comprar visite o

NOVOLAR

R. Ferreira Borges, 139-143
LISBOA — Tel. 68 68 16 - 68 79 28

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre, de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social, bem como de bom gosto.

ANIBAL GRAVADOR

Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA
A casa que melhor trabalha

VITÓRIA-SPORTING

Carreiras entre
CACILHAS-SETÚBAL e volta

No intuito de facilitar a deslocação de adeptos e simpatizantes manter-se-ão, DURANTE TODO O DIA, carreiras consecutivas — além do horário normal ao preço de Esc. 19520 ida e volta.

A Gerência
da Empresa JOÃO CANDIDO
BELO & C., LDA.

**NÃO HÁ ESTRADAS MÃS...
COM
AMORTECEDORES**

MONROE

REPRESENTANTE EXCLUSIVO:

AUTO-LUSITANIA

AVENIDA DA LIBERDADE, 73-79 — LISBOA

CAMINHOS DE FERRO

Transporte de pequenos
volumes

São os seguintes os preços de transporte de pequenos volumes, em grande velocidade, qualquer que seja o percurso a efectuar em caminho de ferro:

Até 5 kgs.	4500
10 "	8500
15 "	12500
20 "	16500
30 "	22500
40 "	28500

No Serviço Comercial e do Tráfego da C. P., Estação de Lisboa (Santa Apolónia) (telefone 86 41 81), prestam-se todos os esclarecimentos que o Público desejar sobre o transporte de pequenos volumes.

AOS BANQUEIROS

Vende-se uma das melhores Casas Bancárias da Capital. Carta a D 198 — HAVAS — Rua Aurea, 242.

beba

BOACEPA

VINHOS DE ORIGEM

BEJA ESPERA-O

O LIDADOR, também.

Qtos. c/ ág. etc. Tel. 734.

Restaurante até às 24 h.

Prop. AMBRÓSIO PEREIRA

ARTES PLÁSTICAS

As paisagens castelhanas
de Mário de Oliveira
na Embaixada de Espanha

Aquele Palácio Mayer, na embaixada da Rua do Salitre, tem grandes tradições de arte e intelectualismo. Durante anos serviu à maravilha a causa da aproximação dos dois povos peninsulares e aí ouvimos algumas das vozes mais autorizadas de Portugal e Espanha: Manuel Garcia Morente, Claudio Sanchez Albornoz, Fidelino de Figueiredo e outros, de vários quadros, mas imantados todos pela altura do seu pensamento e pela profundidade e seriedade da sua investigação.

O Palácio Mayer, se não voltou ainda a albergar manifestações grandes como as de há trinta anos, tem ultimamente servido a causa das artes plásticas, com exposições de mérito de artistas espanhóis e portugueses que a Espanha, não buscar o motivo da sua inspiração. Entre estes nenhum com mais direito de ali figurar do que Mário de Oliveira que se tomou de amores pela paisagem castelhana, pela sua extensão, profundidade e cores bem cindidas, quando o Sol a abraça, a noite a envolve ou o temporal a revolve e açoita com furor; e quando o nevoa a branqueia a perder de vista. Mário de Oliveira quase que tem pintado exclusivamente a Castela, os seus campos e a sua luz. Está por direito próprio nesta Casa de Espanha.

Mário de Oliveira, arquiteto de sua profissão e como tal tendo vincado o seu nome e firmado lugar, trouxe da preparação profissional aquela firmeza de estrutura, a solidez da carpintaria do quadro sempre bem definida. Não tem pontos moles a sua arte. O artista pertence àquele número de arquitetos que se apegara à pintura e para ela trouxeram a preparação arquitectónica. Sómente enquanto uns entraram por construções mais ou menos mirabolantes, Mário de Oliveira fixa aquelas paisagens estiradas, de campinas sem fim e onde os morros parecem ter até dificuldade em se elevar acima do nível de voo de galinha.

As terras divididas, muito por largo, em fatias de gigante, as árvores hirtas como sentinelas em continência á solenidade ambiente, e a cor de sangue ou de fogo ou da noite; e aqui e ali uma primavera de oiro e mimosa, como naquelle amanhecer em Terras de Ávila. Há os tons castanho-ferro, como em oledo, ou a dolência funda de um «entardecer em Castela». Tonalidades diversas conforme as luzes que encharcam as terras. Mas a nota da grandeza, essa é comum a toda a obra.

Nos óleos que apresenta, na parede fundeira do salão, Mário de Oliveira tem, ao centro, um grande quadro, com a paisagem em carne viva. A mais, parece-nos que estão apenas as árvores de primeiro plano, essas árvores que se tornam verdadeiras figuras do Greco, nalguns outros quadros.

Começamos por assinalar a sólida estrutura dos quadros de Mário de Oliveira. Não é pois de admirar que, acima de tudo, nesta exposição, ponhamos os desenhos do artista. A prova real do preto e branco, obra que tem de aparecer tal qual foi feita, sem enfeites ou disfarces de cor, só musculos, ossos e tendões, esses desenhos são realmente de um artista que vê e sente a paisagem de Castela, a sua grandeza, solenidade e quanto ela tem de duro e fundo. — R.

Compras da Camara Municipal no Salão dos Aquarelistas

Tem obtido êxito o 19.º Salão de Aquarelistas Portugueses agora patente na S. N. B. A. Muitas obras têm sido vendidas. Entre outras aquisições contam-se duas grandes aquarelas adquiridas pela Camara Municipal de Lisboa. Diga-se que são das melhores obras ali patentes. Trata-se de uma marinha da Eriçeira, de Luís Salvador Junior, e outra, um interior da igreja da Madre de Deus, com seus azulejos, do artista José Ribeiro.

**SEVILHA
SEMANA SANTA**
Visite Sevilha por ocasião da Semana Santa. Uma viagem de 6 dias, com todas as despesas incluídas, apenas por:

Esc. 1 375\$00
Organização turística da C. P. Compre o seu bilhete nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro e nas Agências de Viagens autorizadas.

**PEÇA FOLHETO DESCRITIVO
NAS SECÇÕES DE INFORMAÇÕES
DAS ESTAÇÕES DE LISBOA**

DIÁRIO escolar

INFORMAÇÕES
COMENTÁRIOS

ATENÇÃO: PERIGO!

Há coisas que não se devem dizer, e ainda menos escrever; e isso, contudo, é o que vou fazer.

Pela primeira vez, desde há vinte e cinco anos que ensino, sinto qualquer coisa palpitar em mim. Um horário muito carregado, alunos amontoados em aulas pequeníssimas, este ar carregado de nervosismo acumulado, esta impressão da corrida contra-relógio em todas as disciplinas, nove semanas de estágio do C. A. P. E. S., quatro de estágio de agregado fizeram aumentar em mim a tensão nervosa até me tornar doente, até me fazer subir aos olhos cóleras irreprimidas que o simples ruído dum régua ao cair desencadeava. Pela primeira vez, experimentei o sentimento desesperante de não estar a altura do que eu esperava de mim. E tive, durante semanas, de usar o artificial optimismo que me dão os tranquilizantes. Ora, se isto é apenas uma advertência sem gravidade, quando penso que, neste mesmo ano, um dos meus colegas, esgotado por uma turma do primeiro ano com quarenta e cinco alunos, partiu para um sanatório durante dezoito meses; que outro morreu subitamente, no intervalo de duas aulas; de saúde já frágil, tinha querido recomençar os cursos antes do fim da sua licença por doença.

Os dez próximos anos condenam-nos a todos a um esgotamento se não tivermos cuidado. Já não se trata mesmo do elementar instinto de conservação; trata-se, como o diria a Administração do Bem do Serviço... O nosso primeiro dever é conservar-nos e aguentar. Os piores professores são ainda os doentes e os mortos. Se quisermos sobreviver, e o ensino connosco, é preciso seguir regras de higiene muito estritas.

É preciso partir do princípio de que, quaisquer que sejam as condições materiais do nosso trabalho, o mais importante é, em primeiro lugar, salvar em nós o homem. Deixar inteiramente devorar o seu tempo pelas horas de curso e as cópias, não ser mais do que uma máquina a ensinar, constitui o pior perigo. Havia uma época em que podiam ser, ao mesmo tempo, o professor consciencioso que prepara os seus cursos, corrige as cópias com zelo, e o homem curioso do mundo onde vivia, aberto á cultura, sempre ao corrente da vida artística, literária e científica. Na hora actual uma escolha se nos impõe. A tentação consiste em suprimir o descanso, este *Otium* que os latinos fundaram semanticamente como unico valor positivo em oposição com a sua negação carregada de desprezo, o *Negotium*. Por isso, desde que seja preciso escolher, tenhamos a coragem de considerar:

- 1.º, que cada hora suplementar produz uma fadiga nervosa dupla da que seria produzida por um horário normal;
- 2.º, que conduzir uma turma de quarenta a cinquenta alunos com os métodos activos, válidos para uma turma de vinte e cinco, constitui uma tarefa esgotante;
- 3.º, que corrigir quarenta e cinco trabalhos sobre o mesmo assunto embrutece três vezes mais do que corrigir vinte e cinco;
- 4.º, que, no melhor dos casos, se a vossa saúde física e moral resiste a este regime forçado, tornar-vos-eis lenta e seguramente um ser diminuído. Um dos meus colegas, que se reformou este ano, contava-me com pavor a confissão de um jovem agregado de letras de 1933: «Desde o meu exame de agregado, nunca mais li nem um livro que não se

relacionasse directamente com a minha profissão».

Por isso, desde que é preciso sacrificar alguma coisa, não cedemos á tentação de andar a toda a pressa. Não nos deixemos aprisionar pela sedução das horas suplementares que pagamos depois bem caro, resistamos ás sereias da administração que nos pintam a sorte lamentável dos pobres alunos privados de nossos cuidados competentes. Estabelecamos, desde o início do ano e com prioridade, o nosso emprego de tempo livre. Saibamos sacrificar-lhe, por vezes, o monte de cópias prestes a devorar-nos dez horas preciosas da nossa vida. A olhadela distraída que o aluno delta sobre as nossas amorosas correcções não vale o enriquecimento que nos dará a leitura do ultimo livro de que se fala, o espectáculo da ultima realização que emocionou a critica, nem mesmo o simples repouso de um longo passeio no campo ou num bairro da nossa cidade, de nariz no ar.

De regresso á nossa sala, é um professor melhor que daremos aos nossos alunos. Se é verdade que ensina antes de tudo o que se é, preservamos o nosso ser da deformação profissional e da ruína a que nos condena, se para ela frouxamente deixarmos levar o excesso de trabalho actual. Quando o professor tiver matado de uma maneira ou de outra, o homem culto aberto sobre o mundo, que nós temos o dever de ser, que restará do professor?

MARC FLANDRIN
(Lycée Lakanal-Sceaux, France)

P. S. — Vejo bem o defeito de uma advertência como esta: os que a escutam mais atentamente são, precisamente, aqueles aos quais ela se não dirige. Acrescento, pois, que não é destinada a oferecer um alibi aos preguiçosos: é um grito de alerta para os escrupulosos.

PALESTRAS A PROFERIR por Calvet de Magalhães

O director da Escola Técnica Elementar Eugénio dos Santos, professor Calvet de Magalhães, profere na sexta-feira, ás 1 e 30, no edificio da referida escola, ua palestra sobre «A criança e o ambiente escolar», integrada no IV Ciclo de Palestras da Escola de Pais.

Aquele pedagogo falará ainda no Clube Fenianos, do Porto, sob o patrocínio da Sociedade Portuguesa de Escritores, dirigindo um colóquio sobre problemas de educação.

Festa dos finalistas da Escola Industrial Marquês de Pombal

Os alunos finalistas da Escola Industrial Marquês de Pombal realizam o seu baile de despedida no sábado, á noite, no Pavilhão dos Desportos Náuticos de Belém (Espelho de Água).

Além de boas atracções, colaboram os conjuntos «Sanremo» e «Flintstones».

VIDA MUSICAL

Dois concertos no Conservatório

RECITAL DE CANTO — Promovido pelo *Institut Français au Portugal*, este recital da soprano Nadine Sautereau (a voz da Virgem e de Margarida na memorável apresentação de «Joana na Fogueira», de Honneger e Paul Claudel, no Teatro de S. Carlos, há poucos dias) teve, como era de esperar, bastante interesse. O que Nadine Sautereau confirma em primeiro lugar, com muita graciosidade e inteligência das intenções, é a sua aptidão para a cena (em «Joana na Fogueira» não chega a aparecer em cena). Servindo-se de uma voz bastante clara, sobretudo no registo agudo em que o timbre se torna por vezes um pouco acidulo. Nadine Sautereau valorizou a música fina e sensível de Poulenc para o ciclo de maravilhosos poemas de Eluard, «*Tel jour, telle nuit*», e a muito mais vulgar, mas também muito francesa, musica de Manuel Rosenthal, para seis canções «*du Monseur Bleu*». E mencionaremos os extras, uma melodia de Gounod e o ofegante, transparentemente trágico «*Noël des enfants qui n'ont plus de maison*», de Debussy, porque completam um painel rico de aspectos psicológicos.

Nalguns Lieder de Hugo Wolf, notamos, em especial, o magnifico aproveitamento da voz. E em todo o programa, o pianista René Goret-Chemin houve-se, também, com inteligência e bom estilo.

RECITAL DE PIANO — Pela constituição do programa, é das vezes em que a palavra recital é empregada com a devida propriedade. Na realidade, o programa trazia não exactamente «Recital de piano» mas sim «Recital Herman Godes», o que já não achamos inteiramente justificável, apesar das qualidades bastante grandes e pouco banais do pianista que nos era apre-

sentado pelo Conservatório Nacional, de colaboração com os Serviços Culturais da Embaixada dos E. U. A.

O programa constava da muito pura, muito rica e sabiamente estruturada Toccata em ré maior, de Bach, e de nada menos do que quatro sonatas de carácter completamente diferente: do compositor americano contemporaneo David Burge, de Haydn, em dó maior (uma das mais bonitas), de Beethoven, a op. 101, em que se exemplifica o inesgotável poder de invenção do autor, e de Liszt, a célebrima e há um tempo para cá menos tocada Sonata em si menor. E Herman Godes, nascido na Lituania, deu atraentes provas de um temperamento romantico no melhor sentido da palavra, caprichando numa execução cantante, cheia de inflexões justas, sem no entanto quebrar a linha condutora. Nem sempre a execução domina completamente os escolhos da escrita, sobretudo no arrevezado ultimo andamento da Sonata de Beethoven e nas passagens de pulso da Sonata de Liszt, mas somos levada a crer que muitas das irregularidades da execução foram ocasionais.

A Sonata de David Burge, com data de 1959, ainda se inscreve na linha de Bartok, com truculências de harmonia que ficam bem ao teclado, e um equilibrado sentido da forma.

Talvez por causa da noite invernal, o publico não foi excessivamente numeroso, mas acolheu entusiasticamente as execuções de Herman Godes, que teriamos muito gosto em ouvir novamente.—F. B.

Iniciativas da editorial «Imbondeiro»

A organização editora «Imbondeiro», de Sá da Bandeira (Angola), a que já se deve uma obra de notável irradiação literária e cultural, traz em curso algumas iniciativas de notável significado que consagram a devoção criadora e o dinamismo dos seus dedicados impulsionadores: Garibaldi de Andrade e Leonel Cosme. Uma delas é a construção da Casa do Imbondeiro, em Sá da Bandeira, que será o centro das actividades culturais da prestigiosa organização. As adesões e subscrições para esse efeito prosseguem em ritmo animador, com o apoio de numerosas individualidades não só de Angola como da Metrópole.

Outro empreendimento assinalável é o início de uma nova colecção editorial intitulada «Imbondeiro Gigante». O primeiro volume reúne originaes de 17 contistas: Alexandre Cabral, Antunes da Silva, Eduardo Teófilo, Fernando Reis, Garibaldi de Andrade, Guido Wilmar Sassi, Jorge Medauar, José Régio, Julio Graça, Luís Cajão, Lygia Fagundes Telles, Manuel Amaral, Mário António, Oscar Ribas, Ricardo Ramos, Urbano Tavares Rodrigues e Vasco Branco. Trata-se, como se vê, de uma ampla panorâmica do moderno conto de expressão portuguesa, colaborado por ultramarinos, metropolitanos e brasileiros.

As realizações da organização «Imbondeiro» justificam, sem dúvida, pelo seu largo sentido cultural e generosa inspiração humana, o apoio activo de todos os que puderem ajudá-las.

João Nobre da Costa

Missa do 7.º dia

Sua esposa, filhas e restante familia participam que será celebrada missa por seu eterno descanso amanhã, dia 28, ás 11 horas, na igreja de São João de Deus.

Agradece-se desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

P. N. A. M.

MANUEL DE JESUS SILVA

(Cabo Verde)

MISSA DO 7.º DIA

Augusta Almeida da Luz Silva, Maria Isabel Silva Alves, Domingos Alves, Maria de Jesus Silva Vieira, Carlos Vieira, Maria Ana Luz Silva, Antonieta das Neves Almeida da Luz Silva e mais familia, participam que será rezada missa pelo eterno descanso do seu querido marido, pai, eogro, amanhã ás 12,15 horas, na Igreja Paroquial de Alcantara, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

TEM FRIGORÍFICO NO SEU LAR?

SE O NÃO TEM INDIQUE-NOS V. Ex.ª o seu nome e morada que a própria fábrica lhe proporcionará a sua aquisição, com todas as garantias.

Resposta ao Apartado 2311—LISBOA

Boletim do dia

RÁDIO

EMISSIONA — Programa «A» — 451 m — 655 kc/s — A's 17: Música de teatro; 17 e 30: Canções; 17 e 45: Orquestras ligeiras; 18: Noticiário; 18 e 10: Música de dança; 18 e 45: A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 19: Música portuguesa; 19 e 10: Concerto, pelo sexto de artistas cegos; 19 e 30: Rádio Mocidade; 20: Jornal sonoro; 20 e 35: Conjuntos vocais e instrumentais; 21: Noticiário — Varanda da Europa e crónica de Angola; 21 e 40: Separador; 21 e 45: Teatro das comédias; 22 e 30: Música portuguesa; 22 e 45: Imagens musicais dos Países Baixos; 23: Música de dança; 23 e 20: «Onde a Terra se Acaba e o Mar Começa»; 23 e 45: Noticiário; 0: Encerramento.

Programa «B» — 397 m — 755 kc/s — A's 18: Reabertura — Música portuguesa: obras de Luís de Freitas Branco: «Pentágono de S. Frei Gil», fragmentos sinfónicos da oratória (Vatthelk); poema sinfónico em forma de variações sobre um tema oriental; 18 e 50: Noticiário regional; 19: Intérpretes musicais; 20: Noticiário; 20 e 15: Recital, pela cantora Germana de Medeiros, com a colaboração da pianista Manuela Menano; 20 e 35: «Le Mariage de La Grosse Cathos Navarro»; 21 e 5: Música sinfónica: poema sinfónico «D. João» (Strauss); 22: «A Voz do Ocidente»; 0: Encerramento.

Modulação de frequência — A's 22: Desdobramento — Música do século XX: «Sinfonia n.º 3» (William Pijper); «Cori di Morti» (Petrassi); «As Coforas», música de cena (Darius Milhaud); 23 e 10: Música de tecla: «Sonata, op. 111, em dó menor» (Beethoven); 23 e 35: Música vocal: «Les Chans de Paris» (Clément Janquin); 23 e 45: Noticiário; 0: Encerramento.

RÁDIO CLUBE — A's 17 e 20: Artista; 17 e 45: Noticiário; 17 e 50: Conjuntos; 18: Guitarras e fadistas; 18 e 15: Espelho de utilidades; 18 e 30: Os nossos artistas; 18 e 45: Interlúdio feminino; 19: Variedades; 19 e 45: Noticiário; 20 e 15: Seleção musical; 20 e 30: «Magazines»; 21: Noticiário; 21 e 16: Motivos portugueses; 21 e 30: Canções; 21 e 45: Artista; 22: «A Prima Bando em Lisboa»; 22 e 15: O mundo em marcha; 22 e 45: Vozes de Portugal; 23 e 45: Noticiário; 24: Programa «Meia-Noite»; 6: Boletim meteorológico.

Frequência modulada — A's 17 e 34: Estrelas em FM; 17 e 45: Noticiário — Estrelas em FM (continuação); 19 e 2: Ronda musical; 19 e 45: Noticiário — Ronda musical (continuação); 20 e 2: Boa noite em FM; 21: Noticiário; 21 e 15: Rito 64; 22 e 15: Vozes e orquestras; 22 e 45: Ritos de «jazz»; 23: Novos discos; 23 e 15: Música para dançar; 23 e 45: Noticiário; 0: Encerramento.

Linha de CASCAIS

Cinemas

ALGES — Stadium — A's 21: «A viúva solteira» e «Alexandre, o Grande» (12 anos).
OEIRAS — Oeiras-Cine — A's 21: «Aquí há fantasmas» (12 anos).
CARCAVELOS — Vitória-Cine — A's 21:30: «As aventuras de Robin dos Bosques» (12 anos).
PAREDE — Royal-Cine — A's 21: «Encruzilhada perigosa» e «Inimigos de ontem» (17 anos).
ESTORIL — Casino — A's 21:30: «Fuga sem rumo» (17 anos).
CASCAIS — S. José — A's 21:30: «Totó e Cleópatra» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALGES — Miramar — R. Ernesto da Silva, 81 (Tel. 212048).
CAXIAS — Nova — Rua Bernardino Ribeiro, 1-A (Tel. 242839).
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2420039).
OEIRAS — Central — Rua João Teixeira Simões, 18 (Tel. 2430058).
PAREDE — Brandão — Avenida da República, 77-C (Tel. 2471054).
ESTORIL — Marques dos Santos — Rua Ferreira, J. A. 15, Monte Estoril (Tel. 260116).
CASCAIS — Misericórdia — Rua do Regimento 19, n.º 41 (Telefone 280141).
Cascais — Rua Conde Monte Real — Bairro Caixas (Tel. 282407).

Emissor de Miramar — A's 17 e 30: Solistas; 17 e 45: Noticiário; 18: Carrilhão e ritmos de baile; 19: Interlúdio feminino; 19 e 15: Uma orquestra; 19 e 45: Noticiário; 20 e 15: Melodias; 20 e 30: Seleção musical; 21: Noticiário; 21 e 15: Programa Sô-Rádio; 21 e 30: Programa «Jazz»; 21 e 50: Paisagem intelectual; 22 e 15: Brasil; 22 e 45: Variedades; 23 e 15: Ritmos de baile; 23 e 45: Noticiário; 24: Programa «Meia-Noite»; 1 e 30: Encerramento.

RÁDIO RENASCENÇA — A's 18: Passatempo para o lar; 18 e 25: Leitura do boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção, da basílica dos Mártires; 19 e 5: Colóquio, programa dos alunos do Seminário Maior do Porto; 19 e 20: Crítica a um livro recebido; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: O seu programa; 20: Canções portuguesas; 20 e 20: Solos de acordeão; 20 e 30: Noticiário e boletim de Rádio Rural; 20 e 50: A hora do Concílio; 21 e 10: Lugares a concurso; 21 e 15: O disco preferido; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: As vozes de Carlos Galhardo e Lucienne Franco; 22 e 45: Seleções; 23: A 23.ª hora; 2: Encerramento.

Estação do Porto — A's 19 e 5: Programa Colóquio; 19 e 25: Boletins religiosos e de filmes; 19 e 30: O seu programa; 20: França, horizonte do Mundo; 20 e 15: Música para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário e boletim de Rádio Rural; 20 e 50: A hora do Concílio; 21 e 10: Lugares a concurso; 21 e 15: O disco preferido; 22: Peça, faz favor; 22 e 30: Música de piano; 23: A 23.ª hora; 2: Encerramento.

RÁDIO UNIVERSIDADE — A's

17 e 5: Girandola; 17 e 25: As últimas gravações; 17 e 35: Estúdio internacional, gravação enviada pela Rádio Frankfurt, da República Federal Alemã; 17 e 35: Noticiário; 18: Encerramento.

EMISSIONES ASSOCIADAS — Das 17 às 19 e 30: Voz de Lisboa; 19 e 30 às 22: Rádio Peninsular; 22 e 1: Voz de Lisboa; 1 às 2: Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje — A's 18 e 45: Abertura; 18 e 47: TV Educativa: «Desenho», pelos professores Calvet de Magalhães e José Amaro; Francês, pela professora Yvonne Lemoine; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Programa da Junta da Acção Social; 20: Desporto e Natureza; 20 e 30: Crónica das Cidades; 20 e 40: Poesia e Movimento, pelo grupo de Agueda Sena; 21 e 20: Telejornal; 21 e 50: Boletim meteorológico; 22: Noite de Teatro «A Locandiera», de Carlo Goldoni (tradução de Pedro Bom), com interpretações de Lourdes Norberto, Susana Prado, Fernanda Borsatti, José de Castro, Luís Filipe, Fernando Gusmão, Canto e Castro e Alexandre Vieira, e encenação de Paulo Renato; 23 e 30: Filme de Arte; 23 e 45: Telejornal; 23 e 55: Meditação; 24: Fecho.

Amanhã — A's 18 e 45: Abertura; 18 e 47: TV Educativa — História de Portugal, pelo dr. José Carlos Amado, e inglês, pela professora D. Ann Wood; 19 e 30: Telejornal — edição da tarde; 19 e 45: TV Educativa — Curso de Educação de Adultos, pelo prof. António Maria Saraiva; 20 e 15: Documentário — Macau; 20 e 30: Barreira de Sombra; 21: Fim de Semana; 21 e 20: Telejornal — edi-

ção da noite; 21 e 50: Sorteio Vigor Malte; 21 e 55: Boletim meteorológico; 22 e 5: Concurso «Ou sim, ou não» (10.ª sessão — 2.ª série); 23 e 10: Circo com Jack Pallance — episódio filmado; 24: Telejornal — últimas notícias; 24 e 5: Meditação; 24 e 10: Fecho.

CARTAZ DO DIA

(Para maiores de 12 anos)

TEATROS

TRINDADE — As 21 e 30: «O Casamento».

MARIA VITÓRIA — As 20 e 45 e às 23: «Nazaré».

CINEMAS

POLITEAMA — «Duelo no Rio Grande».

MONUMENTAL — «Um taxi para Tobrouk».

ODEON — «9 rapazes e 1 cão».

AVIS — «Uma mulher tranqüila».

ROMA — «A ilha nua».

ROYAL — «Sansão e Dalila».

JARDIM CINEMA — «As 3 espadas do Zorro».

CAMPOLIDE — «Vidas a jacto».

CINE MOSCAVIDE — «Safari inesperado».

(Para maiores de 17 anos)

TEATROS

NACIONAL — As 21 e 45: «Delírio» («Frénésia»).

MONUMENTAL — A's 21 e 45 — «A idiota».

CAPITOLIO — A's 20 e 45 e 23 — «O que é bom é pra se ver».

CINEMAS

TIVOLI — «Fellini 8 1/2».

S. LUIZ — «Hotel internacional».

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado

	Efect.	Compra	Venda
Cons. 2 3/4% T. 10	662\$00	—	662\$00
Cons. 3% T. 10	705\$00	705\$00	706\$00
Cons. 3 1/2% T. 10	835\$00	833\$00	—
Centenários 4% 1940	—	1.000\$00	—
Obg. Tes. 2 1/2% 1942	—	1.000\$00	—
Obg. Tes. 2 1/2% 1943	—	1.000\$00	—
Obg. Tes. 2 1/2% 1944	—	1.220\$00	—
Externo 1.ª série	—	1.230\$00	1.250\$00
Externo 1.ª série car.	—	1.225\$00	—
Externo 2.ª série car.	—	1.225\$00	—
Externo 3.ª série	—	1.330\$00	—
Externo 3.ª série car.	—	1.350\$00	1.400\$00
Caut. 3.ª série s/j	—	240\$00	—

Obrigações

Aguas Lisboa 5%	—	—	—
Norte de Portugal 5%	—	105\$00	—
Gás Elect. 3 3/4%	920\$00	918\$00	925\$00
Gás Elect. 4%	—	—	965\$00
Gás Elect. 4 1/2%	993\$00	985\$00	993\$00
Gás Elect. 5%	—	—	—
U. E. P. 3 3/4%	—	—	—
U. E. P. 4% 1945	—	86\$00	—
U. E. P. 4% 1948	—	—	—
U. E. P. 4 1/2%	—	—	—
U. E. P. 5% 1951	—	93\$00	94\$00
U. E. P. 5% 1952	—	—	—
H. do Douro	—	940\$00	945\$00
H. E. S. Estrela	—	960\$00	—
C. P. 4 1/2%	1.007\$00	1.006\$00	—
Metropolitano	985\$00	984\$00	985\$00

Ações

Bancos

Alentejo	—	430\$00	450\$00
Angola	—	1.600\$00	1.700\$00
Espírito Santo	—	—	—
Lisboa & Açores	—	2.150\$00	2.200\$00
Portugal	—	—	—
Ultramarino	—	885\$00	890\$00
Agricultura	53\$00	52\$50	54\$00

Seguros

Fidelidade	—	—	—
Mundial	—	360\$00	380\$00
Sagres	—	—	—
Tagus	—	—	—
Soberana	—	—	—

C.ª Ultramarinas

Ag. Casseque	525\$00	520\$00	530\$00
Ag. das Neves	—	—	—
Agricultura Colonial	—	140\$00	—
Acúcar de Angola	—	640\$00	660\$00
Boror	122\$00	120\$00	125\$00
Cabinda	—	10\$00	15\$00
Cadá	—	1.200\$00	1.300\$00
Col. do Buzi	59\$00	58\$00	60\$00
Ilha do Príncipe	—	—	—
Incomati	—	850\$00	950\$00
Moçambique	—	29\$50	31\$00
Zambézia	—	39\$50	42\$00
Diamantes	—	435\$00	440\$00
Lobito	355\$00	353\$00	360\$00

C.ª Diversas

Cimentos Tejo	—	750\$00	—
Cimentos Leiria	—	—	—
Crédito Predial	820\$00	820\$00	830\$00
Industrial Aliança	—	—	—
Portugal e Colónias	757\$00	750\$00	760\$00
Nac. de Navegação	670\$00	660\$00	680\$00
Col. Navegação	—	415\$00	420\$00
Port. de Celulose	—	4.300\$00	4.400\$00
Port. de Pesca	1.010\$00	1.010\$00	1.020\$00
Port. Tabacos	220\$00	219\$00	221\$00
Tabacos de Portugal	545\$00	540\$00	550\$00
Turismo Penina	—	1.100\$00	1.150\$00
Aguas, Electricidade e Gás	—	—	—
Aguas Lisboa 1934	385\$00	383\$00	387\$00
Aguas Lisboa 1936	—	—	—
Eléct. das Beiras	—	1.585\$00	1.610\$00
Gás e Electricidade	352\$00	352\$00	352\$50
H. Alto Alentejo	168\$00	167\$50	168\$00
H. E. Cávado	—	1.200\$00	1.210\$00
H. E. do Zêzere	1.280\$00	1.275\$00	1.280\$00
Nac. de Electricidade	—	1.280\$00	1.300\$00
União Eléctrica Port.	173\$00	172\$00	173\$00
H. Douro	1.110\$00	1.110\$00	1.115\$00
H. Portuguesa	—	—	—
H. E. S. Estrela	—	—	—
Sacor	4.300\$00	4.270\$00	4.320\$00

BANCO BORGES & IRMÃO

PAÍSES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul	38\$00	39\$00
Alemanha	7\$10	7\$30
América:		
Dólares de 1 a 2	28\$30	28\$60
Dólares de 5 a 1000	28\$50	28\$80
Argentina	\$19	\$23
Austria	\$110	\$115
Bélgica	\$58	\$58
Brasil	\$01,9	\$02,6
Canadá	26\$20	26\$70
Dinamarca	\$405	\$425
Espanha	\$47,2	\$48,2
Congo	\$06	\$09
França (N. Francos)	\$575	\$590
Holanda	7\$85	\$810
Inglaterra	79\$50	81\$00
Itália	\$04,55	\$04,7
Marrocos	\$430	\$500
Noruega	\$390	\$410
Suécia	\$540	\$570
Suíça	\$658	\$673
Ouro:		
Inglaterra (Libra)	282\$00	292\$00
Inglat. (Libra Isabel)	280\$00	288\$00
Portugal — barra fino	32\$70	33\$20

J. BURNAY, L.ª Notas estrangeiras
Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 Telef. 321273

S. JORGE — «Tara Bulba».
IMPÉRIO — «Febre de dinheiros».
EDEEN — «Que teria acontecido a Baby-Jane».
ALVALADE — «Hotel internacional».
CONDES — «O império de Roma».
CHIADO TERRASSE — «Flor de Lotus».
LYS — «Quando nasce o ciúme».
OLIMPIA — «Forte selvagem».
PROMOTORA — «Parque das ilusões».
RESTELO — «O homem de Alcatraz».
BELGICA — «A coronela».
VOZ DO OPERÁRIO — «Os assassinos do bairro».
ARCO-IRIS — «O direito de nascer».
IDEAL — «O sol também brilha».
S. L. BENFICA — «Idílio em Setembro».

FARMÁCIAS

TURNO G

(Ver pelos bairros das imediações e telefones entre parêntesis)
AJUDA — Moura, Tr. da Memória, 55 (630944) * Biotific, R. D. João de Castro, 27-B (638824).
ALCANTARA — Baírrão, R. Prior do Crato, 25 (661321).
ALMIRANTE REIS — Confiança, Av. Almirante Reis, 46 (42453).
ALVALADE — Zil., Av. da Igreja, 9-D (711780) * Roma, Av. de Roma, 85-B (72466) * Celta, R. Moura Girão, 3-B (710621).
AMOREIRAS — Britânica, Tr. da Lágua da Póvoa, 5-B (689250).
ANJOS — Renascença — R. Damasceno Monteiro, 104, A-B (831504).
AREIRO — Garantia, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A-B (727300) * Imperial, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (726860).
AVENIDAS NOVAS — Alcântara, Av. da República, 74-A (771379) * Vale, Av. Marquês de Tomar, 45-49 (773043) * Dalva, Av. Duque de Ávila, 125 (45225) * S. Sebastião, Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1-9 (48642).
BAIRRO DA ENCARNACÃO — Zira, R. J., lote 48 (388172).
BAIXA — Fernandes, R. de S. José, 187 (26476) * Azevedo, Filho, Pr. de D. Pedro IV, 31 (27478).
BENFICA — União, Est. de Benfca, 592-594 (700092) * Alegria, Est. da Benfca, 180-A-B (780511).
CAMÕES — Moz Teixeira, R. Poço dos Negros, 115 (663961).
CAMPO DE OURIQUE — Lobel, R. de Infantaria 16, 98-B (688807) * União, R. Saraiva de Carvalho, 119 (663643).
CAMPOLIDE — Salutar, R. B., n.º 75-A-B, Bairro da Liberdade (683894). * Pinto, R. de Campolide, 53-B (682610).
CHARNECA — São Bartolomeu, Quinta dos Balseiros de Baixo, Vila Paulo Jorge, 1 (790969).
CONDE REDONDO — Sousa Martins, R. Sousa Martins, 25 (53468).
ESTRELA — Andrade Ribeiro, Av. Infante Santo, lote 4, loja B (666971).
ESTEFANIA — Pancada, Lda., Suc. R. Rebelo da Silva, 9 (43340).
GRACA — Ziler, R. de S. Tomé, 54-56 (862835).
LUMIAR — Central do Lumiar, R. do Lumiar, 77 (790480) * Douro, AL das Linhas de Torres, 93-A-B (791131).
MADRAGOA — Eduardo A. César, R. das Trinas 102 (662631).
MOURARIA — J. Ribeiro, Lda., Largo das Olarias, 33 (864643).
PALHAVA — Canto, Est. das Laranjeiras, 202-B (780841).
PENHA DE FRANÇA — Central da Penha, R. Penha de França, 58-60 (849245) * Vitalis, R. Morais Soares, 66-A (848011).
PICHELEIRA — Luzmar, R. João do Nascimento Costa, 16-A (728395-720703).
PRÍNCIPE REAL — Albano, R. da Escola Politécnica, 59 (26750).
REGO — Baptista, R. Francisco Tomás da Costa, 3-C (771873).
ST. AMARO — Correia de Azevedo, R. Luís de Camões, 48-50 (638625).
DE ST. APOLÓNIA AO BEATO — Freitas, R. Zófimo Pedrosa, 11-13 (381136) * Banha, Est. de Chelas, 173-175 (382241) * Frazão, R. da Cruz de St. Apolónia, 90-92 (847019).

Médico permanente

CLÍNICA GERAL
CHAMADAS TELEFÓNICAS
766146

Injeções — Tratamentos — Velas
— Soros — Oxigénio — Camas articuladas — Ambulância
CENTRO DE ENFERMAGEM
PERMANENTE
— TELEFONE 766161 —

LIVROS E AUTORES

COMENTÁRIOS DE ALVARO SALEMA

«Júlio Diniz — A Obra e o Homem»

por João Gaspar Simões

Diminuído na projecção literária ante as gerações posteriores pela irradiação avassaladora dos homens de 70 e não lhe tendo permitido a curta vida o desenvolvimento de uma evolução de que talvez se pudesse esperar muito, Júlio Diniz tem sido postergado para um segundo plano que é injusto sob diversos aspectos. Tem-se visto na sua visão bucólica e suave uma debilidade de realista que não foi capaz de o ser integralmente; na sua indulgente análise dos caracteres uma ingenuidade imperfeita às psicologias complexas; no seu estilo claro e simples uma carência de personalidade de estilo. E esquece-se que o realismo de Júlio Diniz era uma antecipação vigorosa quando o realismo francês ou inglês mal começava a delinear-se e entre nós não havia ainda escritores realistas; que a sua análise psicológica era a de um jovem à volta de trinta anos, sem a perspectiva de uma experiência amadurecida que não chegou a ter; que a sua limpidez e simplicidade formais eram a promessa de um escritor que não pôde realizar-se. Vendo em Júlio Diniz o precursor, senão o introdutor do realismo em Portugal, neste estudo da obra e do homem, João Gaspar Simões presta um acto de justiça literária e dá testemunho de clarividência que só o enaltece.

O estudo é bem construído, coerente e documentado com segurança e permanente interesse. Quer na biografia e no delineamento do ambiente social e humano do escritor, quer na observação da génese da sua obra e na caracterização respectiva, Gaspar Simões realizou bom trabalho, condignamente expressivo em quase todos os passos das positivas qualidades que cumpre reconhecer-lhe. E, sobretudo, um testemunho mais da devoção do incansável trabalhador das nossas coisas literárias, numa vida in-



João Gaspar Simões

teira e já alongada que a essa faina tem dado tudo o que pode dar. Perante uma figura como a do romancista de «Uma Família Inglesa», facilmente interpretável sob os seus angulos mais superficiais, o sentido crítico e a cultura literária de João Gaspar Simões vão criteriosamente rebuscar as raízes mais influentes e salientar os aspectos mais exactos. Neste livro, aliás, faz o autor a concessão de atribuir importância decisiva — embora não se demore muito nela — ao enquadramento político e económico-social em que se gera a personalidade de escritor de Júlio Diniz. É com justiça que assinala o convencionalismo ingénuo de certas personagens primárias do romancista, em paralelo com a prodigiosa flagrança e o pitoresco realista de muitas personagens secundárias que definem a sua tendência mais profunda.

É com maior embaraço, por isso mesmo, que se constata os aspectos menos convincentes do livro: a persistência de João Gaspar Simões, imbuído de um certo psicanalismo precário, nos complexos originados por peculiares situações

filiais dos escritores; as distrações comprometedoras como, entre outras, a de acentuar numa página o «feliz cruzamento de sangue» na raiz biológica de Joaquim Guilherme Gomes Coelho, informando logo na página seguinte que oito filhos gerados nessa raiz morreram precocemente; o descuido passageiro de salientar influências de Jane Austen e de Thackeray em Júlio Diniz sem as analisar e demonstrar.

Do conjunto do trabalho, porém, fica uma impressão dominante de segurança e justeza, não só na investigação informativa como na crítica, que em outras construções biográfico-literárias de João Gaspar Simões, talvez mais ambiciosas, não se pode assinalar tão incondicionalmente. (Coleção A Obra e o Homem, Editora Arcádia, Lisboa).

«Distância»

por Teobaldo Virgínio

É especialmente confortador, para quem acompanha a proliferação anárquica das tentativas literárias de todos os signos, neste nosso tempo, deparar inesperadamente com um verdadeiro escritor — e poder admirar com interesse crescente a sua criação, descobrir as nuances da sua qualidade, referenciar a sua humanidade profunda e séria. Teobaldo Virgínio é cabo-verdiano. Respira e transmite a mesma atmosfera dos melhores escritores que o arquipélago tem gerado: um Jorge Barbosa, um Baltasar Lopes, um António Aurélio Gonçalves; e traz a sua escola, de que a revista «Claridade» foi o órgão desvendante e inapagável, um novo timbre de juventude, de pureza literária, de verismo emocional e sugestão.

Diz a ficha biográfica do esplêndido escritor agora revelado que nasceu em 1924, que só aos 31 anos publicou os primeiros versos, ao cabo de uma juventude agitada de trabalho e de luta. «Distância» é o seu livro inicial em prosa — e é uma criação que logo fascina pela intensidade da expressão humana, pela poesia da realidade, pela perfeição depurada, luminosa e nítida do estilo.

Não é um romance, nem uma colectânea de contos, nem uma cadeia de crónicas de observação social, nem um livro de memórias. Mas tem muito de tudo isso, na liberdade e personalismo da sua composição. A aparência modesta do livro, evocacionista na estrutura, vem a reverter no maior poder da significação, sugerindo o mais fundo sentido que Stendhal atribuiu ao romance: «un miroir que l'on promène le long d'un chemin». É o caminho da sua própria vida, no pequeno mundo crioulo, sofrido e sensível de Cabo Verde, que Teobaldo Virgínio retrata neste livro. Mas a realidade limita nele a ficção com tal poder comunicativo, reveste um timbre tão penetrante de verdade humana na síntese do individual e do universal, que atinge a amplitude da melhor literatura de criação.

Os pequenos quadros do viver localista, o pitoresco sóbrio do exotismo tropical nos hábitos triviais, as figuras humanas simples, as circunstâncias brevemente aludidas do sofrimento, da esperança irrealizada e da sensualidade, desfilam na plenitude da sua naturalidade ao longo destas páginas que só se lamenta serem tão breves. É a poesia da composição, a musicalidade discreta da forma, a isenção do autor perante os caracteres e os seus conflitos, são outras tantas forças de excelente criação literária. O pitoresco e a humanidade funda do livro não estão na sua linguagem. Não precisou o autor de os rebuscar como artista. Brotam da própria verdade, observada através de um temperamento que a transmuta em arte. Como raros dos nossos escritores, Teobaldo Virgínio consegue dar à prosa a expressão lírica sem deixar de ser realista. A paisagem humana de Cabo Verde está viva, com dominada emoção, nas narrativas de «Distância».

Se o autor tiver, ou vier a ter, a garra de um romancista, será um dos mais completos e perfeitos novelistas de língua portuguesa no nosso tempo. E intencionalmente se diz «língua portuguesa», porque é nos grandes escritores brasileiros de hoje, talvez mais do que nos portugueses, que terão de buscar-se os padrões a que as virtualidades ficcionistas de Teobaldo Virgínio



Teobaldo Virgínio

deverão visar. É essa empolgante expectativa a que o novo escritor cabo-verdiano veio desvendar com o seu livro de sugestão revelação. (Coleção Unidade, edição da Agência Geral do Ultramar, Lisboa).

«Mar de Setembro»

por Eugénio de Andrade

Na linha mais constante da lírica portuguesa ou, mais largamente, da lírica ibérica, Eugénio de Andrade tem assinalado uma presença de poeta nos últimos vinte anos que não precisa de muitos livros para se fazer valer e perdurar. «Mar de Setembro» vem agora reavivar, com mais perfeita e límpida pureza formal, superadas as transitórias experiências, essa clara afirmação de um temperamento lírico a que se pode associar sem limitações o tão gasto termo de autenticidade. Se pode conceber-se, como categoria ideal, a noção de poesia pura, é esta a que prevalece nos brandos, delicados e sensíveis poemas de Eugénio de Andrade.

«Mar de Setembro» é um livro que continua, mas também um livro que renova a arte genuína do poeta. Com ele se regressa à frescura juvenil de «Adolescente», na linguagem natural e comunicativa, na emoção de aparência singela encobrindo o profundo toque intimista. Mas o horizonte é mais largo e aberto, mais extrovertido entre o estado íntimo e o mundo que o alimenta e o reflecte. Excede a auto-análise absorvida de há vinte anos, voltando-se à comunhão exterior com melancolia mas sem desencanto: «O sabor eterno do mortal sabor/das fontes da terra». E esse emocionado e vibrante retorno à terra, «mãe ardente», ao mar «frememente de espumas», à luz e à noite, ao «secreto rumor da água» que «inunda os lábios de oiro», imprime outro calor de naturalidade à poesia de «Mar de Setembro».

Entretanto, o poema «Um nome», invocando Guernica numa cadência e numa emoção eluarianas, atesta entre as descobertas líricas intimistas ou de relação telúrica os laços humanos, discretos por serem profundos, que alimentam uma das faces mais vivas da personalidade poética de Eugénio de Andrade. De tudo isso emana, neste livro de claros enigmas, uma sugestão de afinidade com Juan Ramón Jiménez, mais do que com Lôrca, de que o autor de «As Mãos e os Frutos» foi o tradutor delicado e comovido. Entranhadamente ibérico como Jiménez, está Eugénio de Andrade no caminho de uma poesia que despertará mais solidários ecos nos que têm acompanhado interessadamente, desde início, a sua mensagem de escritor. (Coleção Poesia e Verdade, Guimarães Editores, Lisboa).

Registo

É um retrato de demorada formação de personalidade, entre o estudo, o trabalho jornalístico, as primeiras tentativas literárias, este livro «Letra de Imprensa» que foi há pouco publicado por Waldemar Monteiro.

Os intuitos do autor, no seu esforço de consciencialização, afirmaram-se meritórios sob qualquer ângulo; as directivas e solicitações diversas que se revelam nesse esforço parecem muitas vezes hesitantes. O ensaio de abertura do volume é uma apologia calorosa da Imprensa «clara e livre», como «autêntico e insubmisso veículo de informação e cultura»; seguem-se entrevistas com Fernando Namora, Aquilino Ribeiro, Joly Braga Santos, etc.; crónicas sobre temas vários da experiência ou de cultura, com especial destaque de uma apreciação vibrante do livro «Esteiros», de Soeiro Gomes. A juventude do autor justifica as incertezas da sua pesquisa calorosa — mas já em «Letra de Imprensa» começa a

definir-se um rumo, Waldemar Monteiro revela a força interior que pode conduzir a grandes coisas.

Na série do «Cancioneiro» editado pela revista de cultura Vértice publicou Fernando Assis Pacheco o livro de poemas «Cuidar dos Vivos». A inspiração lírica do autor é franca e nítida, geralmente descritiva ou exortatória, saturada de alusões que dizem pouco porque não podem dizer mais — mas aberta a um largo ritmo de sugestões poéticas e de formas harmoniosas que valerá a pena acompanhar com interesse nas suas realizações futuras. Ser «a balança viva que há no tempo» constitui, só por si, uma bela missão para a poesia. E Fernando Assis Pacheco, na heterogeneidade das suas composições está a abrir um caminho possível para essa missão.

Original, visionário e crítico, com um humor fluente que transforma pelo riso as grandes angústias humanas em verdades comuns, Miguel Barbosa intenta na peça «O Palheiro» um teatro novo de interessantes sugestões. O estilo de composição dramática é o de «A Espera de Godot...». Mas o autor sabe inserir-lhe um cunho muito pessoal, alusões flagrantemente, verve continuada e uma ironia que joga habilmente com o fantástico. A peça é editada pela colecção Best-Sellers.

Em separata da Revista de Portugal foi publicado o volume «Novas Recreações Filológicas», de Jorge Daupias, falecido em 1947. A extensa bibliografia do filólogo e operoso dicionarista fica expressivamente valorizada com este livro de ensaios em que são versados, entre outros temas, o das influências do francês antigo na língua portuguesa, os problemas do Vocabulário Ortográfico, as novidades da ortografia oficial, a importância da dialectologia, etc. A personalidade dos pontos de vista de Jorge Daupias tem a servir-lhe um estilo expositivo animado e por vezes pitoresco que mais interessa na leitura.

A editora Livros do Brasil apresentou ultimamente mais duas traduções de assinalável interesse: o romance «Os Patriotas», de James Barlow, que é uma revelação vigorosa e original da nova literatura inglesa, invadida pelos problemas de adaptação dos homens do pós-guerra numa sociedade que não lhes oferece ideais válidos nem finalidade estável; e a esplêndida reconstituição histórica «A Vida Quotidiana na Holanda no Tempo de Rembrandt», por Paul Zumthor, em tradução exemplar de Rogério Fernandes. Estudo de história social, económica e cultural, esta obra é das mais valiosas que a série «A Vida Quotidiana» tem apresentado.

Livros do Brasil consagrou, especialmente, a 2.ª centena atingida nas edições da Coleção Vampiro, de literatura policial, publicando um volume duplo em que se incluem as narrativas «Estação de Transito», de Clifford Simak, e «O Caso da Vela Torcida», de Erle Stanley Gardner. A colecção vem sendo editada há perto de dezasseis anos, justificando o interesse dos apreciadores do género. Na série Os Grandes Romances de Ficção Científica foi publicada pela mesma editora a narrativa de F. Cursac «Cidadão do Universo».

Está a alargar-se com mérito de selecção a série do Livro de Bolso da Editorial Minerva (Colecção Catavento). O último volume apresentado é a novela «Longa Caminhada», de William Styron, que constitui uma das revelações mais notáveis da novelística norte-americana no nosso tempo. A mesma Editorial, depois de «Os Miseráveis», de Victor Hugo, e «Guerra e Paz», de Tolstói, iniciou a publicação em volumes populares do romance de Victor Hugo «Nossa Senhora de Paris», que preencherá dois volumes. Anuncia-se, a seguir, «A Tunica», de Lloyd Douglas, em quatro volumes.

DICKENS
SWIFT
MELVILLE
DEFÖE
MARK TWAIN
JACK LONDON
LEWIS CARROL
GRIMM
PERRAULT
ANDERSEN
LAMORISSE
PRÉVERT
KAFKA
JARRY
ALMADA
AQUILINO
IRENE LISBOA
RAUL BRANDÃO
TORÇA, ETC.

NA ANTOLOGIA

AS MELHORES HISTÓRIAS

PARA A

JUVENTUDE

A EDIÇÃO É ILUSTRADA
POR JOVENS E CONSTARÁ
DE 20 FASCÍCULOS

CADA FASCÍCULO — 25\$00
SÉRIE DE 4 FASCÍCULOS — 90\$00

PEDIDOS AS LIVRARIAS OU A

EDITORIAL

MINOTAURO

R. D. ESTEFÂNIA, 46/B-C-D

TELEF. 53 76 77 — LISBOA